



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM  
CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E  
CONTEMPORANEIDADE-PPGREC**

**ABILIO MENDES DE ALMEIDA**

**MASCULINIDADE NO JAGUNÇO RIOBALDO: UMA  
PERSPECTIVA ÉTNICO-GENDRADA**

Jequié-BA  
2016

**ABILIO MENDES DE ALMEIDA**

**MASCULINIDADE NO JAGUNÇO RIOBALDO: UMA  
PERSPECTIVA ÉTNICO-GENDRADA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Maria de Abreu Barbosa.

Jequié-BA  
2016

A444 Almeida, Abilio Mendes de.  
Masculinidade no jagunço Riobaldo: uma perspectiva étnico-gendradora/Abilio Mendes de Almeida.- Jequié, UESB, 2016.  
140 f. il.; 30cm. (Anexos)

Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade)-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016. Orientadora: Profª. Drª. Adriana Maria de Abreu Barbosa.

1. Gênero e etnicidade – Masculinidade do jagunço Riobaldo (romance Grande Sertão: veredas, João Guimarães Rosa) 2. Jagunço Riobaldo – Literatura rosiana 3. Literatura rosiana (jagunço Riobaldo) – Perspectiva étnico-gendradora I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia II. Título.

CDD – 305.8

ABÍLIO MENDES DE ALMEIDA

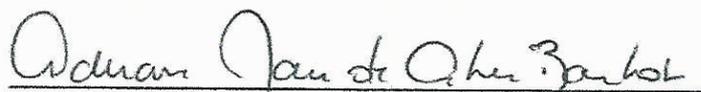
**“MASCULINIDADE NO JAGUNÇO RIOBALDO: UMA PERSPECTIVA ÉTNICO-  
GENDRADA”.**

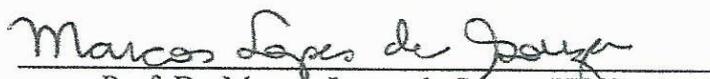
Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em  
Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC, da  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB,  
Campus de Jequié.

Linha de Pesquisa 2: **Etnias, Gênero e Diversidade  
Sexual.**

Aprovada em: 29 de Julho de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Adriana Maria de Abreu Barbosa- UESB  
Orientadora

  
Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza- UESB  
Examinador

  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Sandra Maria Pereira do Sacramento- UESB  
Examinadora

**JEQUIÉ  
2016**

**A** João Guimarães Rosa, como uma forma de agradecimento por ter me apresentado um mundo mágico.

## AGRADECIMENTOS

*Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende.*

Riobaldo

Ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade, pela oportunidade de aprender um pouco sobre o universo da antropologia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro.

A minha orientadora, a professora Adriana Maria de Abreu Barbosa, cujo valor como profissional vai muito além dos títulos que possui. Uma pessoa distinta que sabe ouvir e aceitar sugestões, fazendo do exercício da orientação, antes de tudo, um diálogo. Obrigado pela luta e pelo compromisso!

Aos professores: Marcos Lopes de Souza, pelas sugestões e pelo respeito ao meu trabalho; a Murilo da Costa Ferreira pelas contribuições na banca de qualificação e a Sandra Maria Pereira do Sacramento, pela colaboração na minha banca de defesa.

A Carlos Tadeu Botelho, professor do Departamento de História (DH) da UESB de Vitória da Conquista, pelo material fornecido, pela generosidade com que me recebeu em sua casa e por ter se colocado à disposição para sempre que eu precisasse.

Às minhas sobrinhas Thailiz e Beatriz e ao meu sobrinho Samuel, que das suas infâncias emitem grande parte da energia positiva que me alimenta.

A Allinne Silva Santos, pela irmã-amizade e sabedoria que ultrapassam os estreitos limites do comum. Um beijo, um abraço e um amor!

A Rosilene Alves da Silva, pela mãe-amizade que aninha o meu coração com generosos gestos. Saudosas lembranças! Um beijo e um abraço de luz!

Às minhas colegas de curso Emily Moy e Flavia Querino, pelas palavras de carinho em momentos difíceis.

A Lucas Ribeiro Novaes, pela generosidade no empréstimo de livros.

Ao professor André Luiz Faria, pelo auxílio linguístico.

Ao poeta Ruy Espinheira Filho, pela referência de Manuel Bandeira.

Ao professor, escritor e amigo Maurício Bastos Almeida, pela referência de Fernando Pessoa.

À memória do professor e pesquisador Manoel Soares Sarmiento Filho e a do professor e poeta Ildásio Marques Tavares, amigos que me ensinaram coisas que nenhuma universidade é

capaz de ensinar. Saudade! Dou voz a Guimarães Rosa: “As pessoas não morrem, ficam encantadas”.

Aos transcendentais Caetano Veloso e a Gilberto Gil, aos quais devo todo o meu interesse pela arte e grande parte do desenvolvimento do meu discernimento crítico. Com eles, aprendi a olhar com os olhos da alma e a sonhar com mais vigor. Uma dívida que não poderei pagar!

A João Guimarães Rosa, que faz do meu existir um durar mais poético e, portanto, mais bonito. Grato por cada lágrima de emoção e por cada risada arrancada! Enquanto permaneço nesta vida do “aquém-túmulo”, vou concordante me deixando aprender com as universalidades do sertão: “Sertão: é dentro da gente.”; “Viver é muito perigoso...”.

*O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou (ROSA, 2001, p. 39).*

Riobaldo Tatarana, o Urutú-Branco

## RESUMO

Esta dissertação é um estudo qualitativo sobre a masculinidade do jagunço Riobaldo, personagem protagonista do romance *Grande Sertão: Veredas*, do escritor João Guimarães Rosa (2001). A pesquisa adotou uma perspectiva étnico-gendrada que encontra nos estudos de gênero e etnicidade o seu principal embasamento teórico. Buscou-se compreender como essas duas categorias colaboram na construção da masculinidade dessa personagem, para que fosse possível responder a nossa principal questão norteadora: Riobaldo sofre uma crise de identidade masculina? Como e por quê? Sendo assim, observou-se a maneira como o protagonista do romance se pensa enquanto homem, de acordo com os valores da sociedade patriarcal em que vive, bem como o papel do seu grupo de jagunços na construção desse modelo rígido de macho, na manutenção de um tipo de poder hegemônico e na orientação dos padrões étnicos da jagunçagem, que tem em um determinado tipo de masculinidade a sua principal condição de pertencimento. Consequentemente, foram avaliadas as contradições do discurso de Riobaldo, buscando atentar para os elementos que de alguma forma indiciam a possível crise. Os(as) principais teóricos(as) de gênero utilizados(as) foram: Guacira Lopes Louro (1997), Joan Wallach Scott (1995), Sócrates Nolasco (1993), Pierre Bourdieu (2014) e Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013); os de etnicidade: Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011) e Fredrik Barth (2011). Por se tratar de um olhar sobre o jagunço, foi preciso definir esse tipo regional, o que ocorreu com base em uma pesquisa de Frederico Pernambucano de Mello (2011). Sendo o nosso *corpus* um texto literário e a nossa abordagem uma questão social, fez-se necessário que este trabalho se iniciasse com uma discussão acerca da relação entre literatura e sociedade – parte embasada especialmente nos estudos de Antonio Candido (2014), Anderson Bastos Martins (2013) e Adriana Maria de Abreu Barbosa (2011) – e que, em seguida, se promovesse uma fundamentação – a partir de Teresa de Lauretis (1994) – que define a literatura como um *lócus* de tecnologias de gênero, mostrando como o romance investigado cumpre a sua função tecnológica de criar novos caminhos para se pensar os gêneros e as sexualidades. A metodologia utilizada foi a Análise Crítica do Discurso (ACD), que entende o discurso como uma prática social, e tem aqui como seus principais representantes Norman Fairclough (2001) e Teun A. van Dijk (2010). Através da ACD foram investigados fragmentos do romance, sendo aplicadas sobre eles duas categorias de análise que serviram para revelar as características da masculinidade de Riobaldo e organizá-las em oito campos semânticos.

**Palavras-chave:** Masculinidade. Literatura rosiana. Perspectiva étnico-gendrada. O jagunço Riobaldo.

## ABSTRACT

This essay is a qualitative study on the masculinity of the jagunço<sup>1</sup> Riobaldo, protagonist character from the novel *Grande Sertão<sup>2</sup>:Veredas*, from the author João Guimarães Rosa (2001). The research adopted a double perspective, of ethnicity and gender that found in studies of gender and ethnicity its main theoretical foundation. It tried to understand how these two categories collaborate in the construction of masculinity from that character, being able to answer our main guiding question: Riobaldo suffers a male identity crisis? How and why? Thus, it was observed the way how the novel's protagonist think about himself as a man, according with the patriarchal society's values where he lives, as well as, the role of the "Jagunços" group in the construction of this rough model of "macho", maintaining the type of the hegemonic power and the orientation of the ethnic standards toward the "jagunços" members, which have a specific kind of masculinity their main condition of belonging. Consequently, it was assessed the contradictions of Riobaldo's speech seeking pay attention to the elements that somehow to a possible crisis. The main theorists of gender have been used were, Guacira Lopes Louro (1997), Joan Wallach Scott (1995), Sócrates Nolasco (1993), Pierre Bourdieu (2014) and Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013); the theorists of ethnicity were: Philippe Poutignat and Jocelyne Streiff-Fenart (2011), Fredrik Barth (2011). Because it is about the jagunço, it was necessary to define this regional type, which was based in a research from Frederico Pernambucano de Mello (2011). Being our corpus a literary text and our approach in a social issue, it was necessary that this work was initiated with a discussion about the relationship between literature and society - grounded part - especially in the studies of Antonio Candido (2014), Anderson Bastos Martins (2013) and Adriana Maria de Abreu Barbosa (2011) - and then, to promote a substantiation - from Teresa de Lauretis (1994) - that defines literature as a locus of gender technologies, showing how the investigated novel fulfills its technological function to create new ways to think genders and sexualities. The methodology used was the Discourse Critical Analysis (ACD), that understands discourse as a social practice, and has as its main representatives here, Norman Fairclough (2001) and Teun A. van Dijk (2010). Through ACD, novel fragments were investigated and applied on them two categories that served to reveal the masculinity features of Riobaldo and organize them into eight semantic fields.

**Key-words:** Masculinity; Guimarães Rosa literature; Double perspective, of ethnicity and gender; The jagunço Riobaldo.

---

<sup>1</sup> **Jagunço** - Human type from the Brazilian sertão. He makes his living through the use of guns, offering his work of "protection" to whoever could pay, usually political lords or wealthy farmers. They live in pack with other ones. They are always ready to defend their family, friends, their goods and above all their honor.

<sup>2</sup> **Sertão** - Arid and semi-arid biome that extends in many Brazilian states in the northeast and north of the southeast of Brazil. Also this kind of biome takes a name of Caatinga - a kind of Brazilian savannah.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1. LITERATURA E SOCIEDADE: uma relação de verossimilhança.....	18
1.1. A literatura como <i>lócus</i> de discussões sociais .....	23
1.2. A literatura como <i>lócus</i> de tecnologias de gênero .....	27
CAPÍTULO 2. A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ETNICIDADE: uma perspectiva étnico-gendrada para a compreensão sobre a masculinidade jagunça.....	32
2.1. Sobre a categoria gênero: sua história e sua função social.....	33
2.2. Sobre etnicidade: pertença, fronteiras, grupos étnicos e realce.....	45
2.3. A masculinidade do jagunço Riobaldo .....	54
CAPÍTULO 3. PROPOSTA METODOLÓGICA.....	72
3.1. A análise crítica de discurso (ACD).....	74
3.2. Categorias de análise.....	87
3.3. Grande Sertão: Veredas como <i>Corpus</i> .....	93
CAPÍTULO 4. O DISCURSO DE RIOBALDO: uma masculinidade em crise?.....	95
CAPÍTULO 5. CONCLUSÕES.....	118
REFERÊNCIAS.....	123
ANEXOS .....	126

## INTRODUÇÃO

As lutas pelos direitos das “minorias” não deveriam nunca ser preocupações exclusivas das minorias. Aderir a essa assertiva se torna inevitável quando adquirimos a maturidade crítica necessária para sermos algo além de um indivíduo. Compreender que somos partes de um todo e que a manutenção desse todo depende diretamente da nossa intervenção, é assumir a responsabilidade de fazermos um mundo melhor. Mas o sucesso desse sonho depende de uma coisa fundamental: o exercício cotidiano de colocar-se no lugar do outro.

Ninguém nasce consciente do seu papel social. O desenvolvimento do compromisso de interferir, em benefício de si mesmo e do outro, depende, claro, de uma boa educação familiar e escolar. Nesse quesito, durante a sua infância, o pesquisador desta dissertação foi um privilegiado, sobretudo pela oportunidade de descobrir o prazer e o valor de ler bons livros. Como diria o cantor e compositor Caetano Veloso (1997): “Os livros são objetos transcendentais, mas podemos amá-los do amor tátil que votamos aos maços de cigarro.” (VELOSO, Caetano, 1997, faixa 2).

Além dos incentivos à leitura vindos de sua mãe, o presente mestrando, nascido e criado na cidade de Jequié-BA, pode desfrutar, lá pelos idos da década de 1980, dos ensinamentos do Educandário Nossa Senhora das Graças, responsável pelos seus estudos iniciais. Durante a passagem por essa escola, teve acesso a dois livros infantis que marcaram para sempre a sua vida: *A história do Galo Marquês* e *Amarelinho*, ambos do autor Ganymédes José. Foram esses livros que plantaram dentro dele o embrião do compromisso social. Na criança Abilinho, foi estimulado o dom de pensar e refletir coisas que extrapolavam os limites do particular. Saudoso tempo!

Já no curso de licenciatura em Letras, realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, descobre, por conta própria, o autor João Guimarães Rosa, quase não trabalhado na referida instituição. Um mundo mágico surge. De lá para cá, se debruçou sobre os textos desse autor, concluindo a leitura de toda a sua obra. E foi com a descoberta dos livros *Sagarana* – especialmente do conto *A hora e vez de Augusto Matraga* – e *Grande Sertão: Veredas*, que atentou para um assunto tão íntimo e despercebido, a masculinidade.

Frente à indagação “o que é ser homem?” o autor desta dissertação se achou surpreendido pelas inúmeras possibilidades. A pluralidade das respostas lhe trouxe uma vontade enorme de pesquisar a fundo o assunto. Isso logo lhe remeteu às lembranças das leituras feitas anteriormente sobre os textos de Guimarães.

Reler *Grande Sertão: Veredas* (2001)<sup>3</sup> foi, antes de tudo, um prazer, depois, um grande achado no quesito masculinidades. Uma obra que tanto já havia revelado de beleza literária, agora ressurgia como um *corpus* propício a um estudo teórico sobre gênero e etnicidade. Somado a isto, havia nessa nova proposta de pesquisa um duplo elo de identificação com o seu pesquisador, tendo em vista que este é um homem baiano e a Bahia fora integrada à região Nordeste, embora ainda seja considerada, por muitos, como algo à parte. Independentemente da geografia, a cultura nordestina é muito presente não apenas neste estado, mas em diversos lugares do Brasil. E, no imaginário dessa cultura, há a figura do homem valente, altamente masculinizado, o que dialoga um pouco com o tipo sertanejo jagunço – que tanto cultua a masculinidade – narrado por Guimarães Rosa.

Os traços étnicos dos jagunços de Rosa que despertam neles o sentimento de grupo é um outro achado que surpreende pela sua relação com a problemática de gênero. A ideia de bando passa por essas duas categorias – gênero e etnicidade – que se envolvem intimamente na garantia da pertença de cada membro.

A importância desta pesquisa se apoia na compreensão de uma personagem masculina da ficção que possui semelhanças com alguns tipos de homens de determinados lugares do Brasil. Trata-se de um estudo que irá aprofundar as discussões sobre gênero e etnicidade de uma maneira universal, partindo de uma amostra regional, como, aliás, nos inspira o próprio estilo literário de Guimarães Rosa. Resta-nos, então, de início, compreender um pouco sobre o romance a ser explorado.

*Grande Sertão: Veredas* (2001) é uma obra literária, cuja primeira publicação data de 1956. Um romance contemporâneo que lança um olhar diferenciado sobre o sertão, apresentando-o como um lugar místico e poético, mas sem perder o senso da realidade factual. Apostando numa Língua Portuguesa bastante revigorada, ornamentada por arcaísmos, neologismos, traços de oralidade, dentre outros atributos linguísticos, explorados do nosso próprio idioma e de outros, João Guimarães Rosa (2001) investe na forma prosa-poética. Sobre o assunto, reflete o autor em entrevista concedida a Günter Lorenz, durante o *Congresso de Escritores Latino-Americanos*, realizado em Gênova, em janeiro de 1965:

---

<sup>3</sup> Ano de lançamento da 19ª edição da referida obra.

Escrevo, e creio que este é o meu aparelho de controle: o idioma português, tal como o usamos no Brasil; entretanto, no fundo, enquanto vou escrevendo, eu traduzo, extraio de muitos outros idiomas. Disso resultam meus livros, escritos em um idioma próprio, meu, e pode-se deduzir daí que não me submeto à tirania da gramática e dos dicionários dos outros. A gramática e a chamada filologia, ciência linguística, foram inventadas pelos inimigos da poesia (LORENZ, 1994, p. 35).

Rosa (2001) incorpora o novo através do resgate. Revela ao leitor um estado mais bruto da nossa língua, e o faz colocando-o a serviço da poesia, o que resulta numa escrita profundamente sonora e poética. A esse trabalho de recuperação, é somada uma recriação da sintaxe. Inevitavelmente, surge uma nova linguagem que liberta a Língua Portuguesa das amarras das normas. Nas palavras do artista:

Não sou um revolucionário da língua. Quem afirma isto não tem qualquer sentido da língua, pois julga segundo as aparências. Se tem de haver uma frase feita, eu preferia que me chamassem de reacionário da língua, pois quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segunda a minha imagem (LORENZ, 1994, p. 48-49).

No entanto, Guimarães Rosa (2001) não impressiona apenas pela escolha das ferramentas, que utiliza para compor a sua arte, nem pelas novidades no aspecto estrutural dos seus textos, mas também por estar à frente do seu tempo, extraindo do cenário sertanejo o seu sentido universal e se debruçando sobre temas até então pouco ou quase nada explorados na literatura brasileira. Assim, somos surpreendidos, em 1956, com uma estória de guerra e de amor protagonizada por um jagunço supostamente homossexual, o que nos leva a refletir acerca de um modelo “inflexível” de masculinidade.

Embora Adolfo Caminha<sup>4</sup>, em 1895, já houvesse publicado o romance *Bom-Crioulo*, considerado por estudiosos como o primeiro livro da literatura brasileira a falar da homossexualidade, com Guimarães Rosa (2001) as reflexões sobre essa temática se ampliam, pois ele não só explora o tema, como problematiza as masculinidades, em especial, as dos jagunços, possibilitando-nos a observação de toda uma estrutura social patriarcal rural e os seus discursos gendrados. O autor mineiro transporta o seus leitores para dentro do conflito: Riobaldo vive as angústias de não poder, embora, em muitos momentos deseje, exercer carnalmente o seu amor por Diadorim (até então concebida como um homem).

---

<sup>4</sup> Escritor brasileiro da época do Naturalismo. Autor do romance *Bom-Crioulo*, obra publicada em 1895. Adolfo também publicou poesias e contos.

Não deixemos passar despercebido que as discussões teóricas sobre gênero, no mundo, datam das décadas de 1970 e 1980. No Brasil, cabe a este último período os desdobramentos iniciais das discussões focadas nas masculinidades.

A leitura do livro *Grande Sertão: Veredas* (2001), no século XXI, nos inspira um reencontro com a obra sob uma perspectiva étnico-gendrada. Cremos na literatura como uma das válvulas propulsoras dos mais importantes debates sociais, o que nos faz compreender que, reinterpretar aspectos do livro escolhido, significa colaborar para o fomento dessa função. Consequentemente, não pretendemos nos fechar em uma mera contemplação estética, mas permitir um diálogo aprofundado entre ficção e não-ficção, sobretudo porque reconhecemos que toda expressão estética tem sua contraparte ideológica, como bem nos orienta van Dijk (2010) no texto *Estruturas do Discurso e Estruturas do Poder*. Para tanto, trazemos alguns dos elementos mais atemporais da arte de Guimarães Rosa (2001) para nos ajudar a pensar temas tão inquietantes nos dias atuais.

O discurso de Riobaldo – protagonista do romance em análise – é engessado por princípios catalisadores de um modelo de conduta social e afetiva que encontra resistência em sensações contraditórias da própria personagem, o que provoca uma aparente tensão tanto na sua fala, quanto no seu modo de agir. Interpelados por esta “realidade”, que encontra correspondente na nossa sociedade, somos levados a refletir sobre as identidades de gênero e as identidades sexuais dos sujeitos sociais, bem como sobre os seus conflitos, o que corrobora para a nossa suspeita de que o ex-ocupante da cadeira número 2 da *Academia Brasileira de Letras*, enquanto escritor, operava, dentre outras coisas, com investimentos ideológicos.

O embrião desta dissertação surgiu de dois momentos fundamentais: a reflexão do pesquisador sobre os constantes episódios de preconceito contra homossexuais, por ele testemunhados, na cidade de Jequié (interior da Bahia) e a sua descoberta de um material teórico que discutia o universo masculino. Esses dois acontecimentos, unidos às lembranças extraídas do romance rosiano, mais precisamente àquelas que remetiam a dificuldade de Riobaldo em assumir, publicamente e para si, os seus sentimentos por Diadorim, resultou em um estudo que visa entender o porquê dos medos e dos conflitos em que se encontra imerso o citado jagunço – personagem que nos servirá de modelo para uma análise sociológica mais ampla. Antes da escolha do livro *Grande Sertão: Veredas* (2001) e do início desta investigação, fora publicado pelo mestrando – em parceria com a professora doutora Adriana

Maria de Abreu Barbosa – um artigo sobre outro texto de Rosa (2001), que lhe serviu de exercício para esquematizar o enfoque teórico a ser seguido nesta pesquisa<sup>5</sup>.

Tomado pelas primeiras inquietações, o pesquisador preocupou-se em definir um objeto que não o deixasse cair no equívoco de discutir os problemas de um determinado grupo, camuflando a implicância social de outros na causa analisada. Com esse intuito, rejeitou-se a concepção de que o “problema do homossexual” deva ser tratado como sendo apenas do homossexual, e que um estudo, nesse sentido, se restrinja à “causa gay”. Esse tipo de limitação investigativa acomete muitas pesquisas dentro e fora do meio acadêmico, a exemplo de parte das que promovem um debate sobre os direitos das mulheres ou as que discutem a discriminação sofrida pelos negros. Aliás, sobre essas últimas, alerta a psicóloga Maria Aparecida Silva Bento (2009), em seu artigo *Branqueamento e Branquitude no Brasil*:

A falta de reflexão sobre o papel do branco nas desigualdades raciais é uma forma de reiterar persistentemente que as desigualdades raciais no Brasil constituem um problema exclusivamente do negro, pois só ele é estudado, dissecado, problematizado (BENTO, 2009, p. 26).

[e ainda]:

Evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os explorados, entre os pobres, os negros encontram um *déficit* muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho. A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la. Assim o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza este dado é importante, mas não é só isso (BENTO, 2009, p.27, grifo da autora).

Inversamente, promoveremos um entendimento sobre a masculinidade do jagunço Riobaldo, à construção social que define um modelo de macho que, ao mesmo tempo em que goza de uma hegemonia, sofre as angústias geradas pela “obrigação” de ter que corresponder às expectativas sociais depositadas sobre ele. Observar a negação que esse homem faz de qualquer elemento feminino, com uma repulsa especial à homossexualidade, configura o ponto central de toda essa discussão.

---

<sup>5</sup> Trata-se da publicação do artigo *A honra como reafirmação da identidade masculina no conto A hora e vez de Augusto Matraga, de João Guimarães Rosa*, publicado no 18º volume da *Revista Ártemis* (periódico semestral), em dezembro de 2014. Ver referências.

Cabe-nos explicar que entendemos como **macho** um reducionismo do conceito de homem para uma ideia de um ser mais animalesco e menos complexo. Esse termo, muito usado por tipos sertanejos combatentes de diversas regiões brasileiras, como jagunços e cangaceiros, por exemplo, e, no geral, bastante incorporado pelo imaginário popular do nosso país, foi retratado pelo pesquisador e psicólogo Sócrates Nolasco (1993) no seu livro *O mito da masculinidade*, no qual discute os conflitos que muitos grupos de homens vivem ao se depararem com as dificuldades em atender às expectativas sociais. Essas angústias masculinas se dariam ao tomar-se como referência uma ideia ilusória do que venha a ser um verdadeiro homem. Diz o autor: “Ser homem ficou reduzido a ser macho.” (NOLASCO, 1993, p. 11). E o contexto social patriarcal favorece essa limitação ideológica na medida em que cria e estimula discursos que promovem uma rigidez dessa compreensão. Para Nolasco, é o patriarcado “[...] que separa ‘a vida de um homem’ da ‘vida do macho’” (NOLASCO, 1993, p. 18). O macho age a partir de uma visão polarizada de mundo, o que o leva a negar as especificidades das próprias identidades e a desconsiderar outros tipos de masculinidades mais flexíveis que absorvem elementos femininos ou que, simplesmente, fogem de um padrão rigoroso:

O estereótipo do macho exclui estas diferentes dinâmicas subjetivas, fazendo crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar (NOLASCO, 1993, p. 40).

O nosso objetivo maior é problematizar a masculinidade para compreender se o protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001) sofre ou não uma crise de identidade masculina ao se relacionar com Diadorim. E caso a resposta seja positiva, nos interessa saber o como e o porquê dessa situação. Tal abordagem necessita considerar o contexto histórico-social em que a personagem está inserida. Com esse propósito, trataremos de um aparente caso de homossexualidade, sem desprezar o papel do homem heterossexual – peça fundamental nas discussões de gênero. Através da literatura, entenderemos alguns questionamentos que sobrevivem em diversas sociedades.

Ao avaliar o Banco de Teses da CAPES<sup>6</sup>, com o intuito de buscarmos tudo aquilo que vem sendo produzido acerca de João Guimarães Rosa (2001) e do seu livro *Grande Sertão: Veredas*, constatamos que dos sessenta e três trabalhos disponíveis, quarenta e nove deles

---

<sup>6</sup> Disposto no endereço eletrônico: <http://bancodeteses.capes.gov.br/#>. Acessado em outubro de 2014.

fazem alguma referência, no título ou no resumo, ao autor ou ao referido romance. Quatorze deles (onze dissertações de mestrado e três teses de doutorado) é sobre o romance *Grande Sertão: Veredas*. Apenas um – o trigésimo terceiro trabalho – traz no título o nome da personagem Riobaldo, o que indica uma pesquisa específica sobre o mesmo. Um deles trata de questões de gênero, mas com uma perspectiva voltada para três personagens femininas de histórias diferentes. Nenhum dos trabalhos (dissertações ou teses) encontrados no Banco de Dados da CAPES menciona algo relacionado à masculinidade, gênero e homossexualidade na personagem Riobaldo.

A busca pelo sucesso dos nossos objetivos requer um bom senso de organização. Por isso, dividimos esta dissertação em cinco capítulos. O primeiro, encarregado de discutir a relação entre a literatura e a sociedade e mostrar a obra literária como um lugar de discussões sociais e de tecnologias de gênero; o segundo promoverá um resgate histórico das categorias gênero e etnicidade, visando obter, no leitor, um entendimento prévio sobre cada uma delas, para, em seguida, compreender como a relação das duas cria uma perspectiva étnico-gendrada, altamente eficaz na análise da masculinidade da personagem Riobaldo, cujo aprofundamento se disporá no último item desta parte; o terceiro capítulo é responsável por comunicar a nossa proposta metodológica, com especial atenção para a Análise Crítica do Discurso, suas categorias e os campos semânticos que utilizaremos para classificar algumas características do nosso objeto de pesquisa. Fora isso, trataremos ainda o *Grande Sertão: Veredas* (2001) como *corpus*, fazendo um breve resumo da obra e discutindo o seu valor analítico; o quarto apresentará a análise dos dados, tomando como amostras fragmentos do romance; e, finalmente, o quinto, a exposição das principais conclusões obtidas no nosso percurso.

**Capítulo 1****LITERATURA E SOCIEDADE: uma relação de verossimilhança**

*Legítima literatura deve ser vida. Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida, que ela tem de ser a voz daquilo que eu chamo 'compromisso do coração'. A literatura tem de ser vida! O escritor deve ser o que ele escreve (LORENZ, 1994, p.48).*

João Guimarães Rosa

A relação entre literatura e sociedade é íntima. Sabemos que esses dois universos se interpelam mutuamente, o que resulta em um processo de construção contínuo. Do ponto de vista do discurso – guia fundamental deste trabalho – **a instituição literária** assume lugares de fala que colaboram para a construção da estrutura social, ao mesmo tempo em que é moldada por ela. A literatura, em vias de uma linguagem própria, atua como uma forma de prática social.

Dizer que a literatura é o espelho da sociedade é incorrer no equívoco de minimizar o valor e a utilidade da primeira e condená-la a um papel de passividade diante da segunda. Espelho ou reflexo são termos que nos obrigam a pensar algo meramente como uma projeção, uma cópia fiel. Evidentemente que a criação literária expressa uma sociedade – seja ela qual for – e os seus momentos históricos, o que não quer dizer que se limita a isso, nem tampouco o faça sem questionamentos.

O poder questionador da literatura, salvaguardado por estruturas particulares, faz dela uma instituição autônoma dentro de uma estrutura social maior, garantindo-lhe alguma influência nos cenários sociais.

O que nos leva a visualizar as características da sociedade na literatura, é o que o professor e crítico literário Antônio Candido (2009) chama de **verossimilhança**, ou seja, as conexões existentes entre uma e outra. Dito isto, façamos um recorte especial para falarmos da estrutura específica do romance, na qual, a personagem é um dos elementos necessários para compor a narrativa, e o que mais interessa para esta pesquisa:

A personagem é um ser fictício, – expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2009, p.55).

Assistidos por essa verossimilhança, podemos ver em Riobaldo a representação de um jagunço que, se não transmite ao leitor uma fidelidade ao jagunço fora da ficção, ao menos com ele se comunica intimamente, criando em nós a impressão de uma realidade física. A equiparação entre essas duas verdades traz à luz reflexões que outorga-nos o direito de compreender uma pela outra. O leitor, enquanto sujeito, absorve a obra e a interpreta, completando o seu sentido de criação ao encontrar na comparação com a realidade factual (não-ficcional) uma verdade. No caso da personagem analisada, é possível observarmos o tipo de discurso que ela utiliza na tentativa de firmar um lugar social ancorado em um modelo de masculinidade comum a muitos jagunços do mundo real. Discurso este, construído à sombra de outros discursos sociais e institucionais – produzidos em e mantidos por um contexto histórico específico –, e que trazem consigo ideologias. Nesse exemplo, em especial, uma visão de superioridade masculina calcada na crença da hegemonia do homem e na negatização das feminilidades.

Além disso, não ignoremos o fato de que o(a) autor(a) é um ser inserido no mundo e, portanto, influenciado(a) pelo e influenciador(a) do mesmo. Logo, uma personagem dialoga com o seu(a) sua) criador(a) e com a sociedade, ainda que esta última tenha sido, de algum modo, modificada literariamente. Sobre essa relação autor(a)/mundo/personagem, diz Antonio Cândido (2009):

[...] de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, *a inventada*; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz, seja a realidade individual do romancista, seja a do mundo que o cerca; e que a realidade básica pode aparecer mais ou menos elaborada, transformada, modificada, segundo a concepção do escritor, a sua tendência estética, as suas possibilidades criadoras (2009, p. 69, grifo do autor).

Reconhecer a morte do autor e separá-lo da sua própria obra, como sugeriu Roland Barthes (2004) no seu texto *A morte do autor*, não nos parece uma atitude proveitosa. Não propomos aqui a ressuscitação dessa figura, pois, como diria a professora e feminista Adriana Maria de Abreu Barbosa, no seu livro *Ficções do feminino*: “O autor nunca morreu.”

(BARBOSA, 2011, p. 94). Concordamos com Barthes (2004) em um ponto: não se deve ir à obra com a ânsia de encontrar, imediatamente, toda a vida do autor que a produziu, como que buscando naquela a essência desta. Literatura não é autobiografia, apesar de poder ser, em muitos momentos, autobiográfica. Mas também não podemos negar que um objeto de criação possa possuir muito do seu criador: seus discursos, suas ideologias, suas hipóteses diante da vida, suas crenças, suas conquistas, suas decepções, suas experiências... Como olhar para a literatura de ficção construída por uma escritora feminista e negar, ao menos, a possibilidade de ali estar muito da sua vivência em relação a algo tão importante para si – o gênero? Como anular a marca da experiência racista em obras de escritores negros? Como não ver na ficção de um escritor como José Saramago, por exemplo, toda a sua riqueza literária misturada à sua posição pessoal em relação à Igreja e à ideia de Deus? Admitir a presença do autor na obra não implica em prejudicar a arte. Mais uma vez, Adriana (2011), esclarece: “Embasada em outras teorias do discurso (não apenas a francesa) insisto na intencionalidade da obra e isso não quer dizer que intenção e projeto excluam o inconsciente no processo de escritura.” (BARBOSA, 2011, p. 93). O próprio Guimarães Rosa (2001), quando perguntado, em entrevista, por Günter Lorenz, se o *Grande Sertão: Veredas* era um romance autobiográfico, respondeu:

É, desde que você não considere uma autobiografia como algo excessivamente lógico. É uma ‘autobiografia irracional’, ou melhor, minha auto-reflexão irracional. Naturalmente, que me identifico com este livro (LORENZ, 1994, p. 58-59).

Obviamente que o leitor é o destino da obra, como disse Barthes (2004), mas para haver um destino é preciso haver uma origem. A inspiração nasce no criador – sujeito social – em contato com o mundo, portanto, mesmo que não se disponham de maneira tão clara na obra, as sensações sempre são de quem as escreve, podendo encontrar no receptor uma profunda identificação – gerando o sentimento de que o texto fala da sua vida (do leitor) – ou uma rejeição. Os recursos estéticos utilizados pelo escritor permitem ao leitor atribuir diversos significados a um mesmo texto, o que não impede que uma dessas interpretações ou nenhuma delas seja realmente algo que, em sua vida pessoal, o autor experimentou. Sobre isso, diz Adriana (2011):

Do outro lado, na ponta da recepção, um leitor é livre para gerar novos significados, imprimindo valores a cada nova leitura. Nunca entendi porque era preciso matar a origem para garantir novas significações. A assinatura de

um texto, por mais que aponte caminhos, não impede ao leitor outras trilhas a serem percorridas (BARBOSA, 2011, p. 94).

Fora as sensações, há ainda fatos concretos da vida de escritores, que podem estar em um livro, histórias particulares contadas de maneira muito realista, ou recriadas e integradas à ficção. Não podemos descartar a possibilidade – até arriscaríamos a dizer, algumas certezas – de que muito do que se encontra nas páginas do *Grande Sertão: Veredas* (2001) foi vivido realmente pelo seu autor, que, aliás, além de artista também foi uma espécie de etnógrafo, quando se embrenhou pelo sertão mineiro, junto com grupos de jagunços e vaqueiros, para viver e registrar, em numerosos cadernos de anotações, os aspectos culturais e as histórias daquele povo e daquele local. Nessas anotações, constam descrições de costumes, vestimentas, formas de falar, bem como nomes de espécies que compunham a flora e a fauna locais. A esses registros se uniu a parte da irracionalidade da qual falou o próprio Guimarães, empregada a uma linguagem cuidadosamente trabalhada e a uma estrutura coerente, o que resultou em suas obras, dentre elas, o romance aqui analisado pelo pesquisador.

Um grande exemplo da presença do autor na obra nos foi trazido pelo professor Anderson Bastos Martins (2013), no seu artigo intitulado *O suicídio do autor*. O estudo mostra como o romance inacabado *The Pale King*, do escritor norte-americano David Foster Wallace, que sofria de depressão e se suicidou em setembro de 2008, aos 46 anos de idade, contém fortes indícios da sua vida pessoal. Anderson (2013) argumenta que, antes mesmo da publicação do livro de David, o mundo literário norte-americano voltou todas as suas atenções para a vida do autor, sendo que:

[...] enquanto alguns se perguntavam se seria possível estabelecer uma relação entre o romance e o suicídio de seu autor, outros se exasperavam com as evidências cada vez mais claras de que a busca por essa relação seria inevitável (MARTINS, 2013, p. 46).

Publicado, o romance de Wallace revelou ao público que o seu tema era o tédio. Segundo Anderson (2013), o norte-americano fez sim da sua vida um romance, a ponto de criar nessa obra uma personagem chamada David Foster Wallace, que, por diversas vezes, interrompia a narrativa para dizer ao leitor: “Aqui quem fala é o autor” (MARTINS, 2013, p. 49). Dessa maneira, não apenas pela semelhança do tema da obra com a rotina pessoal de David, mas também por ele gerar uma personagem com o seu próprio nome, é que Anderson Martins afirma:

[...] quando se lê ‘aqui quem fala é o autor’, é impossível esquecer o fato inelutável do suicídio do autor durante a escrita do livro. Como não pensar, por alguns minutos, que *The Pale King* é, sim, a carta de despedida de David Foster Wallace? Como não procurar no texto por indícios de um desejo de morte? (MARTINS, 2013, p. 49, grifo do autor).

Por essas e outras é que o autor não morreu. Mais do que nunca ele está vivo em livros como o *Grande Sertão: Veredas* (2001), onde tudo soa como pura ficção, mas que, no fundo, guarda laços estreitos com o universo íntimo do seu autor, que, por diversas vezes, declarou o seu fascínio pelo sertão: “[...] o sertão é o terreno da eternidade, da solidão [...]. No sertão, o homem é o *eu* que ainda não encontrou o *tu*: por isso ali os anjos ou o diabo ainda manuseiam a língua. O sertanejo [...] está ainda além do céu e do inferno.” (LORENZ, 1994, p. 50, grifos do autor). Do mesmo modo, diz Riobaldo: “Sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2001, p. 325). Mas, Tatarana não é Guimarães Rosa (2001).

Resta-nos lembrar que uma obra não se realiza completamente pelas vias da sua estrutura formal, se esta não é bem elaborada. Falta que compromete a eficácia da verossimilhança, a qual é guia fundamental para nos ajudar a entender o diálogo entre o romance *Grande Sertão: Veredas* (2001) e a sociedade, no que se refere às questões de gênero e etnicidade. Os pontos de contato com o mundo físico e a força expressiva da realidade criada se tornam frouxos se as técnicas não são bem empregadas. Estas se unem à inspiração do(a) artista, dando forma e consistência ao que surge disperso:

[...] a verossimilhança propriamente dita, – que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção *igual* a vida), – acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. [...]. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente (CANDIDO, 2009, p. 75, grifo do autor).

Em arte, **o rigor é indispensável** e dele depende uma estrutura consistente, aliada a uma linguagem, necessariamente, significativa. Guimarães (2001) nos ensina que “[...] a linguagem e a vida são uma coisa só. [...] e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente.” (LORENZ, 1994, p. 47) e que:

Nesta Babel espiritual de valores em que hoje vivemos, cada autor deve criar seu próprio léxico, e não lhe sobra nenhuma alternativa; do contrário, simplesmente não pode cumprir sua missão. Estes jovens tolos que declaram abertamente que não se trata mais da língua, que apenas o conteúdo tem valor, são pobres coitados dignos de pena (LORENZ, 1994, p. 53).

A literatura, um dos modos de arte, cumpre o seu papel social, seja ela uma produção engajada ou não, quando une as duas pontas desse fio (o talento e a técnica), ocasionando o surgimento de um elo, que culminará na eclosão de uma grande expressão artística.

Rosa (2001) rompe a lógica da língua e da gramática para valorizar a poesia e o lirismo, sem comprometer a estrutura básica que caracteriza um romance como tal e garantindo-nos a verossimilhança tão imprescindível para entendermos o tipo de masculinidade e as características étnicas presentes no discurso da personagem Riobaldo.

### 1.1. A LITERATURA COMO *LÓCUS* DE DISCUSSÕES SOCIAIS

Este trabalho insiste em mostrar o valor estético e social do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (2001) por compreender que, diante de uma relação tão íntima entre literatura e sociedade, se possam aprofundar discussões que envolvam questões de gênero e de etnicidade. Não propomos aqui uma análise caracteristicamente paralela; ao contrário, apostamos na interpenetração existente entre o objeto literário e a realidade externa, como sugere Antônio Candido (2014), no seu livro intitulado *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. Não é do nosso interesse um estudo fechado, voltado somente para a análise da obra e os seus aparatos técnicos, nem tampouco uma investigação limitada a ressaltar os aspectos sociais presentes no livro, como se eles fossem passageiros de algo que exerce um papel de mero condutor de informações. Entendemos que o externo<sup>7</sup> influencia na composição da estrutura interna do texto, e esta, devolve significados à sociedade, modificando-a. Posto isso, precisamos valorizar uma análise unificada que integra arte e vida. Mas, por estarmos especialmente atentos às questões de gênero e etnicidade presentes na obra selecionada, é possível que, em muitos momentos, os aspectos sociológicos ressaíam mais do que os estéticos. Todavia, sem esquecer que a realidade não ficcional é parte constituidora da ficção e vice-versa. Para Candido (2014):

Uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente. Mas nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra (CANDIDO, 2014, p. 17).

---

<sup>7</sup> Termo utilizado pelo professor e crítico literário Antonio Candido, no livro *Literatura e sociedade* (2014) para se referir ao social.

Todo o enredo do *Grande Sertão: Veredas* (2001) é construído sobre o conflito pessoal de Riobaldo – o jeito angustiado como ele lida com a própria masculinidade. Ainda que transpassado por diversos outros acontecimentos, esse é o foco da trama. A suposta crise de identidade masculina sofrida pela protagonista não é afirmada pelo romancista e nem ilustrada de maneira redutora; ela é “[...] sugerida na própria composição do todo e das partes, na maneira por que organiza a matéria, a fim de lhe dar uma certa expressividade.” (CÂNDIDO, 2014, p. 16). O que nos faz crer que o elemento social não está no livro exclusivamente como uma referência a uma época ou a uma sociedade, mas, sobretudo, como uma parte da estrutura particular do romance. Houve a transformação da dimensão social em arte. O significado social do discurso do jagunço Riobaldo é responsável por desenhar toda a configuração estrutural da referida obra.

É relevante considerarmos que uma produção literária, por mais que pretenda ser uma cópia fiel da realidade, sempre manterá com esta uma relação arbitrária. Nesse caso, o jagunço do *Grande Sertão: Veredas* (2001) não é o jagunço do mundo real, porque a literatura, como locus de tecnologias de gênero, possibilita a construção de identidades masculinas ainda não representadas. O romance *Grande Sertão: Veredas* (2001) propõe um olhar sobre as masculinidades a partir de outro lugar que não o referendado pelas hegemonias. Uma posição marginal que Teresa de Lauretis (1994) – ao tomar de empréstimo o termo utilizado pela teoria do cinema – chamou de “*space-off*”: “Eu o imagino como espaços nas margens dos discursos hegemônicos, espaços sociais entalhados nos interstícios das instituições e nas fendas e brechas dos aparelhos de poder-conhecimento.” (LAURETIS, 1994, p. 237). Espaços esses que, segundo a autora, também podem ser discursivos. E é justamente essa modificação proposta pela literatura que produz um alto nível de expressividade estética, provocando no leitor a sensação de estar diante de uma verdade. Na observação de Antônio Candido (2014):

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal (CÂNDIDO, 2014, p. 22).

O livro de Rosa (2001) permite questionarmos a padronização da identidade étnico-gendrada do jagunço, não importando se este tipo sertanejo é o de Minas Gerais ou o de

outros lugares, posto que o discurso hegemônico reservou ao jagunço um estereótipo de masculinidade heterossexual, indelicado, valente e viril. Trata-se de uma contestação de um modelo universalizado e não apenas da observação de um caso regional extraordinário. A estória nos faz pensar uma questão fundamental: não pode haver um jagunço que fuja dos padrões estabelecidos pelo discurso hegemônico? Riobaldo, mesmo pertencendo a um bando da jagunçagem, nos faz enxergar outros caminhos para o seu ser, que não os previamente traçados.

O romance analisado, como toda a obra rosiana, contém, obviamente, muito da sociedade e do momento histórico da época. E não esqueçamos o papel de etnógrafo exercido por Rosa para compor muitos dos seus livros. Mesmo assim, as descrições dos fatos reais desenvolvidas pelo autor chegam ao leitor como reinvenções – dado o papel de criador do artista – de grande expressão que transformam o externo e o interno<sup>8</sup> em um todo artisticamente coerente, que, novamente, virá a dialogar com a sociedade. Pronto, o objeto artístico apresentará, pela interpretação do leitor, uma sugestão verossímil da sociedade descrita.

Convencido da necessidade de uma interpretação dialética sobre a relação entre literatura e sociedade, Antônio Candido (2014) acredita na importância de tentar responder a duas perguntas complementares: “[...] qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? [...] qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?” (CANDIDO, 2014, p. 28). Desta maneira, segundo ele, é anulado o mecanicismo que caracteriza uma série de estudos sobre o assunto. Observa ainda que as duas tendências tradicionais de dar resposta a essas perguntas – estudos que tentam mostrar até que ponto a arte é expressão da sociedade e estudos que se preocupam com o quanto a arte fala dos problemas sociais – são redutoras, posto que não prezam pela interpretação.

Que a arte expressa a sociedade, isto é óbvio. E o valor social das obras não deve ser medido pela quantidade de aspectos morais ou políticos que pode haver no seu conteúdo. Candido (2014) diz que é preciso entender concretamente as influências dos fatores sociais nas obras. Para ele, “[...] os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação.” (CANDIDO, 2014, p. 31). E:

O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros

---

<sup>8</sup> Termo usado por Antonio Candido, no livro *Literatura e sociedade* (2014) para tratar da estrutura interna da obra.

se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a-) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b-) escolhe certos temas, c-) usa certas formas e d-) a síntese resultante age sobre o meio (CANDIDO, 2014, p. 31).

Conscientes daquilo que Antônio (2014) chama de “[...] os três elementos fundamentais da comunicação artística – autor, obra, público [...]” (CANDIDO, 2014, p. 33), compreendemos que existe uma influência recíproca na relação obra/sociedade. Apliquemos essas informações à realidade do romance analisado por esta pesquisa, para que possamos visualizar melhor todo esse processo: Guimarães Rosa (2001) (o artista criador), movido por “[...] forças sociais condicionantes [...]” (CANDIDO, 2014, p. 35) – nas quais se incluem os fatos observados pelo autor-etnógrafo, durante as suas viagens pelo sertão –, cria o romance *Grande Sertão: Veredas* (2001), utilizando-se de elementos individuais que por sua vez se identificam com as “[...] aspirações e valores do seu tempo [...]” (CANDIDO, 2014, p. 35), de tal modo, a aparentar uma dissolução dentro da sociedade. Essas aspirações e valores abarcam o discurso patriarcal rural que desenha a figura do jagunço como um tipo masculino heterossexual, mas, ao mesmo tempo, contempla as possibilidades e exigências para uma flexibilização desse modelo rígido ainda não legitimadas pela realidade daquele contexto histórico. Os recursos individuais ganham um sentido social pela correspondência das necessidades coletivas, as quais atuam como agentes, permitindo “[...] que os indivíduos possam exprimir-se, encontrando repercussão no grupo.” (CANDIDO, 2014, p. 35). Inevitavelmente, chegamos ao entendimento de que a iniciativa individual e as condições sociais estão profundamente ligadas na constituição da obra.

Rosa (2001) pertence a um grupo de criadores que, assim como ele, dominam uma série de técnicas que lhes permitem efetuar, em um setor específico, as necessidades de todos. O investimento dessas habilidades é feito na obra, juntamente com ideologias e sistemas de comunicação que, juntos, acabam se tornando um composto artístico com uma estrutura própria e com valor social. Sobre o assunto, argumenta Candido (2014):

Quanto à obra, focalizemos o influxo exercido pelos valores sociais, ideologias e sistemas de comunicação, que nela se transmudam em conteúdo e forma, discerníveis apenas logicamente, pois na realidade decorrem do impulso criador como unidade inseparável. Aceita, porém, a divisão, lembremos que os valores e ideologias contribuem principalmente para o *conteúdo*, enquanto as modalidades de comunicação influem mais na *forma* (CANDIDO, 2014, p. 40, grifos do autor).

O produto final (a obra) só se realiza totalmente quando é acolhido pelo elemento receptor – o público. Este possui uma grande influência sobre o artista e sobre o destino da obra. Guimarães Rosa (2001) não insistiria tanto em falar do jagunço e da masculinidade, se não tivesse encontrado nos seus leitores uma aceitação bastante considerável. Pelo mesmo motivo, as suas publicações não teriam tido uma destinação tão gloriosa, conseguindo ultrapassar todas as etapas para um sucesso de crítica dentro e fora do Brasil. Ainda de acordo com Cândido (2014) os públicos possuem valores que os levam a se comportarem de uma determinada maneira e que exprimem expectativas sociais, as quais, geralmente, viram rotina (CANDIDO, 2014). Para ele, “[...] mesmo quando pensamos ser nós mesmos, somos público, pertencemos a uma massa cujas reações obedecem a condicionamentos do momento e do meio.” (CANDIDO, 2014, p.46). O posicionamento dos leitores em relação às obras podem variar com o tempo, justificando-se tal conduta por fatores histórico-sociais.

Por tudo que foi exposto acima, sabemos que os fatores sociais agem diretamente nas artes, às quais se inclui a literatura. E disso resulta o que Antônio (2014) chama de “[...] relação inextricável [...]” (CANDIDO, 2014, p. 47) entre obra, autor e público. A presente pesquisa tem, por cuidado e dedicação, o compromisso de considerar todo esse processo que envolve o nosso objeto de análise, parte integrante de uma obra. Como uma síntese de esclarecimento vale destacar, mais uma vez, o importante estudo de Antônio Candido (2014), para quem “[...] a arte é [...] um sistema simbólico de comunicação inter-humana [...]” (CANDIDO, 2014, p. 47):

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. [...] o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra.

A obra, por sua vez, vincula o autor ao público, pois o interesse deste é inicialmente por ela, só se estendendo à personalidade que a produziu depois de estabelecido aquele contacto indispensável. Assim, à série autor-público-obra, junta-se outra: autor-obra-público. Mas o autor, do seu lado, é intermediário entre a obra, que criou, e o público, a que se dirige; é o agente que desencadeia o processo, definindo uma terceira série interativa: obra-autor-público (CANDIDO, 2014, p.48).

## 1.2. A LITERATURA COMO *LÓCUS* DE TECNOLOGIAS DE GÊNERO

A literatura enquanto instituição produtora de discursos pode colaborar com a manutenção de ideologias dominantes de outras instituições sociais, reproduzindo os seus discursos que, por sua vez, estão a serviço do poder. Do mesmo modo, ela pode questionar

essas ideologias e esses discursos, causando uma mudança de perspectiva que irá gerar novas reflexões e algumas rupturas em conceitos e práticas já consagradas pela sociedade.

Para Lauretis (1994) o gênero é “[...] produto e processo de um certo número de tecnologias sociais ou aparatos biomédicos [...]” (LAURETIS, 1994, p. 208). Como lócus de algumas dessas tecnologias, temos a literatura, que contribui discursivamente para construção das representações de gênero, gerando sobre os indivíduos sociais significados, valores, privilégios, status hierárquico etc, e ajudando a manter ou transformar as estruturas sociais. Nesse quesito, os discursos literários cumprem um papel determinante tanto quanto os de outras instituições, teorias, epistemologias e práticas cotidianas. A literatura é um dos tipos de arte e, em Lauretis (1994), vemos que “a representação do gênero é a sua construção – e num sentido mais comum pode-se dizer que toda a arte e a cultura erudita ocidental são um registro da história dessa construção.” (LAURETIS, 1994, p. 209).

Não dá para falarmos da literatura, enquanto tecnologia de gênero, sem acrescentar a informação de que o cânone literário – ao qual Guimarães Rosa (2001) pertence – foi construído e, reafirmado, ao longo dos séculos, sob uma ótica masculina. Isso garantiu aos homens os principais espaços de poder dentro do cenário cultural, e reservou a eles o direito de avaliar e julgar o valor intelectual das publicações. Assim, a literatura de autoria feminina foi segregada à margem do cânone, situação que vem sendo lentamente transformada com o passar dos anos. Tomemos como ilustração a nossa realidade brasileira: em 20 de julho de 1897 foi inaugurada a *Academia Brasileira de Letras* e, somente no ano de 1977, Rachel de Queiroz<sup>9</sup> foi eleita a primeira imortal dessa instituição cultural. A literatura feita por **elas**, mesmo com todos os avanços e reconhecimentos, ainda hoje, ocupa um lugar muito menor do que o preenchido por **eles**. Rita Therezinha Schimidt (1999) aprofunda essa discussão:

É necessário compreender que todo cânone é uma forma institucionalizada através da qual uma cultura específica define e determina o que vem a ser a sua literatura representativa, isto é, os textos de referência que recortam a singularidade discursiva e representacional daquela cultura. Um cânone não se constitui, todavia, através de um processo espontâneo e gratuito, mas é resultado de valores dentro de um contexto em que muitos fatores entram em jogo [...] o que significa dizer que a construção de um cânone é, em larga medida, uma decorrência do poder do discurso crítico e das instituições que o abrigam (SCHIMIDT, 1999, p. 38).

---

<sup>9</sup> Escritora brasileira classificada pela historiografia literária como pertencente ao Segundo Momento Modernista e integrante do famoso grupo dos Romancistas da Geração de 30. A primeira mulher a ocupar uma cadeira na *Academia Brasileira de Letras*, em 1977. Autora de livros como: *O Quinze* (1930), *Caminho de Pedras* (1937), *As três Marias* (1939) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

As sociedades androcêntricas inauguram instituições que fabricam discursos gendrados, mantenedores das diferenças, mas, ao mesmo tempo, fundadores e normatizadores de critérios políticos e ideológicos que estabelecem uma desproporção em termos de direitos e valores entre homens e mulheres. Inevitavelmente, a instituição literária é diretamente afetada por esse tipo de pensamento.

Entender que a literatura é um lócus de tecnologia de gênero requer uma consciência e compreensão sobre a existência de uma estrutura social maior. Um discurso literário, canônico ou não, não é produzido de um jeito solto, mas, na relação com outros discursos sociais que, do mesmo modo, influenciam na criação dos significados das representações.

Em meio a toda uma configuração social, há autores(as) que, se não rompem totalmente com a ideologia androcêntrica, ao menos contestam alguns dos seus discursos maniqueístas. Ao lermos o romance *Grande Sertão: veredas* (2001) entendemos que o desconforto causado pelo autor, ao criar duas personagens ambíguas – para nos limitarmos apenas a falar de Riobaldo e Diadorim –, dialoga com os discursos não polarizados de gênero. A literatura de Guimarães (2001) exerce a sua função tecnológica de contribuir para a formação de novos pensamentos, mais flexíveis e questionadores, acerca da citada categoria.

O livro em análise, através das falas da personagem Riobaldo, convida o leitor a um campo de reflexões e provocações sobre gênero e etnicidade, no momento em que resgata uma visão polarizada e secular sobre a masculinidade do jagunço, para questioná-la a partir de fissuras que o enredo da trama provoca. Isso ocorre devido ao fato de o autor priorizar o conflito, ao invés de se limitar ao falso conforto que os modelos sociais consagrados promovem. Riobaldo e Diadorim representam, respectivamente, uma masculinidade e uma feminilidade que se movimentam em outras direções, que negam as dicotomizações e que encontram em variadas sociedades legítimos correspondentes. Em Tatarana<sup>10</sup>, os elementos identitários masculinos se misturam aos femininos, ocorrendo o mesmo em Diadorim.

O romance rosiano não cumpre o papel de reprodutor de um discurso literário que entende os gêneros e as sexualidades como coisas fechadas; ao contrário, exerce a função de um construtor de novas formas de ser e de amar. Ainda assim, o livro exerce a sua função de tecnologia de gênero, pois, como argumenta Lauretis (1994), “[...] a construção do gênero também se faz por meio de sua desconstrução [...]” (LAURETIS, 1994, p. 209). Ao desconstruir um discurso e criar outros, o autor possibilita que novos modelos possam ser cristalizados por um público.

---

<sup>10</sup> Apelido atribuído a Riobaldo pelos seus colegas de jagunçagem.

O cinema, como argumenta Lauretis (1994), é uma tecnologia de gênero e opera através das suas técnicas para forjar modelos de homens e mulheres. Da mesma maneira, a literatura também atua na criação de estereótipos masculinos e femininos e na implementação ou divulgação de determinados discursos opressores:

[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e ‘implantar’ representações de gênero (LAURETIS, 1994, p. 228).

Para exemplificarmos esse entendimento, recordemos a idealização da mulher no período literário romântico brasileiro (séculos XVIII e XIX), quando ela era vista pelos escritores como fonte de pureza, modelo ideal de representação – uma encarnação do amor; enquanto as prostitutas – como se não fossem mulheres de verdade – eram descritas meramente como uma das possibilidades de fuga da realidade do autor romântico, assim como o álcool, o ópio, a saudade da infância, a morte e outros. Os autores do Romantismo, salvo raras exceções, voltavam-se para uma realidade subjetiva e egocêntrica, deixando-se perder a consciência do todo (da sociedade) e, assim, não davam conta da importância da pluralização do masculino e do feminino. A cargo disso, a (re)produção de um discurso modulado por parâmetros androcêntricos muito valorizados na sociedade da época. A voz era sempre de um homem que clamava, visando curar-se dos males e das dores sentimentais, pelo amor da mulher imaginada.

Em Rosa (2001), o jagunço idealizado é questionado, desacreditado, enquanto correspondente absoluto de uma expectativa social, por sua vez, constituída sobre bases patriarcais. Ao criar a personagem Riobaldo, o autor foge da estereotipia do jagunço, descumprindo o acordo tácito que, em tese, garantia uma previsibilidade inalterada da sexualidade e do gênero do homem do sertão. Tatarana é o que ninguém esperava que ele fosse: um sujeito instável que se vê forçado a passar a vida em um cárcere, que é ele mesmo. Os seus carcereiros são os discursos seculares provenientes de uma ideologia masculina hegemônica que faz de tudo para mantê-lo afastado das outras possibilidades de discursos e práticas sociais. Essa situação nos faz lembrar aquele outro acordo tácito que diz respeito às mulheres: uma indicação essencialista, que, há muito, encontra na própria crítica feminista uma resistência devido ao seu teor ultrapassado. Adriana Abreu (2011) comenta sobre isso:

Neste acordo, está inserido também o polêmico conceito de ‘ser mulher’. E, sobre ele, sobrepõem-se várias expectativas comportamentais que, coladas às

imagens femininas, compreendem, assim, um código que deve ser apreendido pelas mulheres para tornarem-se exatamente aquilo que se espera delas (BARBOSA, 2001, p. 26).

João Guimarães Rosa (2001) desestabiliza um dos discursos da tradição canônica literária – o da masculinidade hegemônica –, que pode ser encontrado tanto em obras de escritores quanto de escritoras, como uma marca identitária do androcentrismo, e coloca em pauta outros possíveis caminhos para se pensar o universo masculino e o feminino.

**Capítulo 2****A RELAÇÃO ENTRE GÊNERO E ETNICIDADE: uma perspectiva étnico-gendrada para a compreensão sobre a masculinidade jagunça**

Estudar o conceito de masculinidade sugerido no romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (2001) nos levou a investir em uma perspectiva étnico-gendrada, em vista de dois aspectos: primeiro, estarmos diante de uma obra que nos apresenta um tipo de masculinidade estruturada por uma sociedade ainda sob a influência da herança patriarcal, e mantida pelos ditames de uma cultura de violência peculiar, exercitada no meio rural; segundo, porque para entendermos melhor o modelo de macho incorporado pela personagem Riobaldo, faz-se necessário analisar os traços étnicos que definem o tipo sertanejo jagunço, bem como a demarcação das suas fronteiras e o realce das suas identidades na relação com outros grupos.

Com esse propósito, reconhecemos na imbricação das categorias gênero e etnicidade os pilares para esta investigação científica que intenta responder: o jagunço Riobaldo sofre uma crise de identidade masculina frente a um sentimento de amor por outro “homem”? Como e por quê?

A masculinidade do jagunço Riobaldo não busca atender apenas a critérios e modelos de uma sociedade patriarcal rural, que trata as feminilidades como um símbolo de inferioridade, mas também tenta corresponder a uma exigência particular de grupo que vê na macheza a condição primeira para um pertencimento étnico. Só dá para pensar em ser jagunço e possuir outros elementos de diferenciação que o torne um real integrante da jagunçagem, se for um homem-macho-heterossexual, destemido, valente e viril; do contrário, não se trata de alguém digno de honrar uma etnia, que se alimenta de uma visão androcêntrica de mundo.

Pela ideologia jagunça, só é permitido **ao homem** pertencer a um bando formado por indivíduos, que estão dispostos a lutarem com armas pelos seus interesses pessoais ou de algum patrão. E, a esse homem, não cabe nenhum “desvio de conduta”, que coloque em dúvida a sua macheza e a sua coragem perante o seu grupo.

Os dois pontos seguintes se encarregam de esclarecer um pouco da história das categorias gênero e etnicidade, e como ambas, numa íntima relação, se aplicam ao nosso objeto de pesquisa. Veremos, portanto, a partir de uma perspectiva étnico-gendrada, como

podemos entender melhor a masculinidade da protagonista do romance *Grande Sertão: Veredas*, do autor João Guimarães Rosa (2001).

## 2.1. SOBRE A CATEGORIA GÊNERO: SUA HISTÓRIA E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Desde o surgimento, no século XX, da categoria gênero, a masculinidade passou a ser analisada de maneira mais detalhada, levando-se em conta as suas diversas formas de manifestações sociais, bem como as suas implicações. Apesar de o universo masculino ser contestado, no Ocidente, desde as primeiras correntes feministas – no século XIX –, inicialmente, as mulheres só falavam no binômio homem/mulher; dominador/dominada. Vingava uma ideia abstrata de domínio, que não precisaria ser estudada, pois já era algo instituído. A própria categoria mulher era tratada no âmbito geral, sem apresentar peculiaridades. A mulher – sujeito único e universal desses estudos – aparecia como um modelo pronto, ou seja, a luta pelos direitos de uma delas era, em tese, a luta pelos direitos de todas. Não se consideravam as necessidades de conquistas específicas. Só mais tarde, as diferenças entre as próprias mulheres, observando as suas variadas experiências, sociedades e os seus contextos históricos, foram valorizadas.

Para apresentar um panorama geral do tema **estudos de gênero**, recorreremos a duas autoras, a saber: Guacira Lopes Louro (1997), professora e escritora brasileira e Joan Wallach Scott (1995), historiadora norte-americana. Da primeira, utilizaremos o livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*; da segunda, o artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Esses materiais, de uma forma geral, nos ajudarão a entender como e por que foi criada a categoria gênero. Ambas partem do princípio de que as palavras têm história. Portanto, o primeiro aprendizado que devemos ter é que gênero surge a partir das lutas feministas.

Segundo Guacira Lopes (1997) e Joan Scott (1995), o movimento feminista apresentou diferentes características e aspirações ao longo do tempo. Os primeiros grupos, na virada do século XIX para o XX, lutavam contra as discriminações sofridas pelas mulheres, sobretudo, em relação ao direito de votar (o sufrágio), que ficou conhecido como **a primeira onda do feminismo**. Além disso, essa proposta também visava conquistas no âmbito da família, da educação e do trabalho. No entanto, Guacira nos chama atenção para um detalhe importante: esse momento inicial do feminismo era direcionado “[...] ao interesse das mulheres brancas de classe média [...]” (LOURO, 1997, p. 15).

A **segunda onda do feminismo** – iniciada no final da década de 1960 –, além de manter as lutas políticas e sociais, a exemplo do questionamento sobre a permanência da mulher no mundo privado e, em especial, doméstico, será marcada por construções teóricas a respeito do universo da mulher. Desse modo, as discussões sobre o tema se intensificam através de publicações e da grande presença de militantes nas universidades. Nesse momento, surgem os **estudos da mulher**, os quais possuíam como objetivo geral, tornar a mulher perceptível para a sociedade, ou seja, tirá-la da condição de sujeito invisível e incluí-la, por exemplo, no mundo científico, artístico e das letras. Nas palavras de Guacira:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito – inclusive como sujeito da Ciência (LOURO, 1997, p. 17).

Esse período foi marcado por um caráter político muito forte. As estudiosas apostavam em um tipo de estudo engajado. Analisavam o seu lugar na história e propunham mudanças às opressões que sofriam. Os trabalhos publicados falavam muito da vida feminina ao discorrer sobre as condições trabalhistas, de escolarização, bem como o seu lado afetivo e a forma de lidar com o próprio corpo. Discutia-se também sobre os modos delas se inserirem no campo jurídico e econômico. No entanto, para abordar todas essas questões, as feministas buscavam, entre elas, caminhos diferentes. Enquanto um grupo utilizava-se de explicações marxistas, outro apostava na Psicanálise; havia também aquele que não admitia a lógica androcêntrica, presente em quase toda teoria já criada, e que, portanto, pretendia criar teorias próprias (o feminismo radical). Apesar das discordâncias quanto aos meios de abordagem das questões relacionadas às mulheres, as feministas também possuíam alguns interesses em comum.

Por outro lado, havia pessoas que acreditavam estarem no caráter biológico, mais precisamente na distinção sexual, as diferenças sociais entre o homem e a mulher (aqui, os termos escritos assim, no singular, pois ainda prevalecia, discursivamente, um modelo único de cada ser). Defendiam que tanto um quanto outro desempenhavam papéis pré-determinados. Nesse instante, surgem visões opostas a essa ideia, que tentam mostrar que as desigualdades sociais não deveriam ser justificadas pelas vias do natural, mas por tudo o que se construiu interpretativamente sobre os dois sexos. Cria-se, então, a categoria **gênero**, a partir da qual se considera tanto as masculinidades quanto as feminilidades como **construções sociais** geradas e reafirmadas através de múltiplos discursos. Mas, para se chegar ao uso do gênero, nesse sentido analítico, foi preciso percorrer um grande caminho.

Joan Scott (1995) esclarece que a palavra foi utilizada inicialmente pelas feministas americanas e que “[...] indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’.” (SCOTT, 1995, p. 72). Entre as décadas de 1970 e 1980, surge uma série de estudos que começa a reivindicar as particularidades de cada mulher, com base nas diferentes experiências vividas por elas, de acordo com os contextos históricos, sociais, econômicos e culturais próprios. Então, não se fala mais em mulher, mas em mulheres. O gênero se apresenta como uma nova categoria que buscará dar conta dessas diferenças. Conseqüentemente, começamos a entender como se dão as construções das feminilidades e das masculinidades, a partir da relação de poder ocorrida entre elas. Logo, destacamos aqui um segundo e importantíssimo aprendizado sobre essa categoria: o seu caráter relacional.

Reconhecemos a necessidade de saber como o termo gênero foi trabalhado pelos(as) historiadores(as) feministas, até alcançar, de fato, o seu estado analítico. Compreender a trajetória que possibilitou o aperfeiçoamento e ampliou a dimensão do campo de uso dessa categoria significa enriquecer ainda mais a nossa pesquisa, na medida em que, ao minudenciarmos o passado, clarificamos o presente.

É crível as palavras de Scott (1995), ao ressaltar os dois tipos de abordagens históricas feitas pela maioria dos(as) historiadores(as) sobre o gênero: a descritiva e a causal. Segundo ela, a primeira utilizava essa categoria como sinônimo de **mulheres** e buscava uma “[...] legitimidade acadêmica para os estudos feministas [...]” (SCOTT, 1995, p. 75). Essa abordagem considerava o vínculo existente entre o mundo do homem e o da mulher, propondo, então, nesse sentido, um estudo unificado. O termo gênero, nessa perspectiva, queria mostrar as relações sociais entre os sexos. Para a autora era: “[...] uma forma de indicar ‘construções culturais’ – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis adequados a homens e mulheres.” (SCOTT, 1995, p. 75).

Embora todas as contribuições descritas acima, Scott (1995) defende que as abordagens descritivas do gênero apresentavam algumas limitações: só pontuavam os campos estruturais e ideológicos presentes nas relações entre os sexos, deixando de se aprofundar nas características políticas e históricas. Diz a autora:

No seu uso descritivo, o termo ‘gênero’ é, então, um conceito associado ao estudo de coisas relativas às mulheres. ‘Gênero’ é um novo tema, um novo domínio da pesquisa histórica, mas não tem poder analítico suficiente para questionar (e mudar) os paradigmas históricos existentes (SCOTT, 1995, p. 76).

A segunda abordagem sobre gênero – a de ordem causal – feita por muitos(as) historiadores(as) tentará, segundo Scott (1995), reaproximar a teoria da história. No entanto, essa autora critica o fato de, nessa época, tais pesquisadores(as) apresentarem uma quantidade exorbitante de trabalhos bastante distintos comprometendo assim o aspecto analítico de uma teoria particular. A historiadora norte-americana relata ainda o teor meramente ilustrativo de alguns estudos, bem como a divagação sem uma boa sustentação teórica de outros.

Após detectar três posições teóricas dos estudos causais (as teorias sobre o patriarcado; os estudos de cunho marxista e os de natureza psicanalítica) que resumem a variedade de abordagens sobre a categoria gênero, Scott (1995) analisa cada uma delas. Sobre as primeiras, que se concentram na subordinação das mulheres, observa as suas análises sobre a dominação masculina: a leitura social dos homens em relação ao “papel reprodutivo” da mulher e a objetificação sexual da mesma, e conclui que elas não apontam a relação entre as desigualdades de gênero e as outras desigualdades, e ficam presas à diferença física, atribuindo ao corpo uma significação independente de uma construção social ou cultural.

Dos estudos feministas da linha marxista, a autora sublinha que a exigência de uma explicação material para o gênero limita ou retarda o aparecimento de outras linhas de pesquisa (SCOTT, 1995). Esses trabalhos entendem que os sistemas de gênero são produzidos pelas relações de produção. No entanto, Scott (1995) afirma que as(os) feministas americanas(os) dessa linha voltaram mais as suas atenções para a chamada **política sexual**, apontando a causalidade dos contextos sociais e buscando entender a estrutura psíquica da identidade de gênero. De uma forma geral, a autora acredita que tanto as marxistas americanas, quanto as inglesas anulam o status analítico independente da categoria gênero.

Quanto à teoria psicanalítica, Joan Scott (1995) distingue algumas escolas: a Escola Anglo-americana, que trata das relações de objeto, e a Escola francesa, inspirada em leituras estruturalistas e pós-estruturalistas de Freud e Lacan. Ambas se voltam para o processo de construção das identidades dos sujeitos, após avaliar as primeiras fases mediante as quais as crianças se desenvolvem. A primeira valoriza a influência da experiência concreta; a segunda, o papel da linguagem enquanto um mentor de símbolos na constituição da identidade de gênero. Para as duas, a historiadora norte-americana reserva críticas. Segundo ela, as teorias de relação de objeto restringem a concepção de gênero à esfera familiar e à experiência doméstica, assim, “[...] não deixa meios para ligar esse conceito (nem o indivíduo) a outros sistemas sociais, econômicos, políticos ou de poder.” (SCOTT, 1995, p. 81). Logo, não se discute a origem nem as razões das desigualdades entre os sexos, e, conseqüentemente, se ignora um esclarecimento da associação masculinidade/poder.

No que concerne à teoria da linguagem de Lacan, a autora de *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, ao analisá-la, critica a exclusividade que essa teoria deposita sobre o indivíduo, a centralização que a mesma reserva ao antagonismo subjetivo entre homens e mulheres, prevalecendo assim uma oposição binária e uma universalização das categorias masculino e feminino, e a determinação do falo como “[...] o único significante, o processo de construção do sujeito generificado [...]” (SCOTT, 1995, p. 83). Scott (1995) acredita que a teoria lacaniana ao tratar da relação da criança com o falo, deixando de fora o contexto histórico, faz parecer que a identificação de gênero é inerente ao ser humano. Para a historiadora, a criança de Nova York não é a mesma do Brasil e isso deve de algum modo mexer com as categorias generificadas<sup>11</sup>.

Joan Scott (1995) revela que a categoria gênero só adquiriu o caráter analítico, a partir do final do século XX, quando o termo passou a ser utilizado pelas feministas contemporâneas como algo que se fundamenta a partir dos significados adquiridos, através das inúmeras linguagens que caracterizam as tantas sociedades. Desta forma, abre-se mão de formulações universais e generalizantes.

Esse é um dos argumentos que utilizaremos para tratar do jagunço Riobaldo, um indivíduo possuidor de uma masculinidade comum a uma determinada sociedade que, por sua vez, é regida por um sistema próprio e inserida em um contexto histórico específico. Tanto Guacira (1997) quanto Scott (1995) trafegam nesse sentido: “O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos.” (LOURO, 1997, p. 23). E:

Nosso objetivo é descobrir o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos, é encontrar qual era o seu sentido e como eles funcionavam para manter a ordem social ou para mudá-la (SCOTT, 1995, p.72).

Apesar de se enfatizar o lado social, não se anula o lado biológico. Afinal, o gênero é constituído sobre os sexos. O que se realça são, justamente, a compreensão e a representação desses sexos no meio social. As desigualdades de gênero seriam geradas através das relações sociais. Nas palavras de Guacira (1997):

O conceito passa a ser usado, então, com um forte apelo relacional – já que é no âmbito das relações sociais que se constroem os gêneros. Deste modo, ainda que os estudos continuem priorizando as análises sobre as mulheres,

---

<sup>11</sup> Termo utilizado por Scott (1995), no referido artigo, para falar das divisões de gênero.

eles estarão agora, de forma muito mais explícita referindo-se também aos homens. Busca-se intencionalmente contextualizar o que se afirma ou se supõe sobre os gêneros, tentando evitar as afirmações generalizadas a respeito da ‘Mulher’ e do ‘Homem’ (LOURO, 1997, p. 22).

As afirmações de Guacira (1997) nos levam a um terceiro aprendizado sobre a categoria gênero: a da importância de reconhecer a pluralidade nos universos masculino e feminino. Ou seja, passamos a usar esses dois termos no plural. Isso porque surge a necessidade de se considerar as diversas sociedades e os diversos momentos históricos. Ora, se ser masculino e/ou feminino não é algo definido *a priori*; é um processo construtivo e, sendo assim, possui, considerando a variedade de lugares e de tempo, várias formas de ser representado socialmente.

Vale a pena ressaltar que as múltiplas masculinidades e feminilidades não se exprimem apenas em consideração às dessemelhanças presentes nas diferentes sociedades, mas, também em uma mesma sociedade e um mesmo contexto histórico. Isso porque um espaço e um tempo comportam múltiplos grupos que estão inseridos em uma série de categorias, as quais possuem características próprias. Esse é, portanto, um quarto aprendizado que devemos obter acerca do gênero. Na afirmação de Guacira (1997):

Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (LOURO, 1997, p. 23).

Gênero, assim como as categorias etnia, raça, classe, religião, dentre outras, ajudam a constituir as identidades dos sujeitos. E, como os sujeitos sentem-se pertencidos a cada uma dessas categorias, possuem múltiplas identidades, que ora se harmonizam entre si, ora se contradizem. E é uma dessas contradições identitárias que, durante toda a estória, levará Riobaldo a travar, consigo mesmo, uma luta física e simbólica interminável. Essa batalha do seu “eu” insiste em negar as identidades femininas que compõem a sua macheza, tentando persuadir-se de que é dono de um tipo de “masculinidade pura”. Não esqueçamos que a construção dos gêneros envolve formas de poder. Inevitavelmente, sendo a masculinidade supervalorizada numa sociedade patriarcal como a de Riobaldo, ser homem é ser empoderado. Vemo-nos agora diante de um quinto aprendizado: as relações de poder que há entre os gêneros, e, portanto, as formas de opressão e de violência. Estas, criadas e fortalecidas pelos discursos das mais diversas instituições.

Novamente, recorremos a Guacira (1997) para fazermos uma distinção que será importante no momento de analisarmos a protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001). A autora explica que há uma diferença entre identidades sexuais e identidades de gênero. As primeiras se constituem através das formas como o sujeito vivencia a própria sexualidade, “[...] com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as.” (LOURO, 1997, p. 26). Por sua vez, as segundas nascem quando os sujeitos se reconhecem no meio social e através da história como masculinos ou femininos (LOURO, 1997). Indo além do que diz Guacira (1997), acreditamos que um indivíduo pode, inclusive, se reconhecer como ambos.

Podemos adiantar que a personagem, a ser analisada nesta dissertação, está inserida em um modelo masculino extremado, construído socialmente e que a pressiona a reprimir formas diferenciadas de viver a sua própria sexualidade. Percebe-se então que a sexualidade também é uma construção feita através de discursos reguladores e normatizadores. As identidades sexuais de Riobaldo são conduzidas pela representação social da sua masculinidade. Logo, entendemos que esses dois tipos de identidades (sexuais e de gênero) se comunicam diretamente entre si.

Interessante notar que, para Guacira, tanto as identidades sexuais como as de gênero são “[...] sempre *construídas*, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento.” (LOURO, 1997, p. 27, grifo da autora). Isso nos leva a pensar que estão assentadas sobre uma base de instabilidade, e, sendo assim, sujeitas a possíveis transformações. Daí a investigação de Lauretis (1994) sobre as tecnologias de gênero, que são agenciamentos dessas construções. Ela nos permite concordar com a afirmação de que:

[...] o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana (LAURETIS, 1994, p. 208).

Neste trabalho, refletiremos sobre a categoria gênero a partir de um olhar que vai além da dicotomia e da polarização entre masculino/feminino; homem/mulher. Afinal, buscamos uma harmonia com a proposta teórica de Joan Scott (1995): desconstruir a visão engessada sobre os gêneros. Essa desconstrução é importante na medida em que nos leva a uma compreensão mais profunda sobre cada um dos considerados polos (masculino e feminino), ou seja, como um compõe o outro, além de, internamente, se flexibilizarem para dar conta dos diversos tipos de masculinidades e de feminilidades.

Diante dessa realidade, a abordagem que esta pesquisa propõe acerca da citada categoria procura fugir dos binarismos que alimentam uma compreensão reducionista sobre o assunto. Em virtude disso, estamos colaborando para a negação da fixidez e da naturalização dos lugares histórico e socialmente impostos aos gêneros, bem como para o reconhecimento das diversas formas de homens e mulheres viverem as suas masculinidades e feminilidades, ao lançarem mão dos modelos hegemônicos. Aliás, sobre os sexos, dos quais surgem as representações de gênero, trata a historiadora norte-americana: “Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual.” (SCOTT, 1995, p. 84).

Diante de tantas abordagens feitas sobre o gênero e das críticas por elas recebidas no decorrer da história, é enriquecedor trazermos a definição que a própria Joan Scott (1995) faz dessa categoria. Para ela, “[...] o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (SCOTT, 1995, p. 86). A segunda parte desta definição entende tal categoria como um lugar dentro do qual ou através do qual o poder se articula. Talvez esse seja o ponto mais crucial desta pesquisa, tendo em vista que investigaremos em detalhes a posição social gendrada que o jagunço Riobaldo ocupa e o seu respectivo discurso realçador das suas identidades ultra-masculinas. E, se falamos de universo masculino, falamos de poder. Perceberemos isso com maior clareza no capítulo de análise da obra.

Scott (1995) também acredita que “[...] os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social.” (SCOTT, 1995, p. 88) e “na medida em que essas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos), o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do próprio poder.” (SCOTT, 1995, p. 88).

Um fato importante a se destacar é a relação entre gênero e política, duas construções que se dão de maneira recíproca e em contextos específicos. No entanto, sabemos que, no campo político, ainda se encontra bastante resistência à inclusão de questões que envolvem a categoria gênero. Esta segue sendo tratada como um fator de menor importância e seriedade nesse universo. Alerta que nos foi dado por Scott (1995) no artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, no ano de sua publicação. E, de lá pra cá, percebemos que as mudanças vêm ocorrendo, persistentemente, de maneira lenta. Devemos utilizar a política como um dos espaços úteis para analisarmos, historicamente, o gênero. Em outro texto, *História das Mulheres*, Scott (1992) diz que uma das coisas que as feministas fizeram foi desestabilizar a

crença de que há categorias de análise não políticas. O feminismo traz o político e o ideológico para o universo da ciência.

Em diversas sociedades, as relações de gênero são modificadas em decorrência daquilo que o Estado necessita para a manutenção do que aspira. As ideologias políticas, vinculadas ao poder, determinam modos específicos desse tipo de relação atuar. Essa imposição pode se dar, por exemplo, pelo estabelecimento de leis que condicionam e transformam comportamentos familiares, controlando os gêneros em dadas posições. Esse tipo de dominação – geralmente masculina – vem para legitimar os lugares sociais de homens e mulheres, instaurando entre eles diferenças com base em traços delineadores. A utilização de conceitos generificados, os quais se materializam em forma de regras, pode estar tanto nos regimes políticos autoritários, quanto nos democráticos. Em muitos deles, há uma codificação desses conceitos que disfarça o preconceito, levando-o a uma naturalização.

Joan Scott (1995) defende que a alta política, em si, já é um conceito generificado, pois estabelece a sua importância, poder e superioridade, através de uma oposição binária, que sustenta a ideia estereotipada de masculino (o forte, o elevado, o capaz) e de feminino (o frágil, o inferior, o inoperante). Essa postura do sistema leva a uma exclusão da mulher por toda a extensão do cenário político, pois, modificar essa mentalidade, representaria inverter a “ordem natural” das coisas. É o que levou a teórica norte-americana a afirmar: “[...] a oposição binária e o processo social das relações de gênero tornam-se parte do próprio significado de poder; pôr em questão ou alterar qualquer de seus aspectos ameaça o sistema inteiro.” (SCOTT, 1995, p. 92).

Como proposta de mudança das perspectivas fixadas pelos sistemas políticos e da ressignificação do seu domínio excludente, a historiadora Nova-iorquina sugere um jeito diferenciado de se tratar as categorias **homem** e **mulher**, as quais, em sua opinião, deveriam ser encaradas como **vazias** (livre de significados supremos) e **transbordantes** (flexíveis no seu interior). Como complemento, faz-se necessário questionarmos a naturalização das representações sociais construídas acerca da oposição dessas categorias, levando-se em conta as particularidades de cada contexto, bem como procurar entender todo o processo que une a política ao poder e implementa sentidos binários nas esferas familiar, educacional, sexual, profissional, econômica etc. Só assim, para Scott (1995), será possível refletir mais profundamente sobre a “velha história” e criar uma outra mais igualitária e justa, devendo haver sempre o cuidado em se considerar, juntamente com o gênero, outras categorias, como: sexo, classe e raça.

O poder é um dos assuntos mais presentes nos estudos de gênero. Muitas vezes, ele vem associado ao mundo masculino agregando características de exclusividade, estabilidade, vantagem e prazer. Sobre isso, cabe algum comentário: primeiramente, apesar de todo o domínio masculino em relação aos outros tipos de representações de gênero – e incluem-se aqui as outras formas de masculinidades – se apresentar incontestemente, a posição que o homem ocupa nas sociedades de inspirações patriarcais não é de puro conforto para ele; ao contrário, é tensa e opressora, podendo potencializar-se em alguns modelos de homem. Na visão do teórico Nolasco: “Os homens abrem mão da própria liberdade quando negam seus limites, história de vida, desejos e sonhos para tentar reproduzir o padrão de comportamento definido a priori para eles.” (NOLASCO, 1993, p. 12). E, se não conseguem ou não querem se enquadrar nesse modelo pronto, acabam pagando um árduo preço que se apresenta em forma de uma pressão social, que lhe exige uma volta ao lugar de origem:

O esforço a ser desenvolvido pelos homens se situa hoje na reavaliação do ‘preço’ que têm pago para se manter no lugar onde imaginam que devam estar. Esta reflexão amplia a visão que os indivíduos têm de si e da vida, favorecendo a reformulação da representação de um super-homem para a de um homem comum (NOLASCO, 1993, p. 39).

Embora devamos uma acolhida à ordem que conceitua, de uma forma geral, o homem como o dominante e a mulher como a dominada, para tratarmos das relações de poder, não devemos nos limitar a ela. Essa visão polarizada, urdida por grande parte dos estudos feministas, isola, dentre outras coisas, duas de total interesse desta dissertação: a opressão social que a maioria dos homens sofre em decorrência da posição de “superior”, que ocupa, e a dominação a que os não heterossexuais são submetidos por não corresponderem, socialmente, aos significados simbólicos (pênis feito para vagina e vice-versa) que as suas respectivas genitálias adquiriram em uma quantidade maciça de culturas. Esse segundo caso, envolve uma hierarquização entre os gêneros, que implica em discrepâncias quanto aos direitos sociais e políticos, e que é sustentada por preconceitos naturalizados por grupos ditos “normais” e “superiores”. É o que nos advertem os professores Marco Aurélio Máximo Prado e Frederico Viana Machado (2008), no livro *Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade*:

Além de se configurar como um mecanismo fundamental da inferiorização social, o preconceito também sustenta e produz determinadas concepções ideológicas e cognitivas sobre a legitimidade ou a ilegitimidade da gama de direitos sociais já conquistados e até a legalidade ou não das formas de

interpelação do mundo público, cenário principal das lutas por direitos (PRADO e MACHADO, 2008, p. 68).

Fugir da concepção de superioridade imposta por uma mentalidade patriarcal, negando o enquadramento das suas identidades em molduras pré-estabelecidas por discursos vários – institucionais ou não –, faz do homem, seguindo a lógica do patriarcado, um ser inferior porque feminino e feminino porque inferior. Negar-se a carregar “o fardo” da supremacia homem-hétero é, no tipo de uma sociedade como a do jagunço Riobaldo, aproximar-se das feminilidades, ou seja, das “representações inferiores de gênero”, que, no caso da personagem, é justificada, dentre outras coisas, pela possibilidade da homossexualidade. Novamente, se fazem úteis as palavras de Marco e Frederico (2008):

Como temos discutido, o preconceito é fundamental na estruturação das hierarquias e na manutenção das inferiorizações sociais. No entanto, se esta é uma das suas maiores funções, seus conteúdos também não devem ser desprezados, pois na estrutura das atribuições sociais negativas a determinados grupos, o preconceito traz como perspectiva a redução dos dilemas sociais informando-nos sobre determinadas orientações valorativas que buscam dar e atribuir uma pretensa coerência às ações sociais. Isto acontece por meio de discursos cotidianos menos institucionalizados, como as relações interpessoais, pensamentos cotidianos, relações de afeto, acolhimento ou recusa, mas também se materializa nas instituições públicas que sustentam leis gerais, normas e práticas governamentais (PRADO e MACHADO, 2008, p.71).

Graças a essas constatações, é contributivo para esta e outras pesquisas de gênero desvincular a mulher e o homem das posições sólidas: ela, de vítima; ele, de vilão. Assim, garantimos um olhar dinâmico acerca dessa realidade. Convém lembrar que o poder se estabelece nas relações, enlaçado numa rede de tensões, nas quais os sujeitos exercitam imposições, correspondências, protestos, resistências, enfim, onde acontecem as trocas. Desse modo, não dá para falarmos em um vencedor e em uma derrotada por antecedência. Para Guacira (1997):

[...] homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças. Talvez uma interessante representação dessas práticas seja imaginá-las como semelhantes a jogos em que os participantes estão sempre em atividade, em vez de reduzi-las, todas, a um esquema mais ou menos fixo em que um dos ‘contendores’ é, por antecipação e para sempre, o vencedor (LOURO, 1997, p. 39-40).

No seu texto *Masculinidade, media e violência*, Sócrates Nolasco (1995) apresenta dados estatísticos sobre o tratamento reservado ao homem – por alguns dos meios de comunicação de grande circulação no Brasil – diante de situações de violência. Esta, uma das formas de se manifestar o poder. Nesse material, o teórico reflete, dentre outras coisas, sobre o que discorremos acima: o equívoco de sempre se vitimizar a mulher e culpabilizar o homem. Diz o autor: “A narrativa adotada pelos *media* nos quatro jornais é de culpabilização do pai e de comoção com a mãe. O fantasma do pai carrasco, punitivo e cruel aparece aos olhos da representação da mãe zelosa e queixosa.” (NOLASCO, 1995, p. 309, grifo do autor). Palavras ditas após analisar matérias sobre sequestros de filhos pelos seus pais. Ele irá nos mostrar que, antes de se pensar no crime em si, atribuindo uma culpa a um responsável, é necessário entender que a constante presença do homem na criminalidade, em nossa sociedade patriarcal, é ocasionada pela “[...] transição entre a decrepitude de um modelo de representação masculina e a ausência de um outro legitimado e reconhecido socialmente.” (NOLASCO, 1995, p. 310).

As palavras de Sócrates (1995) nos levam a entender que há uma tensão gerada nos homens que tentam manter-se em um estereótipo, já em decadência na contemporaneidade, por não terem ainda a capacidade de se inserir nos novos cenários da atualidade. Eles buscam obedecer a uma lógica fundamentada em um modelo de representação masculina consagrada socialmente, mas que não tem dado conta das novas exigências do mundo ocidental. Essa tensão os levaria a adotar, em determinados momentos, atitudes violentas. As ideias defendidas pelo professor-psicólogo, portanto, ajudam a desconstruir, ou, pelo menos, a questionar, sob outra perspectiva, os estigmas atribuídos ao homem – o dominador, o violento, o culpado, o rude etc. –, nas sociedades de influência patriarcal. Toda essa discussão se encontra mais bem detalhada no livro *O mito da masculinidade* (1993), do mesmo autor.

Nas relações de poder são estabelecidas diferenças e desigualdades e o gênero, a sexualidade, a classe, a etnia, a raça são alguns dos locais, onde se desenvolvem esses fenômenos. Fazemos questão de lembrar que o discurso da diferença surge tendo como guia um padrão, um modelo a que se comparar e, preferencialmente, se seguir, pois carrega consigo o símbolo da perfeição, da normalidade. A ideia de normal é, em grande parte, uma construção social. Rapidamente detectamos as comparações: a mulher é diferente do homem, vista como “o sexo frágil”, “de menor inteligência”, assim como o homossexual – tachado de “o desviado”, “o meio-termo”, “o estranho”, “a aberração”, só para citar dois exemplos. As diferenças precisam ser consideradas, mas fora da ótica que determina superioridades e inferioridades.

É valiosa para a nossa pesquisa a informação de que as diferenças entre homens e mulheres não se restringem ao campo biológico, mas se estendem ao social. Entretanto, observemos que, durante um tempo, estas últimas eram justificadas pelas primeiras. Com a luta feminista, esse critério caiu por terra.

Guacira (1997) analisa toda a problemática existente em volta das diferenças. Ela nos esclarece que mesmo com os questionamentos feitos pelas mulheres negras e pelas lésbicas, que exigiam o reconhecimento e valorização das suas diferenças em relação às outras mulheres, o que mais importava nesse debate era a questão do poder, ou seja: “Importava saber *quem* definia a diferença, *quem* era considerada diferente, o que significava ser diferente. O que estava em jogo, de fato, eram *desigualdades*.” (LOURO, 1997, p. 45-46, grifos da autora).

Compreender a multiplicidade de possibilidades de representações dos sujeitos sociais, a ponto de respeitá-la, requer um conhecimento sobre as diversas identidades (de gênero, étnicas, sexuais, de classe, de nacionalidade, etc.), as quais se relacionam entre si, articulando-se umas com as outras ou se contradizendo, o que leva esses indivíduos a ocuparem os mais variados lugares em suas respectivas culturas. As lutas do presente, sustentadas pela identificação com as múltiplas identidades, poderão variar em outros tempos de acordo com cada necessidade. Esse aspecto garante o dinamismo tanto do que define os sujeitos, quanto das posições sociais, que poderão ocupar. Numa escala de poder, por exemplo, – a depender dos elementos históricos e culturais dispostos em sua sociedade – o lugar de oprimido, de opressor, ou os dois. Sobre esta última consideração, recai uma das hipóteses desta dissertação: a de que o jagunço Riobaldo tanto oprime **a partir do**, quanto é oprimido **pelo** modelo de masculinidade no qual está inserido. Argumentaremos melhor em outro momento.

Para finalizar as considerações acerca da categoria analisada nessa parte do capítulo, atentamos para as diferentes formas de opressão que levam a combinações, muitas vezes, imprevisíveis. Não raramente, nos deparamos com duas delas, as quais Guacira (1997) chamou de “relações de gênero racializadas” e “etnicidades generificadas [...]” (LOURO, 1997, p. 54). Só para citar um exemplo: um homem negro pode sofrer uma série de discriminações racistas, ao mesmo tempo, em que goza de um privilégio social por ser um heterossexual.

## 2.2. SOBRE ETNICIDADE: PERTENÇA, FRONTEIRAS, GRUPOS ÉTNICOS E REALCE

Para que possamos entender mais profundamente algumas características da masculinidade do jagunço Riobaldo, recorreremos ao estudo da categoria etnicidade, na abordagem realizada pelo antropólogo Fredrik Barth (2011), no seu texto *Grupos étnicos e suas fronteiras*<sup>12</sup>. Utilizamos como complemento os esclarecimentos teóricos feitos por Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (2011) a propósito das ideias do próprio Barth e outras. cremos que explicações étnicas, juntamente com as questões de gênero, possam nos revelar qualidades específicas de um determinado tipo masculino.

Inicialmente, atentemos para a definição que Philippe e Jocelyne (2011), através de Barth, fazem da etnicidade. Esta é vista não como sinônimo de cultura, mas como algo que parte de uma origem comum e se revela nas relações. É importante salientar ainda que os autores acima referidos sugerem que, durante o processo de identificação étnica, sejam consideradas as dicotomizações nós/eles. Assim se expressam os teóricos sobre as mencionadas questões:

Há de convir, com Barth, que a etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de sua origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores. Esta definição mínima é suficiente para circunscrever o campo de pesquisa designado pelo conceito de etnicidade: aquele do estudo dos processos variáveis e nunca terminados pelos quais os atores *identificam-se e são identificados pelos outros* na base de *dicotomizações Nós/Eles*, estabelecidas a partir de traços culturais que se supõe derivados de *uma origem comum e realçados* nas interações raciais (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 141, grifos dos autores).

Em se tratando do grupo de jagunços do livro *Grande Sertão: Veredas* (2001), essa origem comum a qual se referem Philippe e Jocelyne (2011) pode ser compreendida como a crença no mito de um tipo de masculinidade cultivada como fixa, superior e, por isso mesmo, livre de qualquer característica que a remeta à fraqueza ou a sentimentalidades. Há, portanto, no decorrer das interações entre membros e não membros, uma supervalorização, por parte dos primeiros, dos aspectos culturais que auxiliam na construção de certos valores. As constantes demonstrações de coragem, valentia, virilidade e poder são encaradas, pelos integrantes do bando da jagunçagem, como obrigações que devam honrar uma tradição de violência, que descende de gerações anteriores de “verdadeiros guerreiros”.

---

<sup>12</sup> Capítulo inicial do livro intitulado *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*, de Fredrik Barth, organizado por Tomke Lask e traduzido por John Cunha Comerford, no ano de 2000. No entanto, utilizamos aqui as citações desse capítulo a partir da tradução de Élcio Fernandes, publicado como parte final do livro *Teorias da etnicidade*, de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, no ano de 2011.

Riobaldo e os outros membros do grupo da jagunçagem possuem características muito peculiares: a ambivalência do ser (herói/bandido), a valentia, a coragem, a rudeza, que, aliadas a rituais particulares, como: o constante reforço da virilidade e a defesa indispensável da honra, por exemplo, os levam a se autodenominarem como tais e, da mesma forma, serem reconhecidos. As rotulações que um grupo atribui a si mesmo podem, em alguns detalhes, divergir – sobretudo quando é um caso de dominação – das que ele recebe de outros grupos, e é essa relação dialética entre as definições endógenas e exógenas que determinam a identidade étnica do conjunto. Um grupo étnico pode desqualificar as definições estigmatizantes que lhes foram atribuídas por outros grupos, adotando critérios diferentes para firmar uma autodefinição mais valorizante; ou, se forem categorizações neutras, aceitá-las e absorvê-las. Aplicando essa teoria ao nosso objeto, compreendemos que as nomeações impostas pelos não membros, e que indicam qualidades de uma masculinidade intransigente no grupo social dos jagunços da literatura rosiana, estimula este a se reafirmar como uma associação de valentões destemidos e justos. Vejamos o que nos diz o *Teorias da etnicidade* (2011):

De fato, definições exógenas e endógenas não podem ser analiticamente separadas porque estão em uma relação de oposição dialética. Elas raramente são congruentes mas necessariamente ligadas entre si: um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os não membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência com essa exodefinição. Esta relação surge em toda sua complexidade por meio de processos de rotulação mútua, no decurso dos quais os grupos atribuem-se e impõem aos outros nomes étnicos (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 143).

Um indivíduo que compõe um grupo étnico poderá reclamar para si algumas identidades com as quais os outros membros não estão de acordo, havendo assim uma rejeição coletiva. Cientes disso, explicam Philippe e Jocelyne (2011):

No plano do indivíduo, a identidade étnica se define simultaneamente pelo que é subjetivamente reivindicado e pelo que é socialmente atribuído. As reivindicações identitárias de um indivíduo podem ser ou não aceitas pelo grupo que ele pretende representar (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 149).

Um fato semelhante acontece com a personagem protagonista do romance que estamos analisando. Ela, tomada por um sentimento afetivo e físico por “outro homem”, reivindica identidades de gênero que diferem daquelas impostas como obrigatórias para se ser um jagunço. Riobaldo tenta viver a sua própria masculinidade de um jeito mais flexível, menos rígido, se abrindo para uma nova forma de amar que fere o estereótipo machista do

patriarcado rural, momento em que encontra resistência por parte dos demais membros que, por diversas vezes, o colocam de volta nas medidas de um modelo masculino hegemônico. A masculinidade, no caso do jagunço, pressupõe uma heterossexualidade e, juntas, formam uma condição *sine qua non* para a aceitação de um novo integrante no grupo. Somente sob tais requisitos primordiais, esse tipo sertanejo poderá ser acolhido e sentir-se pertencido etnicamente à jagunçagem, acionando todos os seus outros signos culturais e intensificando a crença numa origem comum. Prova disso é a atitude de Diadorim em ter que se travestir de homem para poder ser aceita no bando e vingar a morte de seu pai. A identidade étnica dos jagunços, em grande parte, alimenta-se indubitavelmente da oposição nós, os machos; e eles, os não machos.

A explicação feita por Barth (2011) sobre o grupo étnico foge daquela antiga conceituação que atribuía ao isolamento geográfico e social de grupos culturalmente distintos a manutenção das fronteiras étnicas. Uma visão que para o antropólogo alemão não condiz com a realidade dos fatos. Contrário a essa perspectiva ele diz:

O mais grave de tudo é que ela nos induz a assumir que a manutenção das fronteiras não é problemática e decorre do isolamento implicado pelas características itemizadas acima: diferença racial, diferença cultural, separação social e barreiras linguísticas, hostilidade espontânea e organizada. Isso limita igualmente o âmbito dos fatores que utilizamos para explicar a diversidade cultural: somos levados a imaginar cada grupo desenvolvendo sua forma cultural e social em isolamento relativo, essencialmente reagindo a fatores ecológicos locais, ao longo de uma história de adaptação por invenção e empréstimos seletivos. Essa história produziu um mundo de povos separados, cada um com sua cultura própria e organizado numa sociedade que podemos legitimamente isolar para descrevê-la como se fosse uma ilha (BARTH, 2011, p. 190).

O compartilhamento de uma mesma cultura, segundo Barth (2011), deve ser visto não como uma característica inicial que serve para definir um grupo étnico, mas como uma consequência. Ele critica as teorias que pensam os grupos étnicos como **suportes de cultura**, pois elas se preocupam mais em analisar as culturas do que a organização étnica. São estudos que priorizam um entendimento sobre o processo de aculturação, ao invés de mostrar a unidade cultural e étnica que permaneceu nesses grupos, com o decorrer do tempo.

O antropólogo acrescenta ainda que, mesmo se um grupo étnico estiver distribuído em um território com circunstâncias ecológicas diversas, apresentando variedades regionais de comportamento, isso não implica em diferenças quanto à orientação cultural. As mudanças de comportamento não devem ser tratadas como constituidoras de traços culturais dos grupos

étnicos, devido a sua mutação ao longo do tempo e, além disso, devemos rejeitar a ideia de que essas diversidades dentro de um grupo significa o início de uma subdivisão, pois, para Barth (2011), há inúmeros registros de grupos étnicos que, mesmo pertencendo há vários nichos ecológicos, preservam uma unidade cultural e étnica básicas. Não podemos confundir as consequências das condições ecológicas sobre o comportamento com os efeitos da tradição cultural (BARTH, 2011).

Fredrik Barth (2011) também fala da importância de os grupos atribuírem a si mesmos uma categoria étnica, além de receberem essas mesmas atribuições de outros grupos. Isso ajuda definir os grupos étnicos no momento em que “[...] classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente.” (BARTH, 2011, p. 193-194).

Nem todas as diferenças são levadas em consideração pelos atores dos grupos étnicos na hora de se definirem como tais. Eles só valorizam as características mais relevantes. Posto isso, é de grande valia para esta pesquisa ter em vista a descrição do conteúdo cultural das dicotomias étnicas feitas por Barth (2011), pois, em um dado momento, reconhecemos a sua aplicabilidade ao nosso objeto de pesquisa:

O conteúdo cultural das dicotomias étnicas parecem ser analiticamente de duas ordens: 1. sinais ou signos manifestos – os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida; e 2. orientações de valores fundamentais – os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas. Desde que pertencer a uma categoria étnica implica ser um certo tipo de pessoa que possui aquela identidade básica, isso implica igualmente que se reconheça o direito de ser julgado e de julgar-se pelos padrões que são relevantes para aquela identidade (BARTH, 2011, p. 194).

O grupo de jagunços o qual Riobaldo Tatarana integra compartilha entre seus membros esses traços diacríticos que os diferenciam de outros grupos: utilizam um tipo de vestimenta própria (roupas quase sempre com detalhes de couro, devido ao ambiente quente e seco, chapéu de mesmo material etc.); carregam armas brancas e de fogo para os combates do sertão; se expressam através de uma língua portuguesa marcada por arcaísmos linguísticos e expressões próprias da região; levam um tipo de vida que está vinculada a batalhas armadas em prol de serviços contratados por algum fazendeiro ou de rixas com outros jagunços ou qualquer espécie de pessoa. Fora isso, seguem valores morais do patriarcado que lhes servem de embasamento para a prática de um acordo tácito que prevê a honra como o principal parâmetro de julgamento. As ações executadas por eles, muitas vezes, encontram na violência a

sua mais corriqueira expressão. O “lavar a honra” – que é uma forma de fazer justiça com as próprias mãos – por um insulto grave ou um desafio é atitude muito comum no grupo dos jagunços da ficção rosiana, pois, se não realizada em hora devida, o sujeito perde o prestígio social diante do seu grupo e da sociedade da qual faz parte. Deixar a sua honra ser atacada por outrem é, dentro da ideologia jagunça, o mesmo que não ser homem o suficiente, ou seja, afeminar-se, enfraquecer-se.

Para Barth (2011), os traços étnicos são mantidos em um grupo pela manutenção de uma fronteira. As características culturais que estabelecem a fronteira podem sofrer mudanças, bem como os aspectos culturais dos seus membros, mas, mesmo assim, a dicotomização entre integrantes e não integrantes permanece. Ao destacar o caráter inovador do conceito de fronteira étnica estabelecido por Barth e interpretá-lo, os autores do *Teorias da etnicidade* afirmam que essa nova ideia

[...] volta a sublinhar que a pertença étnica não pode ser determinada senão em relação a uma linha de demarcação entre os membros e os não membros. Para que a noção de grupo étnico tenha um sentido, é preciso que os atores possam se dar conta das fronteiras que marcam o sistema social ao qual acham que pertencem e para além dos quais eles identificam outros atores implicados em um outro sistema social. Melhor dizendo, as identidades étnicas só se mobilizam com referência a uma alteridade, e a etnicidade implica sempre a organização de agrupamentos dicotômicos Nós/Eles. [...] são em realidade tais fronteiras étnicas e não o conteúdo cultural interno que definem o grupo étnico e permitem que se dê conta de sua persistência. Estabelecer sua distintividade significa, para um grupo étnico, definir um princípio de fechamento e erigir e manter uma fronteira entre ele e os outros a partir de um número limitado de traços culturais (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 152-153).

Acrescentemos a informação de que as fronteiras existentes entre os grupos étnicos “[...] podem manter-se, reforçar-se, apagar-se ou desaparecer. Elas podem tornar-se mais flexíveis ou mais rígidas.” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 154). Isso demonstra que pode haver uma estabilidade relativa nesse sentido, a depender das necessidades de cada grupo com o passar do tempo ou de acordo com as complexidades das suas formações ou fusões.

As fronteiras étnicas criam vazão para o sentimento de pertença, o qual, de acordo com Fredrik Barth (2011), surge quando os membros do grupo étnico valorizam aqueles fatores que são socialmente mais importantes para eles, e relevam a existência de oposições comportamentais internas adotadas por cada um. Os conceitos de **fronteiras étnicas** e

**sentimento de pertença**, desenvolvidos pelo antropólogo alemão, é de grande utilidade teórica para esta pesquisa, por considerarmos que eles estão presentes nos grupos de jagunços.

Barth (2011) chama atenção para o fato de que as fronteiras sobre as quais devemos atentar são sociais, sem que para isso precisemos nos desfazer da sua contrapartida territorial. É fundamental entender que para o autor de *O guru, o iniciador*, a interação de integrantes de um determinado grupo com membros de outros grupos não resulta em um apagamento de identidades étnicas; ao contrário, é nesse momento que é realçado o sentimento de pertença. Sem falar que muitos desses grupos não vivem isoladamente, estando sempre passíveis a vários tipos de relações. Vejamos nas palavras do antropólogo:

Se um grupo conserva sua identidade quando os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão. Os grupos étnicos não são simples ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e os diferentes modos pelos quais eles se conservam, não só por meio de um recrutamento definitivo, mas por uma expressão e validação contínuas, precisam ser analisadas (BARTH, 2011, p. 195-196).

Ao falarmos de grupos étnicos, não podemos esquecer o conceito de realce, que traz consigo a ideia de que um indivíduo pode assumir uma certa identidade, de acordo com o contexto e com as pessoas, com as quais ele se relaciona. Essa identidade poderá, em diferentes momentos, ser substituída por outra. Para Philippe e Jocelyne (2011):

Em determinadas situações, a etnicidade é um fator pertinente que influencia a interação, em outras situações a interação é organizada de acordo com outros atributos, tais como a classe, a religião, o sexo etc. Melhor dizendo, uma identificação étnica nunca é autoexplicativa: não podemos dar conta do fato de dizermos de alguém que ele é X (ou do fato de alguém dizer 'eu sou X') porque ele é X (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p. 166-167).

Através desse esclarecimento, entendemos que, num outro contexto, e fora do grupo dos jagunços, Riobaldo talvez assumisse identidades que o colocassem numa posição social mais confortável em relação à sua própria masculinidade, em um lugar onde ele pudesse amar outro homem sem sentir o peso dos valores patriarcais. Para isso, também teria que se relacionar com pessoas que lhe disponibilizassem essas novas identidades, fazendo-o se sentir confortável e acolhido por um grupo.

Assim como em outros grupos, determinados signos servem como formas de realçar a identidade étnica dos jagunços. As roupas, as armas, o comportamento violento, o zelo permanente pela honra etc. surgem como identificações étnicas, que se acoplam a um rótulo

inicial do bando. Em resumo, a etnicidade não é formulada com base numa única coisa, mas em conjunto com uma série de atributos e situações. A cargo disso, nos informam os autores do livro *Teorias da etnicidade*:

A etnicidade pode igualmente ser realçada por meio de todos os signos visíveis (comportamentais, vestuário etc.) que podem ser mobilizados e selecionados para tipificar um grupo social ou utilizados para apresentar um Eu étnico específico. As características distintivas que Weber denominava de ‘reflexos externos’ (a maneira de usar a barba, o penteado, a vestimenta) prestam-se particularmente para a ‘afixação’ pública de uma identidade reivindicada, porque eles possuem a dupla característica de ser manipuláveis à vontade e facilmente decifráveis como símbolos de pertença (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.167).

De acordo com Philippe e Jocelyne (2011), o realce das identidades étnicas serve para, durante uma interação, o indivíduo “[...] demonstrar, [...] manifestar ou [...] validar a existência de uma categoria étnica numa situação particular.” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 2011, p.168). Realçar uma identidade, em detrimento de outra, durante uma situação, requer, por parte do ator social, o cumprimento de objetivos que venham sanar algumas das suas necessidades, geralmente, lhe rendendo vantagem.

Ao realçar as suas identidades ultra-masculinas, amparadas por um modelo de masculinidade hegemônica – a qual se caracteriza como uma normatização, que atribui aos homens status de superioridade em relação às mulheres, conceito que melhor desenvolveremos no capítulo seguinte – Riobaldo mantém vivo o sentimento de pertença ao conjunto dos jagunços e continua atuando como agente de um grupo dominante em oposição a qualquer tipo de feminilidade.

No plano do indivíduo, a aceitação, como pertencente a um grupo étnico, envolve aquilo que Barth (2011) chamou de “critérios de avaliação e julgamento” (BARTH, 2011, p. 196). Portanto, se uma pessoa é avaliada e julgada pelos membros de um grupo como possuidora de limitações de identificação com aquele mundo, ela acaba sendo excluída e vista como um estrangeiro; diferentemente, ela é aceita se acharem que contempla as demandas daquele universo. É justamente quando essas diferenças são postas à prova que a reafirmação de um grupo étnico ocorre, levando-se em conta as suas duradouras particularidades culturais. O contato não extermina as diferenças:

[...] onde indivíduos de culturas diferentes interagem, poder-se-ia esperar que tais diferenças se reduzissem, uma vez que a interação simultaneamente requer e cria uma congruência de códigos e valores – melhor dizendo, uma similaridade ou comunidade de cultura [...]. Assim, a persistência de grupos

étnicos em contato implica não apenas critérios e sinais de identificação, mas igualmente uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças culturais (BARTH, 2011, p. 196).

As pessoas, segundo Barth (2011), possuem orientações valorativas de acordo com o seu grupo étnico. Os membros de cada grupo não devem se comportar fora desses padrões sugeridos, nem seguir outros estatutos, pois isso acarretaria em um olhar negativado pelos seus, podendo até ser confundido com um tipo de comportamento praticado por outra etnia. Essa forma de organização faz com que as diferenças persistam. Curioso observar que numa sociedade poliétnica, devido ao fato de cada grupo ter os seus estatutos, cria-se entre eles um paralelismo que desembocará numa “[...] canalização e padronização da interação e a emergência de fronteiras que mantenham e gerem a diversidade étnica dentro de sistemas sociais englobantes de maior amplitude.” (BARTH, 2011, p. 200). Sobre o paralelismo, diz Fredrik (2011):

[...] outros estatutos imperativos permitem um paralelismo: assim como os dois sexos ridicularizam o macho que é efeminado e todas as classes punem o proletário que parece ter o rei na barriga, também os membros de todos os grupos étnicos de uma sociedade poliétnica atuam para a manutenção das dicotomias e diferenças (BARTH, 2011, p. 200).

Essa discussão nos faz lembrar do jagunço Riobaldo, que se comportando muitas vezes fora das orientações do seu grupo, passa a ser visto pelos homens e mulheres da sua sociedade como um efeminado, um desviado dos padrões étnico-gendrados que lhes foram previamente incorporados à sua identidade. Dentre esses “desvios”, há a sua ambígua amizade com “outro jagunço” – Diadorim. Esta, apresentada a todos como um homem, é perseguida pelos outros membros do seu grupo, por possuir características e comportamentos femininos, o que leva Tatarana a também ser satirizado, pois vive o tempo todo ao lado de Diadorim, numa “intimidade excessiva”. É o que comprovamos com essa passagem da obra:

Mas Diadorim sendo tão galante moço, as feições finas caprichadas. Um ou dois, dos homens, não achavam nele jeito de macheza, ainda mais que pensavam que ele era novato. Assim loguinho, começaram, aí, gandaiados. Desses dois, um se chamava de alcunha o Fancho-Bode, tratantaz. O outro, um tribufú, se dizia Fulorêncio, veja o senhor. Mau par. A fumaça dos tições deu para a cara de Diadorim – ‘Fumacinha é do lado – do delicado...’ – o Fancho-Bode teatrou. Consoante falou soez, com soltura, com propósito na voz. A gente, quietos. Se vai lá aceitar rixa assim de graça? Mas o sujeito não queria pazear. Se levantou, e se mexeu de modo, fazendo xetas, mengando e castanhetando, numa dança de furta-passo. Diadorim se esteve em pé, se arredou de perto da fogueira; vi e mais vi: ele apropriar espaços.

[...] e Diadorim entrava de encontro no Fancho-Bode, arrumou mão nele, meteu um sopapo: – um safano nas queixadas e uma sobarbada – e calçou com o pé, se fez em fúria. Deu com o Fancho-Bode todo no chão, e já se curvou em cima: e o punhal parou ponta diantinho da goela do dito, bem encostado no gogó, da parte de riba, para se cravar deslizado com bom apôio, e o pico em pele, de belisco, para avisar do gosto de uma boa-morte; era só se soltar, que, pelo peso, um fato se dava. [...] – Diadorim mandou o Fancho se levantasse: que puxasse também a faca, viesse melhor se desempenhar! Mas o Fancho-Bode se riu, amistoso safado, como tudo tivesse constado só duma brincadeira: – ‘Oxente! Homem tu é, mano-velho, patricio!’ (ROSA, 2001, p. 175-176).

A etnicidade jagunça encontra nos atributos relacionados ao gênero masculino, como: a heterossexualidade, a coragem, a valentia, a virilidade, a sua maior força de identificação e pertencimento, o que faz com que cada membro se sinta empoderado e onipotente diante dos membros de outros grupos.

### 2.3. A MASCULINIDADE DO JAGUNÇO RIOBALDO

– “*Não sou o nenhum, não sou frio, não... Tenho minha força de homem!*” Gritei, disse, mesmo ofendendo. Ele saíu para longe de mim; desconfio que, com mais, até ele chorasse. E era para eu ter pena? Homem não chora! – eu pensei, para formas (ROSA, 2001, p. 208).

Riobaldo

*Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria. Mas Diadorim sabia disso, parece que não deixava.* (ROSA, 2001, p. 54).

Riobaldo

Antes de discutirmos as questões que norteiam a masculinidade do jagunço Riobaldo, faz-se preciso repararmos um recorrente equívoco que compõe uma parte da crítica sobre a obra de Guimarães Rosa (2001). Alguns autores chamam de cangaceiro o que, na verdade, é jagunço. A diferença entre esses dois tipos sertanejos nos é apresentada pela minuciosa pesquisa do historiador Frederico Pernambucano de Mello (2011), no seu livro *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. Nesse trabalho, Frederico não apenas distingue essas duas figuras, mas algumas outras, como: o cabra e o pistoleiro. Esta dissertação apresentará apenas os esclarecimentos que ajudam a sanar esse estorvo conceitual.

Segundo o autor de *Guerreiros do Sol*: “As distintas realidades do jagunço e do cangaceiro – este sem e aquele com patrão – fazem que os termos não se confundam salvo em casos de abordagem propositalmente genérica ou superficial do tema em estudo.” (MELLO, 2011, p. 75). Mais detalhadamente, o mesmo autor irá dizer:

[...] o jagunço [...] é um profissional que escolheu o ofício das armas como meio de vida e não deseja fazer outra coisa. Encerrada questão em que esteve envolvido, despede-se do patrão – normalmente um fazendeiro ou chefe político – e vai oferecer as armas a quem estiver em litígio (MELLO, 2011, p. 73-74).

A definição de jagunço feita por Frederico (2011) pode ser facilmente comprovada, através da leitura do *Grande Sertão: Veredas* (2001). Em algumas passagens deste romance, personagens discorrem sobre o tema, inclusive detalhando a relação desse tipo sertanejo com algum patrão fazendeiro ou político. Destacamos uma fala de Selorico Mendes, padrinho de Riobaldo, que exemplifica bem os nossos argumentos:

– ‘Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política, e potentes chefias. A pena, que aqui já é terra avinda concorde, roncice de paz, e sou homem particular. Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador – todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! [...] Nisto que na extrema de cada fazenda some e surge um camarada, de sentinela, que sobraça o pau de fogo e vigia feito onça que come carcaça. Ei. Mesma coisa no barranco do rio, e se descer esse São Francisco, que aprova, cada lugar é só de um grande senhor, com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros [...]’ (ROSA, 2001, p. 127-128).

Na sequência, o romance apresenta uma pequena narrativa de Riobaldo, em que conta sobre uma reunião ocorrida entre o seu padrinho, outros fazendeiros e um grupo de jagunços contratados. Parte que demonstra o que estamos argumentando:

Alarico Totõe sendo um fazendeiro do Grão-Mogol, conhecido de meu padrinho. Ele, com seu irmão Aluiz Totõe, pessoas finas, gente de bem. Tinham encomendado o auxílio amigo dos jagunços, por uma questão política, logo entendi. (ROSA, 2001, p. 132).

Desfeito o nó desse pequeno impasse teórico, ressaltamos que o jagunço, assim como o cangaceiro, o cabra, o pistoleiro e outros tipos do sertão compartilham, segundo os seus interesses particulares, ações específicas de uma cultura de violência. Há, em todos eles, uma predisposição para a luta armada e defesa da honra. E é muito importante dizer que esse tipo

de cultura é alimentada por um poder hegemônico que tem a masculinidade como o seu principal alicerce. Realidade muito comum, em contextos histórico-sociais, onde ainda prevalecem a essência das raízes do patriarcado, como sucede no cenário sertanejo do *Grande Sertão: Veredas* (2001). Sobre o assunto, ao retratar as personagens típicas do Nordeste pecuário, diz Frederico (2011):

Neste caso, viva o herói e morra a lei, pois o que importa mesmo é aquela norma paralela, consuetudinária e viscosa, transmissível de pai a filho, que consiste na imaterial codificação de um ‘dever ser’ autenticamente rural, fruto do que consideramos uma cultura de violência honrada e épica, que tem nos sertões do Nordeste pecuário um de seus palcos mais característicos e se enlaça com realidades de sítios semelhantes espalhados pelo mundo, nos quais a violência de honra conseguiu incorporar-se às mais vivas e abonadas tradições culturais (MELLO, 2011, p. 104).

Evidentemente, que, sendo muitas as variações dessas masculinidades, elas diferem de um grupo para o outro, mas mantêm a ideia de agressividade como uma medida para se ser um “homem de verdade”. Sendo Riobaldo um jagunço e tendo o seu bando identidades e ideologia próprias, ele possui diferenças que lhe garantem o sentimento de pertença à jagunçagem, ao mesmo tempo em que carrega consigo o fardo do homem universal. Essa universalidade pode ser atribuída, como veremos em breve, ao modelo hegemônico masculino. Uma norma que pode levar qualquer outra masculinidade a se posicionar em função dela.

O jagunço que nos fora apresentado por Frederico (2011), e o do *Grande Sertão: Veredas* (2001), possuem mais uma identificação que precisa ser destacada: a ambivalência, a qual entendemos como o fato deles demonstrarem tanto um lado bandido quanto herói. A violência por eles praticada ganha, em seus contextos sociais, uma interpretação variada que uma hora os pune e em outra os aplaude. Assim, diz Frederico (2011):

O que há de mais admirável na figura do jagunço é a maneira franca e, de certa forma, até mesmo ingênua com que se entregava ao seu ofício guerreiro, resultando daí que se o chefe o conduzia a uma causa nobre, o terrível sicário da véspera convertia-se facilmente em herói festejado pelas gentes. Assim, quem fala em jagunço ou cabra fala em violência, mas não necessariamente em torpeza (MELLO, 2011, p. 76).

Sobre esse mesmo perfil jagunço escreveu a autora Vera Lúcia Andrade (1991), em seu artigo *Conceituação de jagunço e jagunçagem em Grande Sertão: Veredas*. Neste, ela dá-nos a conhecer as contradições dessa personagem-chave da obra rosiana:

A imagem que se pode depreender [...] desse elemento representante de uma classe de grande relevância no meio rural brasileiro é antes de mais nada contraditória.

Visto ora como um malfeitor – o bandido que mata, rouba e pratica torturas, que ameaça a ordem, transgredindo a lei – ora como um benfeitor – o soldado que luta, saqueia e pilha, tirando dos ricos para dar aos pobres, e ajuda a manter a ordem, impondo a lei – o jagunço apresenta-se como um ser ambivalente que oscila entre duas forças, nele atuantes de forma igualmente poderosa, a do Demo e a de Deus (ANDRADE, 1991, p. 492).

O fato de o jagunço descrito por Frederico (2011) ser originário do Nordeste brasileiro e o de Rosa (2001) de Minas Gerais, não implica na aparência quase total que há entre eles, pois, o da literatura, em síntese, corresponde àquele descrito pelo historiador recifense. Além do mais, o que importa para este texto é saber que tanto um quanto o outro representam um mesmo estereótipo masculino, construído por uma sociedade ainda marcada por simbologias patriarcais. Seja Riobaldo – e os demais jagunços do *Grande Sertão: Veredas* (2001) – seja o jagunço nordestino, são moldados por um arquétipo de macheza, que despreza qualquer modo de feminilidade, pois esta é encarada negativamente por simbolizar menos poder social. Desprezo que se intensifica em relação à homossexualidade.

Outra importante característica que contribui para a formação da identidade jagunça pode ser encontrada no discurso de Riobaldo: o respeito a uma determinada moral. Como ele mesmo anuncia em uma das páginas iniciais da estória: “Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo.” (ROSA, 2001, p. 31). Atentar para esse detalhe é de grande valia para a presente pesquisa, pois é, em virtude da preservação de regras morais, que o protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001) insiste em se manter em um determinado padrão masculino, rejeitando assim a ideia de que ele possa ser possuidor de alguma qualidade feminina.

Já é sabido, com base nas discussões desenvolvidas nesta pesquisa, que as masculinidades e as feminilidades são construções sociais. E essas sempre vêm acompanhadas de significados que, quase sempre, representam uma prática discriminadora. Assertiva que ganha corpo não somente nas vozes de Guacira (1997) e Scott (1995), mas também na do autor Sócrates Nolasco (1994-1995): “A masculinidade é uma construção social e como tal impõe aos indivíduos padrões de conduta problemáticos, quer sejam eles do sexo masculino ou feminino.” (NOLASCO, 1994-1995, p. 308).

Riobaldo faz parte de uma sociedade brasileira que ainda é regida por alguns valores patriarcais. E, por viver no meio rural, onde as mudanças ocorrem mais lentamente, ele lida com uma versão bastante rigorosa desse sistema, que, por sua vez, alimenta uma visão

androcêntrica de mundo. Ser nascido, criado e educado sobre as rédeas do patriarcado, fez de Tatarana uma pessoa com grandes dificuldades de aceitar a pluralidade das representações de gênero, especialmente, do masculino. Tamanha objeção fê-lo reproduzir e produzir um discurso vinculado ao constructo binário “certo ou errado”. Ser correto, no que concerne à sua sexualidade e ao seu gênero, para um jagunço da literatura de Guimarães (2001), é ser macho, destemido, viril.

No livro, *Nordestino: Invenção do “Falo”: Uma História do Gênero Masculino (1920-1940)*, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2013) remonta o contexto histórico, social e político que ocasionou o surgimento das ideias de Nordeste e nordestino no Brasil. O estudo mostra que, no início do século XX, uma elite de intelectuais locais, notadamente de Pernambuco, como Gilberto Freyre, Amaury Medeiros, Aníbal Fernandes e outros fundou o Centro Regionalista, órgão que se colocava a serviço da tentativa de estabelecer uma identidade regional. Visava-se criar um sentimento de unidade entre os habitantes pertencentes a determinadas regiões. O que importava era fazer germinar, entre as pessoas, a noção de “ser nordestino”: um povo com características físicas e psicológicas próprias e com uma cultura e arte singulares. Esse projeto teria se estruturado e difundido, inicialmente, entre as décadas de 1920 e 1930.

Com as contribuições dos estudos contemporâneos sobre gênero, raça, etnia e classe, sabemos que a formação de um povo por vias de uma identidade única não é possível. Há uma multiplicidade de categorias que incide na formação das identidades e que traz consigo variadas opções de identificação. Somado a isto, encontramos, dentro de um mesmo território, diversos grupos de pessoas capturadas por necessidades e experiências diferentes. Essas particularidades é que gerarão, entre os seus integrantes, o sentimento de pertença.

Durval (2013) nos desperta para um dado curioso, que estaria associado a essa visão unificadora. Explica que o projeto dos tradicionalistas regionais incorporava uma campanha contra as conquistas do período moderno que, supostamente, estariam gerando um declínio político e econômico da região nordestina. A modernidade era vista por eles como um estímulo à feminização do mundo. Cria-se, então, a ideia de homem nordestino, alguém com força suficiente para resgatar o passado patriarcal e conservador:

O tipo nordestino começa a se definir mais claramente a partir desta militância regionalista, tradicionalista. Este será definido, portanto, como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estaria desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade ‘matriarcal’, efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno,

que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histérica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril, capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

[O autor acrescenta]:

O nordestino será inventado como o macho por excelência, a encarnação do falo, para se contrapor a este processo visto como de feminização, pensado como ameaçador, em última instância, para a própria região. A relação entre masculinidade e poder fica assim explicitada, ou seja, a feminização do espaço regional significava, segundo estes discursos, a perda de poder em nível nacional, a impotência (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 151-152).

O estudo desenvolvido por Durval (2013) nos interessa por três motivos: 1-) assim como o discurso construtor do nordestino, Riobaldo assume valores patriarcais, que promovem uma cultura de violência; 2-) ambos incorporam um modelo de masculinidade inflexível; 3-) dentre os tipos regionais, que influenciaram na construção do homem do Nordeste, está o jagunço:

O nordestino é construído através do agenciamento de uma série de imagens e enunciados que constituíram tipos regionais anteriores. Para esta construção confluem os tipos regionais que corresponderiam às chamadas áreas etnográficas [...], que seriam: o sertanejo [...]; o brejeiro [...]; e o praieiro [...].

Mas também serão agenciados os tipos muito mais sociológicos, [...], seriam eles: o vaqueiro [...]; o senhor de engenho ou o coronel [...]; o caboclo [...]; o matuto [...]; o cangaceiro ou o jagunço [...]; o beato [...] e o retirante [...] (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 186-187).

A verossimilhança entre a personagem jagunço da ficção e outra da sociedade nos ajuda a refletir sobre um referencial de macheza, que apequena simbolicamente as feminilidades e manifesta as mais variadas demonstrações de poder.

Não podemos negligenciar a percepção de que, mesmo nos dias atuais, ainda há, em culturas como a nossa, uma considerável absorção do patriarcado, regime social cujas normas são inspiradas na vontade do pai. Longe de querermos afirmar que impera na contemporaneidade uma obediência absoluta às leis impostas pelo homem, ressaltamos que o poder masculino continua a exercer grande influência sobre o núcleo das relações, destacadamente, as de gênero. Mesmo com os elevados avanços sociais, políticos e

econômico das mulheres brasileiras, continuamos a nos deparar no dia-a-dia com um padrão masculinizante, que é propagado por meio dos discursos das diversas instituições (família, igreja, escola etc.).

Riobaldo parece querer resgatar, inconscientemente, um passado patriarcal mais rigoroso, que lhe garanta usufruir dos aspectos de virilidade, valentia, coragem e liderança iguais àqueles atribuídos aos nordestinos à altura de sua invenção. Ele assume essa postura fazendo uso, predominantemente, do seu discurso e das suas atitudes de guerra, muito embora tenha sido fisgado por um sentimento atípico da sua “macheza inflexível”. Desejou e amou outro suposto jagunço, e isso o inseriu em um dilema: manter-se na posição de macho dominador e respeitado por todos, ou assumir e viver seus desejos e “fraquezas”?

As identidades sexuais de Riobaldo viraram reféns da representatividade social que a sua masculinidade adquiriu no contexto histórico do qual faz parte. Isso criou na personagem uma resistência para consigo mesmo. Ela se autovigia e automanipula na intenção de colaborar com as exigências da sua sociedade. O resultado desse processo é uma aparente tensão psicológica e um discurso contraditório que, ao mesmo tempo em que admite gostar de outro “homem”, o nega. Dado perceptível, no decorrer de toda a estória, e que será bem exemplificado no capítulo IV.

A resistência de Riobaldo para com as suas identidades femininas, é consequência de uma **visão fixa** que ele desenvolveu a respeito da própria masculinidade. Esta, encarada como algo dado *a priori*, devendo ser vivida como uma fatalidade, sem possibilidades de uma flexibilização que, em tese, lhe faria perder força e prestígio social. Temos aqui a ideia do continuísmo biológico, do homem que se vê como uma extensão do próprio corpo, algo muito bem retratado por Sócrates Nolasco (1993), no livro *O Mito da Masculinidade*:

O continuísmo a que está exposto o corpo dos homens e o controle afetivo a que estão submetidos seus comportamentos nos permitem pensar numa metáfora da compreensão que têm de si e do mundo: a biologia é um destino. Assim, não há o que pensar sobre a diferença, o conflito ou as contradições da vida. Se a subjetividade de um homem é a continuação de sua herança genética, ao menino resta conformar-se com esta visão de mundo e resistir a qualquer outra possibilidade de reflexão (NOLASCO, 1993, p. 47).

Atentos a esse conceito de continuísmo biológico, percebemos como muitos homens de sociedades patriarcais, como a da personagem Riobaldo, ainda anulam as diversas possibilidades de exprimir as suas sensações, realizando um exercício diário de conter as próprias emoções. Diferentemente, se condicionam a tipos de comportamentos que entendem

ser “próprios dos homens”, adotando atitudes agressivas e viris. O fato do corpo de um homem sofrer poucas alterações físicas, comparado ao de uma mulher, também colabora para que ele se veja como uma continuidade genética. E, como afirma Nolasco (1993): “Quando um menino nasce, o modelo de comportamento do macho é sua referência.” (NOLASCO, 1993, p. 47). Isto nos obriga a pensar na realidade de Riobaldo, que nasceu num ambiente de sertão, onde quase todos os homens a sua volta adotam uma postura diante da vida, regrada de constantes demonstrações de coragem e violência.

Ser homem, para Riobaldo, se reduz a ser macho. Concepção que fora criada e administrada, historicamente, no seio de uma sociedade enlaçada por condutas patriarcais e que investe numa visão dicotômica e polarizada sobre os sexos e os gêneros (homem/mulher; dominador/dominada; razão/emoção; força/fraqueza, etc.).

Fugir do protótipo de macho significaria para o jagunço da literatura de Rosa (2001) efeminar-se e, conseqüentemente, enfraquecer-se, o que acarretaria numa falta de pertencimento étnico ao grupo, uma vez que a masculinidade é o principal traço de identificação com a jagunçagem. Sabemos o quanto esse tipo sertanejo se nutre de simbologias sociais como: macho = a força = poder; fêmea = fraqueza = submissão.

Sócrates Nolasco (1993) alerta para um detalhe interessante sobre essa oposição binária, assimilada não apenas pelos jagunços do *Grande Sertão: Veredas* (2001), mas por grande parte dos homens da sociedade brasileira contemporânea:

Uma das conseqüências desta polarização pode ser observada pela dificuldade dos homens de formar uma imagem sobre eles mesmos que leve em conta diferentes aspectos de suas identidades, e não particularmente aqueles esperados socialmente (NOLASCO, 1993, p. 40).

O comportamento e o discurso de Riobaldo são manipulados por uma ideia maniqueísta de sexo e de gênero. Tornar dicotômico e polarizar essas categorias requer o estabelecimento de fronteiras entre os universos masculino e feminino. O rigor dessas divisões produz critérios opressores e preconceituosos, que sacrificam o direito dos indivíduos que não se veem favorecidos por modelos prontos. Afinal, já é sabido, e é sempre bom repetir, que não existe apenas um tipo de masculinidade e de feminilidade.

A maneira como o protagonista do romance, em análise, percebe a masculinidade pode ser conferida não apenas nos momentos em que ele fala de si mesmo ou de outro jagunço, mas também quando descreve outras personagens que, segundo sua visão, representam típicos machos.

É evidente que Riobaldo, em diversos momentos, aciona os valores da chamada masculinidade hegemônica, uma ideia universal do que venha a ser um homem genuíno. É graças a ela, aliás, que Tatarana e os outros jagunços chegam, em certos momentos, a sentir-se tão empoderados quanto um deus. Em um estudo de revisão conceitual, os cientistas sociais Robert W. Connell e James W. Messerschmidt (2013) alertam que:

A masculinidade hegemônica se distinguiu de outras masculinidades, especialmente das masculinidades subordinadas. A masculinidade hegemônica não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 245).

A masculinidade hegemônica, que perpassa Riobaldo, não se manifesta apenas pelo poder que ele exerce sobre as mulheres ou sobre outros homens, mas pela forma com que serve de parâmetro aos outros modelos masculinos, sendo ela uma “parada obrigatória” para que se possa estabelecer a dominação.

Nunca é demais lembrar que a masculinidade hegemônica pressupõe uma dominação e esta só é possível graças a uma estrutura social, que lhe sustenta e é guiada por uma divisão arbitrária dos sexos/gêneros. O filósofo, sociólogo e professor Pierre Bourdieu (2014) escreveu a respeito do assunto no seu livro *A dominação masculina*, um estudo sobre a sociedade Cabília, cujas discussões, por inúmeras vezes, sai das particularidades de um determinado povo e ganham um tom universal, possibilitando ao pesquisador um entendimento mais amplo sobre as relações de poder, que envolvem o mundo dos homens e das mulheres. Bourdieu contribui para a nossa pesquisa quando nos ajuda a pensar que:

A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas ‘sexuadas’), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2014, p. 17, grifo do autor).

Riobaldo encara a jagunçagem como um lugar estritamente masculino, reservado à força física e ao uso de armas, e onde impera a coragem, a valentia, a virilidade, o poder – atributos que uma determinada ordem social naturaliza como sendo de domínio exclusivo dos

homens. Às mulheres sertanejas da estória do *Grande Sertão: Veredas* (2001) são conservados os mesmos lugares e posições que outras mulheres, teoricamente, ocupariam numa sociedade machista: esposa, dona de casa, mãe, e, em casos específicos, prostituta, como a personagem Nhorinhá (a “prostitutriz”), dentre outros. Exemplifiquemos: “E Otacília tomando conta da casa, de nossos filhos, que decerto íamos ter. Otacília no quarto, rezando ajoelhada diante de imagem, e já aprontada para a noite, em camisola fina de ló.” (ROSA, 2001, p. 393-394). Isso atribui ao livro, em análise, uma das suas principais características universais: a das relações de gênero, o que faz do romance de Rosa (2001) um texto, profundamente, atual. Talvez as duas únicas exceções – ou pelo menos as mais visíveis – que descumprem esses lugares fixos na obra de Guimarães sejam, justamente, Riobaldo, um macho que não consegue se manter dentro dos limites patriarcais masculinizantes, apesar de sempre tentar retornar a eles; e Diadorim, uma mulher que simboliza a inconformidade com uma ordem social arbitrária, e, por isso mesmo, aprisionadora e consegue romper a lógica dos espaços sociais gendrados. Sobre essa ordenação desigual, que determina um dominante e uma dominada, diz Bourdieu (2014):

A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificação: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem a legitimá-la. A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 2014, p. 18).

A masculinidade que compõe parte das identidades de Riobaldo, assim como acontece com outras masculinidades, se impõe não apenas pela violência física, mas também pela simbólica. Conceito criado por Bourdieu (2014), a violência simbólica é uma das formas mais eficientes de dominação que se estabelece através de uma espécie de acordo tácito entre dominante e dominada durante a relação social e cuja perpetuação é garantida pelas estruturas sociais e pelos discursos de diversas instituições que colaboram para sua a naturalização:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para

pensar sua relação com ele, mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou, em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (BOURDIEU, 2014, p. 47).

Claro que o jagunço Riobaldo se impõe simbolicamente na relação com as personagens femininas, pois, juntamente com elas, cria e administra a “naturalização” dos esquemas de que trata Bourdieu (2014). Comportamento que parece bastante explícito quando ele (Riobaldo) discursa do auge da sua macheza, realçando características “próprias dos homens” em oposição às “específicas das mulheres ou dos efeminados”. Ações que carregam consigo uma série de simbologias antagônicas, que tendem a colocar o homem numa posição privilegiada de força e de hierarquia. Não esqueçamos que a própria entrada de Diadorim para o bando teve que ser feita por meio de uma masculinização às escondidas dessa personagem, o que lhe permitiu ser integrada ao “campo da capacidade exclusivamente masculina”, possibilitando-a pegar em armas e atuar mediante força física. Atitude que levou um corpo feminino – símbolo de fraqueza – a sabotar uma já esperada colaboração com as estruturas sociais, que insistem em manter dominantes e dominados em seus “devidos” lugares.

Se Diadorim se envolvesse com Riobaldo fingindo ser Reinaldo<sup>13</sup>, “diminuiria” socialmente o seu parceiro diante dos outros homens da jagunçagem e da sociedade a qual pertenciam. E, se ela optasse por se revelar mulher, sacrificaria a sua inclusão no grupo, pois, este só é formado por integrantes machos. Isso demonstra que ambas as personagens comungavam de um acordo simbólico hierárquico que naturalizava, pelas vias das estruturas sociais e dos discursos institucionais, uma supremacia masculina e uma submissão feminina. E, naquelas circunstâncias, esse pacto tácito era encorpado por um sentido universalizante e arbitrário que o reconhecia apropriado para os dois gêneros. Mais uma vez, são esclarecedoras as palavras de Bourdieu (2014):

O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento

---

<sup>13</sup> Nome que Diadorim assume quando se integra ao bando de jagunços.

profundamente obscura a ela mesma (BOURDIEU, 2014, p. 49-50, grifo do autor).

Complementando a sua linha de pensamento, afirma o mesmo autor:

A força simbólica é uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coação física; mas essa magia só atua com o apoio de predisposições colocadas, como molas propulsoras, na zona mais profunda dos corpos. Se ela pode agir como um *macaco mecânico*, isto é, com um gasto extremamente pequeno de energia, ela só o consegue porque desencadeia disposições que o trabalho de inculcação e de incorporação realizou naqueles ou naquelas que, em virtude desse trabalho, se vêem por elas capturados (BOURDIEU, 2014, p. 50, grifo do autor).

Reconhecemos também que, entre as masculinidades presentes no *Grande Sertão: Veredas* (2001), há uma hierarquia que vai além daquela sugerida pelo movimento de liberação gay: “A ideia de uma hierarquia das masculinidades cresceu diretamente a partir da experiência de homens homossexuais com a violência e com o preconceito dos homens heterossexuais.” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 244). Evidentemente, percebemos que essa forma de hierarquia também compõe o enredo do romance, basta saber que toda a estória é voltada para o medo que Riobaldo tem de ser visto como um “veado”, o que lhe levaria, na política dos jagunços, a uma perda de “capacidade moral” para pertencer ao bando. Por outro lado, existem homens heterossexuais, corajosos e violentos no cenário do sertão rosiano, mas que estão sob as rédeas de outros homens heteros de maior poder. Não é à toa que Tatarana e outros jagunços admiram tanto a coragem e a valentia singulares de Zé Bebelo<sup>14</sup>, a ponto de aceitar a condição que este lhes impôs – de cargo de chefia –, quando o mesmo fora convidado para, junto com seus capangas, unir forças com o bando de Riobaldo e Diadorim, na esperança de vingar a morte de Joca Ramiro<sup>15</sup>.

Contraditoriamente, apesar das muitas vantagens sociais que Riobaldo obtém em relação às mulheres e a outros homens, por conta do seu poder e do seu domínio simbólico, ele também ocupa um lugar social de oprimido, pois, aos homens, cabe a “obrigação” de ter que corresponder às expectativas sociais sobre eles depositadas, o que nem sempre é possível.

---

<sup>14</sup> Um homem líder que, junto com seus comparsas, se embrenha no sertão para vingar a morte do amigo Joca Ramiro, que, certa vez, havia lhe salvado a vida. Ao deparar-se com o bando de Riobaldo sem um comandante, Zé Bebelo é convidado a se juntar, no que impõe a condição de ser o novo chefe.

<sup>15</sup> Pai de Diadorim, assassinado em traição por alguns jagunços desertores.

Ao assumir os papéis de “o destemido”, “o herói”, “o viril”, “o onipotente”, Riobaldo está tentando responder “positivamente” às expectativas de uma sociedade, que lhe exige um comportamento machista manipulado pela **crença na rigidez dos polos masculino e feminino**, e, portanto, levado a atender um padrão hegemônico. Uma nítida obliteração na capacidade de compreender esses dois lados como sendo constituintes um do outro e flexíveis em si mesmos. Sobre esse aspecto, é enriquecedora a contribuição de Guacira Lopes Louro (1997):

Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros, então, significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um. Implicaria observar que o pólo masculino contém o feminino (de modo desviado, postergado, reprimido) e vice-versa; implicaria também perceber que cada um desses pólos é internamente fragmentado e dividido (afinal não existe *a mulher*, mas várias e diferentes mulheres que não são idênticas entre si, que podem ou não ser solidárias, cúmplices ou opositoras) (LOURO, 1997, p. 31-32, grifo da autora).

Riobaldo, assim como a grande parte dos homens da nossa sociedade, é obrigado a fornecer demonstrações diárias de comportamentos, que julga ser “o normal”. No caso da personagem, a sua principal luta é representada pelas tentativas de reafirmar a própria masculinidade, o que acaba por reprimir o seu amor por “outro jagunço”, levando-o a assumir um discurso homofóbico.

À medida que vai vivendo as suas aventuras pelo sertão, Riobaldo se vê de frente a uma angustiante dúvida: admitir ser homossexual ou manter-se machão? Por mais que ele assuma o seu amor e o seu desejo por Diadorim – até então construído como um homem – não se permite viver esses sentimentos de maneira concreta pelo medo de ser punido socialmente, o que lhe levaria à desonra e à desgraça moral. Durante todo o romance, nos deparamos com essa luta pessoal de Riobaldo, claramente percebida através do seu discurso.

Ter uma história amorosa com um “amigo jagunço”, no contexto em que se encontra o protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001), representa uma agressão aos padrões estabelecidos por uma sociedade essencialmente patriarcalista, que moraliza as condutas de homens e mulheres, mantendo-os sob o domínio de seus interesses. Diante de uma realidade tão bem imposta, Tatarana sente na pele a angústia de manter, no anonimato, o seu amor por Reinaldo. Uma postura diferente colocaria em risco as suas conquistas e o seu prestígio. Sobre isso, recorreremos a Sócrates Nolasco (1993): “[...] os homens temem serem vistos como homossexuais pelas consequências que isso acarreta para seus projetos e conquistas.”

(NOLASCO, 1993, p. 12). Assim, do início ao fim da trama, o que se vê é um protagonista desassossegado e amedrontado com as próprias sensações:

Mas, mesmo, achei que ali convinável não era se ficar muito tempo juntos, apartados dos outros. Cismeí que maldavam, desconfiassem de ser feio pegadio. Aquele povo estava sempre misturado, todo o mundo. Tudo era falado a todos, do comum: às mostras, às vistas (ROSA, 2001, p. 185).

O estereótipo do macho, assimilado por Riobaldo, é visto, em uma sociedade sexista e homofóbica, como um sinônimo de poder. É o que “lhe dá o direito” de praticar até mesmo alguma violência física, enquanto é tratado como um herói, e de se sentir superior a qualquer representação, que inspira algum tipo de feminilidade.

O poder, que energiza todo o ideal masculino e que caracteriza as relações de gênero, é o mesmo que coloca o homem – sobretudo aqueles de masculinidade extremada, como o jagunço – na condição de um fatalizado. É como uma faca de dois gumes: a ele é reservado o “confortável” lugar de empoderado (corajoso, viril, forte, conquistador, etc.), ao mesmo tempo, em que a sociedade lhe obriga a sempre estar em dia com as expectativas sociais que esse mesmo lugar ajudou a criar. A não correspondência de uma delas poderá simbolizar, em um contexto específico, uma “inclinação à fraqueza”, ou, até mesmo, uma “tendência à homossexualidade”, duas ideias construídas, socialmente, como sinônimos de feminilidade. Vejamos o que diz Bourdieu (2014) sobre as desvantagens dos homens em face da representação dominante:

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante. Tal como as disposições à submissão, as que levam a reivindicar e a exercer a dominação não estão inscritas em uma natureza e têm que ser construídas ao longo de todo um trabalho de socialização, isto é, como vimos, de diferenciação ativa em relação ao sexo oposto (BOURDIEU, 2014, p. 63).

Toda a vida do macho Riobaldo e dos jagunços da ficção de Guimarães Rosa (2001) em geral, são organizadas, socialmente, sobre uma base de honradez. A honra, nesse caso, parece conter uma essência da supremacia masculina. Ser honrado, no contexto da jagunçagem, é adotar uma série de comportamentos, muitas vezes, violentos, que se impõem para suprir uma necessidade social de zelo por uma imagem de viril, corajoso, valente, impositivo. Características estas que são construídas pela coletividade como identidades dos

jagunços. Por mais que Tatarana não esteja “à altura” de uma sexualidade “bem resolvida”, ele é levado a agir inconscientemente como se estivesse de acordo com todos os padrões masculinizantes da sua sociedade. Novamente, é válida a contribuição de Bourdieu (2014):

[...] a honra – que se inscreveu no corpo sob forma de um conjunto de disposições aparentemente naturais, muitas vezes visíveis na maneira peculiar de se manter de pé, de aprumar o corpo, de erguer a cabeça, de uma atitude, uma postura, às quais corresponde uma maneira de pensar e de agir, um *éthos*, uma crença etc. – *governa* o homem de honra, independentemente de qualquer pressão externa. Ela *dirige* (no duplo sentido do termo) seus pensamentos e suas práticas, tal como uma força (‘é mais forte que ele’) mas sem o obrigar automaticamente (ele pode furtar-se e não estar à altura da exigência); ela guia sua ação tal qual uma necessidade lógica (‘ele não pode agir de outro modo’, sob pena de renegar-se), mas sem se impor a ele como uma regra ou como o implacável veredicto lógico de uma espécie de cálculo racional. Essa força superior, que pode fazê-lo aceitar como inevitáveis, ou óbvios, isto é, sem deliberação nem exame, atos que seriam vistos pelos outros como impossíveis ou impensáveis, e a transcendência social que nele tomou corpo e que funciona como *amor fati*, amor do destino, inclinação corporal a realizar uma identidade constituída em essência social e assim transformada em destino (BOURDIEU, 2014, p. 63, grifos do autor).

Uma das formas mais emblemáticas de afirmação da masculinidade no jagunço Riobaldo é o reforço da virilidade. Esta entendida, por Pierre Bourdieu (2014), como “[...] capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança) [...]” (BOURDIEU, 2014, p. 64). Isso se traduz nas falas de Tatarana sobre as mulheres, com quem já se deitou, no seu sonho de um dia se casar e na sua disposição para a luta armada, especialmente, no projeto de vingar a morte de Joca Ramiro. Mas, esses realces, ou da honra ou da virilidade, só são, definitivamente, instituídos, quando recebem o acolhimento dos outros homens. Como afirma Bourdieu (2014): “[...] a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de ‘verdadeiros homens.’” (BOURDIEU, 2014, p. 65). Sem dúvida, para o filósofo francês, assim como para Sócrates Nolasco (1993), a virilidade e a honra são como uma grande carga a ser levada pelo homem.

O aval do grupo de jagunços tem uma importância extraordinária para Riobaldo e, ao mesmo tempo, não sendo Tatarana tão seguro quanto às suas “convicções”, um peso enorme. Sem ele, o protagonista do Grande Sertão: Veredas (2001) teria toda a sua pertença étnica à jagunçagem comprometida. Gênero e etnicidade, no que concerne à formação das identidades

de Riobaldo, são indissociáveis. E o papel da coletividade para a constituição dessa lógica dá sentido às palavras de Bourdieu (2014):

Certas formas de ‘coragem’ [...] encontram seu princípio, paradoxalmente, no *medo* de perder a estima ou a consideração do grupo, de ‘quebrar a cara’ diante dos ‘companheiros’ e de ser (*sic*) ver remetido à categoria, tipicamente feminina, dos ‘fracos’, dos ‘delicados’, dos ‘mulherzinhas’, dos ‘veados’ (BOURDIEU, 2014, p. 66, grifo do autor).

Frente a esse quadro tão rigoroso dos ditames masculinos, a homossexualidade, numa sociedade como a que Riobaldo integra, é vista negativamente como uma imoralidade, um desvio pecaminoso ou uma tentação demoníaca. Afinal, “tradicionalmente a homossexualidade encarna o princípio do mal. Sob essa ótica será compreendida socialmente, e a partir dela serão definidas não só as estratégias de ‘cura’, como também de punição.” (NOLASCO, 1993, p. 119). Exemplifiquemos com as palavras de Riobaldo:

Estou contando ao senhor, que carece de um explicado. *Pensar mal* é fácil, porque esta vida é embrejada. A gente vive, eu acho, é mesmo para se desiludir e desmisturar. A *senvergonhice* reina, tão leve e leve pertencidamente, que por primeiro não se crê no sincero *sem maldade*. Está certo, sei. Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive *inclinação pra aos vícios descontraídos*. *Repilo o que, o sem preceito*. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: *como um feitiço*? Isso. *Feito coisa-feita*. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – *tentação* dessa eu esparecia, *ai rijo comigo renegava*. Muitos momentos (ROSA, 2001, p. 162-163, grifos nossos).

No momento em que Riobaldo deixa de admitir o seu amor por Diadorim, ele está zelando pelas suas “vantagens sociais”, pela sua “posição de conforto” e, obviamente, se distanciando de uma rejeição difícil de ser assumida. Mais uma vez, nas palavras de Nolasco (1993):

Renunciar a uma representação de si carregada de qualidades extraordinárias, de promessas grandiosas, que ao longo dos anos tem servido

de modelo e referência para os homens construírem seus cotidianos, não se apresenta como tarefa fácil (NOLASCO, 1993, p. 29).

O jogo social do “ter que ser e provar que é”, ao qual se submetem muitos homens de diversas sociedades e as consequências psicológicas e físicas disso são, na contemporaneidade, assuntos retratados por inúmeros pesquisadores. O antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (2010), no texto *Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina*, ao relatar sobre suas experiências de juventude (década de 1950), na cidade de São João Nepomuceno, em Minas Gerais, comenta sobre uma brincadeira que consistia em um amigo passar a mão nas nádegas de outro, proferindo a pergunta: Tem pente aí? A molecagem visava analisar a reação de quem fora tocado e julgar se este possuía sensibilidade na bunda, demonstrando uma inclinação à homossexualidade; ou não, provando ser um “homem normal”, pois a parte a ser “invadida” era o traseiro – “[...] uma zona sagrada do corpo masculino [...]” (DAMATTA, 2010, p. 136). Este estudo nos ajuda a compreender a lógica do discurso do medo, proferido por Riobaldo, haja vista que negar a homossexualidade, para ele, é o mesmo que se opor a uma posição de “inferiorizado”, de alguém hierarquicamente subordinado. Na sociedade brasileira patriarcal, que integra o contexto da estória do *Grande Sertão: Veredas* (2001), – e, em grande parte, ainda hoje no nosso país – ser “bicha” é como “quase virar mulher” e, sendo assim, “[...] tornar-se um inferior e ficar satisfeito em ser uma reles imitação. Pois os veados eram seres intermediários e ambíguos. Não eram bem mulheres, embora procedessem social e sexualmente como tal.” (DAMATTA, 2010, p. 142). E sabemos que a condição de inferior ou de submisso não corresponde nunca à ideologia dos jagunços do romance analisado.

Vale a pena atentar para um dado interessante: *Grande Sertão: Veredas* (2001) teve a sua primeira publicação, no ano de 1956, mesma década das histórias relatadas por Roberto DaMatta (2010). Além disso, tanto o romance quanto os relatos se referem ao interior mineiro. Porém, o próprio DaMatta faz questão de ressaltar que esse tipo de mentalidade sobre “ser homem” era algo dominante em todo o cenário cultural do Brasil.

Quando o discurso de Riobaldo se opõe aos seus sentimentos, está buscando manter, ainda que ilusoriamente, a supremacia do “sexo forte”. Seja pelo discurso seja pelas atitudes violentas, o que move a personagem é o “dever” de ter sempre que reafirmar a sua masculinidade. Sobre essa “necessidade”, ampliada para a realidade do homem brasileiro, e, em especial, sobre a sua cidade, descreve o antropólogo carioca:

[...] quem havia nascido homem tinha que se comportar como tal – com hombridade, com consistência, firmeza e com certa dureza – realizando sistematicamente certos gestos e mostrando aos outros certos hábitos, gostos e atitudes (DAMATTA, 2010, p. 141).

A esta dissertação não interessa saber se Riobaldo quer ou não “sair do armário”, opção que deve ser respeitada de acordo com as possibilidades de cada indivíduo, mas chegar a uma compreensão de como a sua masculinidade é construída num determinado contexto social e num grupo específico formado apenas por homens; entender quais os motivos que levam Tatarana a se preocupar tanto com a sua imagem de macho; e trazer à luz as razões que fissuram o seu padrão masculino, gerando-lhe uma possível crise de identidade masculina. Para a realização do nosso objetivo, observaremos, especialmente, o discurso da referida personagem.

**Capítulo 3****PROPOSTA METODOLÓGICA**

Esta dissertação, que tem como *corpus* um livro de ficção literária, sugere ao pesquisador um tipo de investigação centrada na interpretação textual. Nesse caso, espera-se que se recorra a uma pesquisa qualitativa, que possibilite refletir sobre as principais questões relativas ao gênero e a etnicidade, inseridas no contexto e nas características do discurso da personagem a ser analisada. Segundo Daniel Augusto Moreira (2002), a pesquisa qualitativa inclui:

- 1) A interpretação como foco. Nesse sentido, há um interesse em interpretar a situação em estudo sob o olhar dos próprios participantes;
- 2) A subjetividade é enfatizada. Assim, o foco de interesse é a perspectiva dos informantes<sup>16</sup>;
- 3) A flexibilidade na condução do estudo. Não há uma definição a priori das situações;
- 4) O interesse é no processo e não no resultado. Segue-se uma orientação que objetiva entender a situação em análise;
- 5) O contexto como intimamente ligado ao comportamento das pessoas na formação da experiência; e
- 6) O reconhecimento de que há uma influência da pesquisa sobre a situação, admitindo-se que o pesquisador também sofre influência da situação de pesquisa (2002, p. 56).

Por lidar com os conflitos gerados nas relações e a influência das suas consequências no comportamento humano, a nossa pesquisa se caracteriza como sendo de cunho sociológico. Portanto, a investigação a ser realizada não se reduz a uma mera abordagem técnica, mas amplia a sua importância na medida em que fornece um suporte discursivo para os debates realizados dentro e fora das academias, o que possibilita buscar soluções ou sugestões que venham a amenizar esses conflitos. Nessa direção, seguiremos, na tentativa de entender e explicar um fenômeno social: uma suposta crise de identidade masculina. Por isso, a importância, neste projeto, de um enfoque qualitativo. Algo que é:

[...] capaz de incorporar questões do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas

---

<sup>16</sup> Nesta pesquisa, os informantes são as vozes sociais que são expressas pela boca do protagonista do romance ou pelos discursos sobre ele.

tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (MINAYO, 1994, p. 10).

Zelando pelo sucesso dos objetivos da nossa proposta, foi necessário seguirmos, na ordem, as seguintes etapas:

- 1-) Pesquisa de materiais teóricos sobre masculinidade, gênero, diversidade sexual e etnia;
- 2-) Resenhas, fichamentos e/ou resumos do material teórico;
- 3-) Revisão de literatura que aborda o tema em estudo (artigos, teses e dissertações publicados no site da CAPES);
- 4-) Leitura e interpretação da obra literária à luz da Análise Crítica do Discurso;
- 5-) Desenvolvimento da dissertação.

Na medida em que iremos interpretar a natureza conflituosa do discurso da personagem Riobaldo, em relação à personagem Diadorim, fica evidente a necessidade de desenvolvermos a nossa investigação à luz da Análise Crítica do Discurso (ACD). Desta, utilizaremos dois autores fundamentais: Norman Fairclough (2001) e Teun A. van Dijk (2010).

O primeiro teórico supracitado, no seu livro *Discurso e Mudança Social* (2001), apresenta uma análise profunda sobre o discurso, considerando todos os elementos, que contribuem de alguma maneira para a constituição, manutenção ou transformação do mesmo, e o tipo de relação que estabelece com a sociedade. O autor esclarece que tudo o que é constituído, mantido e transformado no plano da discursividade se materializa no social. Portanto, Fairclough (2001) propõe a interpretação do discurso como uma prática social. Talvez essa seja a justificativa para que a ACD se estabeleça como a metodologia deste trabalho. A ACD apresenta o seu objeto de estudo como uma forma de ação que influencia ao mesmo tempo em que é influenciada por uma estrutura social.

Por assumir uma posição de cunho social, mostrando a influência das relações de poder sobre o discurso, o pensamento de Fairclough (2001) se harmoniza com a nossa proposta de investigação, pois, o jagunço de Guimarães Rosa (2001) apresenta uma fala, que significa o mundo à sua volta pelos moldes de uma estrutura social patriarcal, a qual é fundamentada por demonstrações de poder, que constroem e mantêm ideologias. Para um maior esclarecimento, sobre essa tríade poder/discurso/ideologia, recorreremos também aos estudos de Van Dijk (2010), mais precisamente, ao seu texto *Estruturas do Discurso e Estruturas do Poder* (2010), o qual analisa detalhadamente o envolvimento entre poder e

discurso, além de apresentar as diversas formas de controle discursivo e de reprodução ideológica.

Amparado por esses dois linguistas, o presente trabalho sente-se na obrigação de revelar as principais contribuições da Análise Crítica do Discurso (ACD), selecionando as mais úteis para a investigação acerca do nosso objeto de estudo. Lembremos que nossa intenção é usá-las para explorar o discurso do jagunço Riobaldo e, desse modo, mostrar as matizes do conceito de masculinidade subjacentes ao discurso, construído na obra.

### 3.1. A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD)

Para que possamos compreender os avanços da Análise Crítica do Discurso (ACD), no campo da linguagem e a sua aplicabilidade no meio social, é necessário que tenhamos uma visão, ao menos panorâmica, sobre a história da Análise do Discurso (AD). E é justamente isso, que o linguista holandês Norman Fairclough (2001) possibilita aos pesquisadores, através do seu estudo intitulado *Discurso e Mudança Social* (2001).

O primeiro capítulo desse livro é um levantamento criterioso sobre os pontos positivos e negativos das diversas abordagens da Análise do Discurso (AD). Fala, especialmente, das abordagens não-críticas e das críticas. Aquelas, segundo ele, não se preocupavam em apresentar uma ‘orientação social para o discurso’ e grande parte não atentava para a importância da ‘interpretação’; estas, apesar de avançarem em diversas questões em relação às primeiras, tanto no que diz respeito aos aspectos sociais do discurso, quanto à interpretação, também dispunham de algumas limitações e falhas quanto ao método de análise. Desta forma:

As abordagens críticas diferem das abordagens não-críticas não apenas na descrição das práticas discursivas, mas também ao mostrarem como o discurso é moldado por relações de poder e ideologias e os efeitos construtivos que o discurso exerce sobre as identidades sociais, as relações sociais e os sistemas de conhecimento e crença, nenhum dos quais é normalmente aparente para os participantes do discurso (FAIRCLOUGH, 2001. p. 31 e 32).

O segundo capítulo do referido texto apresenta as contribuições dos estudos de Michel Foucault, acerca do discurso e da Análise de Discurso (AD), e de que forma algumas abordagens foucaultianas podem ser adaptadas à Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO).

Norman Fairclough (2001) desenvolveu esse prévio estudo analítico para, nos capítulos posteriores, esclarecer a sua própria abordagem sobre o assunto. Através de uma seleção de textos, ele sugere uma combinação entre análise textual e análise social. E é esse o cerne que sustenta a nossa proposta metodológica, ao buscarmos no discurso de uma personagem de ficção os traços sociais referentes às relações de gênero e etnicidade na sociedade.

Para a presente pesquisa, interessa o conceito de discurso apresentado pelo próprio Fairclough (2001): “[...] o uso de linguagem como forma de prática social [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90). Sendo assim, essa definição do linguista holandês remete à ideia de ação, ou seja, a uma maneira das pessoas agirem sobre o mundo e sobre os outros, bem como a uma forma de representação. Nessa abordagem, também existe uma relação dialética entre discurso e estrutura social: ao mesmo tempo em que esta última é tida como condição e efeito do primeiro, o discurso é modulado e limitado por ela. Há uma variação dos eventos discursivos, de acordo com o domínio social ou a instituição, em que eles são criados. Em suma, o discurso ajuda a construir toda a estrutura social, a qual o molda e restringe em suas regras, convenções, relações, identidades e instituições subjacentes. Portanto, o discurso não só representa o mundo, como o significa (FAIRCLOUGH, 2001).

Norman (2001) explica que o discurso colabora para a construção das identidades sociais, das relações sociais entre os indivíduos, do conhecimento e da crença. E que isso corresponde a três funções da linguagem: função identitária, função relacional e função ideacional. Interessante trazer nas palavras do próprio autor a descrição delas, pois, trata-se de questões importantes para o nosso entendimento acerca do discurso de Riobaldo – uma personagem que supervaloriza suas identidades masculinas, que se relaciona socialmente com outras personagens e que absorve e ajuda a construir, discursivamente, conhecimentos e crenças. Nas palavras de Fairclough (2001):

A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92).

Além dessas funções da linguagem, o linguista ainda soma ao seu estudo uma quarta função, apresentada por Halliday: a função textual, que remete a como as informações são trazidas para o primeiro plano ou levadas ao segundo, vistas como já conhecidas ou novas e

como partes do texto se ligam a outras partes desse mesmo texto ou à situação social (FAIRCLOUGH, 2001).

Atentemos para o fato de que a prática discursiva tanto reproduz a sociedade do jeito que ela já se apresenta, como influencia na sua transformação. No caso do jagunço Riobaldo, há, no seu discurso, uma predominância de reprodução dos valores da sociedade brasileira, patriarcal e rural, sobretudo, em relação ao poder que rege o universo masculino. É o que percebemos em falas do tipo: “Homem não chora! – eu pensei, para formas. Então, eu ia deixar para a boca dos outros aquela menina que se agradou de mim, e que tinha cor de dôce de burití e os seios tão grandes?!” (ROSA, 2001, p. 208). Assim se expressa Riobaldo, após descumprir um trato de abstinência sexual feito com Diadorim. Haviam combinado de ambos não se envolverem sexualmente com mulheres, enquanto estivessem em alguma missão de bando de jagunçagem. O discurso da protagonista imprime a nódoa do patriarcado brasileiro que força o homem a negar a sua subjetividade e a dar cotidianas provas de virilidade.

Norman (2001) fala de três características, que integram a relação discurso/sociedade: a existência de um confronto entre os indivíduos e as instituições reais com seus próprios elementos construídos pelo discurso; a força constitutiva promovida pelo discurso atua juntamente com a de outras práticas, como exemplo, o linguista holandês cita a determinação de tarefas domésticas e de aspectos afetivos (ex: a mulher, o ser emotivo); a ação constitutiva do discurso age dentro dos limites dialéticos do próprio discurso, impostos pelas estruturas sociais que comportam em si as instituições, e, como argumenta Fairclough (2001): “[...] no interior de relações e lutas de poder particulares.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93). Essas ressalvas feitas pelo autor são de grande valia, pois nos leva à consciência de que:

[...] a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais, concretas, orientando-se para elas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 93).

Pela perspectiva dialética, a prática discursiva e o evento discursivo se contradizem e vivem em constante luta. E suas estruturas, com as quais se relacionam, não são permanentemente fixas. A não-fixidez tão presente na contemporaneidade também se aplica ao discurso.

Para Fairclough (2001), a economia, a política, a cultura, a ideologia são orientações da prática social e o discurso atua sobre todas elas, podendo, inclusive, fazê-lo simultaneamente.

O estudo desenvolvido por Norman Fairclough (2001), no livro *Discurso e Mudança Social*, nos serve de suporte técnico para analisarmos a prática discursiva do jagunço Riobaldo. A parte do seu trabalho em que teoriza sobre o discurso como prática política e ideológica contribui precisamente com a nossa pesquisa. Isso se deve ao fato de a personagem de Guimarães Rosa (2001) ser socialmente moldada pelos parâmetros de uma sociedade imbuída por um sistema de influência patriarcal, que produziu um modelo de masculinidade, que intenta anular qualquer elemento de feminilidade. Por trás de toda essa construção, despontam as relações de poder.

Esta dissertação propõe um tipo de análise sociológica. Os debates por ela fomentados partem da observação do discurso de um jagunço fictício que mantém fortes laços com a realidade. Ele se encontra imerso em um aparente conflito pessoal, devido a um dilema: contrariar o modelo hegemônico de masculinidade, no qual está inserido, abrindo mão de uma respeitabilidade social e, portanto, de um poder, ou manter-se fixado a ele, reduzindo-se a um binarismo intransigente. Esse exercício de investigação nos permite usar uma obra literária para pensarmos sobre as questões referentes a gênero e a etnicidade, na atualidade. Parte desse trabalho requer um entendimento do discurso como prática política e ideológica. Nas palavras de Fairclough (2001):

O discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre os quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Como implicam essas palavras, a prática política e ideológica não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a prática política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder: a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder e ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta (FAIRCLOUGH, 2001, p. 94-95).

Fairclough (2001), um dos fundadores da Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, defende que os diversos tipos de discurso podem manifestar-se política ou ideologicamente, de formas diferentes.

Ele define o interdiscurso como as diversas formações discursivas, que dependem uma das outras e que, enquanto estrutura, se encontra abaixo dos eventos discursivos.

Para o linguista holandês, a relação entre os elementos de uma ordem de discurso pode ser contraditória. Como exemplo, Norman (2001) cita as diferentes posições de sujeito que uma pessoa pode assumir, a considerar a variedade de ambientes ou atividades com as quais ela se envolve numa mesma instituição. Nesse sentido, os limites entre esses ambientes e as práticas discursivas do indivíduo ou podem ser naturalizados ou contestados, gerando conflito e contradição. Tais elementos poderão ser bem ou mal definidos, não apresentando homogeneidade interna.

O autor de *Discurso e Mudança Social* (2001) faz questão de esclarecer que o que torna a prática discursiva de fato discursiva é a forma linguística em que ela se manifesta, como um texto falado ou escrito. E “a prática social (política, ideológica, etc.) é uma dimensão do evento discursivo, da mesma forma que o texto.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99).

É essencial entender que existe uma terceira dimensão que se junta as duas anteriormente citadas (a prática social e o texto falado ou escrito), para que se possa analisar o discurso como prática discursiva. Norman (2001) ressalta que a prática discursiva é uma das formas de prática social. A depender do caso, a segunda pode ser totalmente construída pela primeira. E, durante a análise de um discurso como prática discursiva, levam-se em consideração “[...] os processos de produção, distribuição e consumo textual.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 99). Para o autor, esses processos são sociais e estão relacionados aos locais econômicos, políticos e institucionais nos quais o discurso é produzido (FAIRCLOUGH, 2001). No que se refere à produção e ao consumo, ele defende que são, em parte, sociocognitivos, pois a produção e a interpretação são de natureza cognitiva, enquanto as estruturas e as convenções, nas quais elas se baseiam, são sociais. Como esclarecimento desses processos sociocognitivos, Fairclough (2001) chama atenção para a necessidade de entendermos como é possível ligarmos os modos de organização à interpretação textual, como se dão as produções, distribuições e consumos dos textos de maneira ampla e como a prática social se relaciona com as estruturas e as lutas sociais. Fica claro, portanto, a partir desse raciocínio, que é imprescindível considerar e compreender o percurso, ao invés de querermos observar apenas o produto final. Desta forma:

Não se pode nem reconstruir o processo de produção nem explicar o processo de interpretação simplesmente por referência aos textos: eles são respectivamente traços e pistas desses processos e não podem ser produzidos nem interpretados sem os recursos dos membros (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100).

Ao apostar numa concepção tridimensional do discurso (prática social, prática discursiva (produção, distribuição e consumo) e texto), o linguista holandês sugere como indispensáveis para a análise de discurso o que ele chamou de **as três tradições analíticas**. São elas: tradição de análise textual e linguística, tradição macrosociológica e a tradição interpretativa ou microsociológica. A primeira é focada na Linguística, a segunda, analisa a prática social e a sua relação com as estruturas sociais, e a terceira, reconhece a prática social como uma produção constante dos indivíduos que a entende por meio do compartilhamento do senso comum.

Norman Fairclough (2001) acredita que precisamos descobrir “[...] como os membros das comunidades sociais produzem seus mundos ‘ordenados’ ou ‘explicáveis’.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 100). Entretanto, o autor faz três ressalvas: primeiramente, as práticas desses membros são moduladas pelas estruturas sociais, relações de poder e pela prática social em que estão imersos, algo que ocorre inconscientemente. Essas práticas discursivas são empregadas política e ideologicamente a partir da posição de sujeito; depois, a prática dos membros interfere, também inconscientemente, nas estruturas, nas relações e nas lutas sociais; por último, os modos de atuar dos membros são heterogêneos e contraditórios, sendo questionados em “[...] lutas de natureza parcialmente discursiva.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 101). O linguista chama de descrição a parte do processo encarregada da análise textual e de interpretação as partes responsáveis pela análise da prática discursiva e da prática social (que inclui o discurso).

São enriquecedoras as explicações de Fairclough (2001) sobre o discurso como texto. Durante a análise de um texto, segundo o linguista, sempre haverá, concomitantemente, a exame de questões referentes à forma e ao significado, não podendo haver a separação desses dois lados para uma suposta investigação particular. Ele salienta que pelo raciocínio de grande parte da linguística tradicional do século XX – inspirada nos estudos de Saussure – as palavras ou sequências maiores de texto, chamadas genericamente de **signos** (significante ou forma + significado), possuem uma origem arbitrária, ou seja, não há uma motivação racional que ligue um determinado significante a um significado específico. Contrariamente, estudos críticos da Análise de Discurso, doravante AD, dizem que há sim uma motivação e ela é social.

Norman (2001) ainda diferencia significado potencial de um texto e sua interpretação. O primeiro seria o significado gerado sobre uma forma devido à prática discursiva passada densificada em convenções. Ele é, quase sempre, heterogêneo, um composto de significados que, ou se sobrepõem ou se contradizem. E isso torna o texto suscetível a diversas

interpretações. E a uma delas, ou algumas, se reduz a escolha de um intérprete. O sentido, para o linguista holandês, depende da interpretação e o termo pode ser usado tanto para os potenciais quanto para os sentidos extraídos pela interpretação.

Interpretação é uma palavra-chave para o tipo de análise proposta nesta pesquisa. Afinal, estamos trabalhando com literatura, um campo, cujas técnicas de composição promovem um resultado metafórico que acentua ainda mais a necessidade do exercício de interpretar. Qualidade que também alimenta, como, no nosso caso, a pesquisa qualitativa.

Norman Fairclough (2001) amplia o nosso olhar sobre a análise do texto quando nos oferece uma organização geral e, ao mesmo tempo, esclarecedora que possibilita ao analista uma inserção mais segura diante da sua atividade. Nesse caso:

A análise textual pode ser organizada em quatro itens, ‘vocabulário’, ‘gramática’, ‘coesão’ e ‘estrutura textual’. Esses itens podem ser imaginados em escala ascendente: o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual, trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos. Além disso, distingo três outros itens principais que não serão usados na análise textual, mas na análise da prática discursiva, embora certamente envolvam aspectos formais dos textos: a ‘força’ dos enunciados, isto é, os tipos de atos de fala (promessas, pedidos, ameaças, etc.) por eles constituídos; a ‘coerência’ dos textos; e a ‘intertextualidade’ dos textos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 103-104).

Para o linguista, pensar uma língua e o seu vocabulário apenas pelo padrão do dicionário convencional é limitá-la, pois, segundo ele, há muitos outros vocabulários que entram em conflito o tempo todo, de acordo com os “[...] diferentes domínios, instituições, práticas, valores e perspectivas.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 105). Buscando uma melhor apropriação terminológica, o autor sugere o uso da expressão **lexicalizações**, a qual gera sentidos de significações do mundo em diferentes tempos, considerando os diferentes grupos de indivíduos. Um termo por assim dizer: mais dinâmico.

O significado político e ideológico das lexicalizações e das metáforas, e a disputa entre os sentidos das palavras, que ocorre dentro de estruturas maiores, são outros quesitos de análise discutidos por Fairclough (2001). Sobre esse último ele esclarece que as estruturas que garantem a relação entre as palavras e entre os seus sentidos são “[...] formas de hegemonia” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 105).

Refletindo sobre os processos de produção e interpretação, o autor de *Discurso e Mudança Social* (2001) diz que esses são restringidos duplamente na sociedade. Uma dessas restrições é feita pelas “[...] estruturas sociais efetivamente interiorizadas, normas e

convenções, como também ordens de discurso e convenções para a produção, a distribuição e o consumo de textos [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109); a outra, “[...] pela natureza específica da prática social da qual fazem parte, que determina os elementos dos recursos dos membros a que se recorre e como (de maneira normativa, criativa, aquiescente ou opositiva) a eles se recorre.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 109). O linguista considera fundamental para a análise de discurso tentar fazer ligações entre a natureza dos processos discursivos e a natureza das práticas sociais. Para ele, o que mais interessa é atentar para a segunda restrição acima citada.

Seguindo a sua abordagem sobre os aspectos sociocognitivos da produção e da interpretação, o pai da ACD discorre sobre a força e a coerência, duas das dimensões de análise. A força é a ação social que parte de um texto realiza, seja ordenar, ameaçar, perguntar, etc. Muito embora, as partes do texto, nesse sentido, possam apresentar mais de um valor, ao mesmo tempo, o que pode gerar aquilo que Fairclough (2001) chama de força potencial extensiva, possibilitando ser entendidas de diversas formas, como uma pergunta, um pedido, uma ordem, uma solicitação, dentre outros.

O contexto atua como redutor dos sentidos ambíguos da força. O linguista ressalta que é preciso interpretar o contexto social antes de interpretar a força. Esse exercício permitirá ao leitor ter acesso a informações importantes para que ele descubra “[...] como o contexto afeta a interpretação do texto em qualquer caso particular [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 112). Essas informações irão: valorizar determinados elementos em detrimento de outros e especificar os discursos relevantes.

No livro *Discurso e Mudança Social* (2001), a coerência é entendida como aquilo que permite às partes de um texto possuir um sentido, o que resultará em um texto inteiramente com sentido. Mas, para que o sentido se realize, é preciso que alguém o reconheça e as leituras coerentes ocorrem de acordo com o seu modo particular, o qual, por sua vez, depende “[...] da natureza dos princípios interpretativos a que se recorre.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113). E esses princípios se relacionam com tipos de discursos particulares. Segundo Norman (2001), os textos só são lidos e interpretados de forma coerente porque determinam posições para os sujeitos que os interpretarão. A interpretação é possível porque os leitores fazem conexões e inferências que podem ocorrer com base em previsões ideológicas. Vale citar um exemplo trazido pelo linguista, para que possamos esclarecer melhor esse ponto:

[...] o que estabelece a ligação coerente entre as duas frases ‘Ela pede demissão do emprego na próxima quarta-feira. Está grávida’ é o pressuposto

de que as mulheres param de trabalhar quando têm filhos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 113).

Assumidas as posições de intérpretes e feitas as conexões, os sujeitos são assujeitados pelos textos que os interpelam ideologicamente. Durante as diferentes leituras, poderá haver luta. Fora isso, é possível ocorrer resistência quanto às posições indicadas nos textos.

Fairclough (2001) aprofunda seu estudo dando a conhecer a sétima dimensão de análise: a intertextualidade. Esta definida como a capacidade que os textos têm de possuírem fragmentos de outros textos. Ele realiza uma diferenciação entre o que chamou de **intertextualidade manifesta** e **interdiscursividade ou intertextualidade constitutiva**. O primeiro termo remete à “[...] constituição heterogênea de textos por meio de outros textos específicos [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114); o segundo, à “[...] constituição heterogênea de textos por meio de elementos (tipos de convenção) das ordens de discurso [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 114).

Segundo o pai da ACD, a análise da prática discursiva se dá por meio de dois processos: a microanálise (explica como acontece a produção e a interpretação de textos pelos participantes, baseados nos recursos dos membros) e a macroanálise (leva a conhecer a natureza dos recursos dos membros e das ordens de discurso utilizada para produzir e interpretar os textos e esclarece se isso procede de maneira normativa ou criativa (FAIRCLOUGH, 2001). O linguista holandês esclarece que o tipo de relação entre esses dois processos é de dependência mútua. Os macroprocessos da prática discursiva seriam então determinados pela natureza da prática social, enquanto os microprocessos moldariam o texto (FAIRCLOUGH, 2001).

Para falar da ideologia, Norman Fairclough (2001) se inspira na teoria do filósofo Althusser. O pai da ACD admite haver três afirmações teóricas sobre a ideologia, que são de grande relevância:

Primeiro, a asserção de que ela tem existência material nas práticas das instituições, que abre o caminho para investigar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia. Segundo, a asserção de que a ideologia ‘interpela os sujeitos’, que conduz à concepção de que um dos mais significativos ‘efeitos ideológicos’ que os linguistas ignoram no discurso [...], é a constituição dos sujeitos. Terceiro, a asserção de que os ‘aparelhos ideológicos de estado’ (instituições tais como a educação ou a mídia) são ambos locais e marcos delimitadores na luta de classe, que apontam para a luta no discurso e subjacente a ele como foco para uma análise de discurso orientada ideologicamente (FAIRCLOUGH, 2001, p. 116-117).

O linguista holandês critica parte da teoria althusseriana, por apresentar algumas limitações. Ele reclama da contradição que há, no pensamento do filósofo, quando este defende haver uma dominação e reprodução de uma ideologia dominante imposta unilateralmente, ao mesmo tempo em que acredita nos aparelhos ideológicos como um lugar de luta de classes, onde há sempre um equilíbrio. A primeira visão é a mais explorada por Althusser.

Fairclough (2001) vê as ideologias como “[...] significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117) e essas ações, segundo ele, ocorrem pelas vias das inúmeras formas de discurso e influenciam para produzir, reproduzir e transformar as relações de poder. Não percamos de vista que o nosso objeto de estudo reclama por uma atenção do pesquisador nesse sentido, se levarmos em consideração que o discurso da personagem analisada contém fortes indícios de traços ideológicos, que, provavelmente, produzem, reproduzem e transformam um tipo de ideologia patriarcal, que colabora na construção das relações e identidades sociais do próprio Riobaldo. Isso nos serve de material para ampliarmos a discussão para além da literatura, trazendo-a para a sociedade.

Norman (2001) admite que as ideologias que os discursos carregam podem ser naturalizadas, tornando-se senso comum, isso lhe atribui um grande poder de eficácia. No entanto, pode haver uma luta ideológica, que venha a transformar as práticas discursivas e suas ideologias. Se práticas discursivas possuem alguma contradição em uma instituição qualquer ou outro espaço particular, uma parcela dessa oposição poderá ser ideológica.

As palavras, como um dos níveis textuais e do discurso, também podem apresentar-se ideologicamente através dos seus sentidos. Além delas, outras características semânticas podem ser investidas da mesma forma: as pressuposições, as metáforas e a coerência.

Fairclough (2001) condena a oposição rígida que, muitas vezes, é feita entre conteúdo ou sentido e forma. Para ele, há uma ligação bastante estreita entre os dois e os aspectos formais dos textos podem apresentar-se ideologicamente.

O pai da ACD nos chama atenção para outro fato importante: devido ao acontecimento de as ideologias se formarem nas convenções, podendo ser naturalizadas, os indivíduos, muitas vezes, não possuem a consciência sobre o investimento ideológico das suas próprias práticas. Mas, uma prática consciente e transformadora é possível, sobretudo quando uma pessoa age em uma única instituição, num conjunto de práticas específicas, e é interpelada por outras posições, gerando contradições quanto aos caminhos a serem seguidos por ela. Nesse caso, a naturalização poderá ser comprometida.

Os sujeitos, de acordo com a teoria de Norman (2001), têm a capacidade de posicionar-se ideologicamente, porém, não se limitam a essa condição, podendo variar para aquilo que o linguista denominou de **sujeito agente ativo** – neste caso, agem para “[...] realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 121).

Conscientizar-nos de que os discursos ideológicos variam em graus de intensidade, é essencial para não cairmos em generalizações. Riobaldo discursa de um lugar socialmente influenciado pelas regras do patriarcado que tornam binárias as relações de gênero e estabelecem um sistema de poder caracterizado por desigualdades. Por essa lógica, as práticas discursivas desse jagunço colaboram para manter as relações de dominação.

O conceito de hegemonia trabalhado no livro *Discurso e Mudança Social* (2001) remete à liderança e à dominação econômica, política, cultural e ideológica dentro de uma sociedade. É quando uma das classes, aliançadas com outras forças sociais, se impõe economicamente sobre outras classes e sobre a sociedade como um todo, por meio de concessões e ideologias. Hegemonia indica lutas constantes entre classes, objetivando criar, manter ou acabar com as alianças e com as relações de dominação/subordinação (FAIRCLOUGH, 2001). Tais lutas, na concepção do linguista, se desenvolvem no interior das instituições civis, citadas por ele como: educação, sindicatos, família, etc., e apresentam desigualdades. Acrescentamos aqui a lembrança de que a literatura também é uma instituição, e nela o autor ou as personagens podem discursar, ideologicamente, inclusive, acionando valores hegemônicos.

Norman (2001) insiste na sua concepção dialética que envolve a relação entre as estruturas (ordens de discurso) e os eventos discursivos. E, nessa medida, considera “[...] uma ordem de discurso como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e a rearticulação de ordens de discurso são, conseqüentemente, um marco delimitador na luta hegemônica.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 123). Complementarmente, o teórico afirma que a prática discursiva, a produção, a distribuição, o consumo e a interpretação de textos revelam a luta hegemônica, e influenciam na reprodução ou transformação da ordem de discurso e das relações sociais (FAIRCLOUGH, 2001).

O linguista holandês acredita que a maior parte do discurso é sustentada na luta hegemônica dentro das instituições (família, escolas, etc.). Professores e alunos, polícia e público, mulheres e homens protagonizariam essas relações (FAIRCLOUGH, 2001). Os grupos dominantes adquirem poder não só, dominando outros grupos, mas aliando-se a eles.

Há várias formas de poder numa sociedade. A hegemonia é uma delas. Fairclough (2001) percebe que esse conceito constitui para o discurso **uma matriz** que permite analisar a prática social da qual o discurso faz parte, ou seja, avalia “[...] se as relações de poder reproduzem, reestruturam ou desafiam as hegemonias existentes [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126). O mesmo conceito também fornece para o discurso **um modelo** que possibilita a análise da “[...] própria prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existentes.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126).

Ao falar da mudança discursiva, Fairclough (2001) propõe uma perspectiva dupla: observarmos como as transformações acontecem nos eventos discursivos e como as rearticulações influenciam nas ordens de discurso. Em síntese, ele diz que o que gera a mudança no evento discursivo é a “[...] problematização das convenções para os produtores ou intérpretes, que pode ocorrer de várias formas.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Essas problematizações são sustentadas por contradições em volta das quais acontecem determinadas lutas: o que notamos na obra de Rosa (2001), quando trata da angústia produzida pelo discurso ambíguo de Riobaldo, o qual, ao mesmo tempo em que evoca um modelo específico de masculinidade, surpreende, tanto a si mesmo, quanto à sociedade, com quebras de expectativas construídas sobre o ser macho. Dito isto, compreendemos que a literatura, enquanto instituição, pode gerar problematizações das convenções discursivas e das práticas sociais.

O pai da ACD frisa que: “A mudança envolve formas de transgressão, o cruzamento de fronteiras, tais como a reunião de convenções existentes em novas combinações, ou a sua exploração em situações que geralmente as proíbem.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 127). Lembremos que o hibridismo de gênero forjado pela personagem Diadorim, gera, na obra, o alargamento dos limites do conceito de jagunço assimilado por Riobaldo. A obra reproduz um discurso social hegemônico, para questioná-lo, para levar o leitor a refletir a respeito das formas fixas de gênero, suscitadas por ideias polarizadas.

O linguista holandês nos ajuda a pensar todo esse processo, trazendo para a discussão o exemplo das hegemonias tradicionais. Ele entende que um evento discursivo pode ajudar na preservação e reprodução das relações e das hegemonias de gênero. Do mesmo modo, isso pode não ocorrer, o que acarretará numa mudança discursiva.

Para Fairclough (2001), quando a mudança discursiva se naturaliza, tornando-se uma nova convenção textual – lembremos que o texto é uma dimensão do discurso –, a imagem, que outrora era vista pelos intérpretes como sendo de contradição ou fragmentação, passa a ser substituída por uma de inteireza. Essa novidade modifica as estruturas das ordens do

discurso, criando outras ordens e novas hegemonias discursivas. O linguista ainda ressalta que as mudanças estruturais podem se limitar à ordem de discurso de uma instituição ou ir além, afetando a ordem de discurso societária.

As novas ordens de discurso mantêm-se estabilizadas apenas parcialmente, podendo permitir, no futuro, outras lutas e mudanças. E uma das características dessa abertura é a não-fixidez dos valores ou investimentos ideológicos dos elementos das ordens de discurso.

Por considerarmos que o discurso é uma das formas mais eficientes de uma pessoa se impor socialmente, criando assim a sua hegemonia, faz-se necessário identificarmos a maneira como o poder se propaga através do discurso – no nosso caso, o de Riobaldo – e os fatores que regem esse poder. Com esse propósito, optamos por utilizar o texto *Estruturas do discurso e estruturas do poder*, de Teun A. van Dijk (2010). Nesse trabalho, ele analisa detalhadamente as relações entre poder e discurso, além de apresentar as diversas formas de controle discursivo e de reprodução ideológica. Nas palavras do autor:

[...] nossa principal perspectiva encontra-se nas formas como esse poder é exercido, manifestado, descrito, disfarçado ou legitimado por textos e declarações orais dentro do contexto social (DIJK, 2010, p. 39).

[acrescenta o autor, citando Bourdieu e Passeron]:

O modo de produção da articulação é controlado pelo que se pode chamar as ‘elites simbólicas’ [...] e outros grupos que exercem o poder com base no ‘capital simbólico’. Esses grupos possuem relativa liberdade e, por essa razão, relativo poder para tomar decisões sobre os gêneros de discurso dentro do seu domínio de poder e determinar tópicos, estilo ou forma de apresentação de um discurso. Esse poder simbólico não se limita à articulação em si, mas também inclui o modo de influência: eles podem determinar a agenda da discussão pública, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, especialmente quanto a quem deve ganhar destaque publicamente e de que forma. Eles são os fabricantes do conhecimento, dos padrões morais, das crenças, das atitudes, das normas, das ideologias e dos valores públicos. Portanto, o seu poder simbólico é também uma forma de poder ideológico (DIJK, 2010, p. 45).

Toda essa reflexão sobre poder e discurso, nos é útil na medida em que a personagem de ficção Riobaldo – centro dos nossos estudos –, ao assumir um determinado lugar social, a partir de um modelo de macho incontestável, também acaba por adotar um tipo de fala que traz consigo diversas características, que indicam uma supremacia masculina no espaço no qual está inserido (o sertão de Minas Gerais). Esse jagunço discursa com a intenção de zelar

pela sua fama de corajoso, valente e viril. O seu discurso traz, essencialmente, um tom de domínio e poder. Sobre o poder, esclarece van Dijk (2010):

O poder é exercido e expresso diretamente por meio do acesso diferenciado aos vários gêneros, conteúdos e estilos do discurso. Esse controle pode ser analisado de modo mais sistemático nas formas de (re)produção do discurso, especificamente em termos de sua produção material, articulação, distribuição e influência (DIJK, 2010, p. 44-45).

É importante observar que, nesse texto, van Dijk (2010) apresenta uma nova forma de abordar a ideologia. Esta que é vista pelo autor como uma peça imprescindível no exercício e na legitimação do poder através do discurso, ganha uma nova interpretação, diferente dos seus significados clássicos:

Apesar de, inegavelmente, haver práticas e instituições sociais que desempenham um papel importante na expressão, no exercício ou na reprodução da ideologia, devemos partir do pressuposto de que a ideologia ‘em si’ não é o mesmo que essas práticas e instituições. Em vez disso, tomamos como ponto de partida o fato de a ideologia ser uma forma de cognição social. [...]. Esse pressuposto não significa que a ideologia compõe-se simplesmente de um conjunto de crenças ou atitudes. Sua natureza sociocognitiva é mais elementar. Segundo essa análise, uma ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais, como os preconceitos sociais. Essa estrutura ideológica em si consiste em normas, valores, metas e princípios socialmente relevantes que são selecionados, combinados e aplicados de forma tal a favorecer a percepção, interpretação e ação nas práticas sociais que beneficiam os interesses do grupo tomado como um todo. Dessa forma, uma ideologia proporciona coerência às atitudes sociais, que, por sua vez, codeterminam as práticas sociais. Deve-se sublinhar que as cognições sociais ideológicas não são sistemas de crenças ou opiniões individuais, mas essencialmente as cognições sociais de membros de formações ou instituições sociais. [...] Todas as ideologias (incluindo as científicas) englobam uma (re)construção da realidade social dependente de interesses.

[...] o discurso e a comunicação segundo sugerimos, desempenham um papel central na (trans)formação da ideologia (DIJK, 2010, p. 48-49).

### 3.2. CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para efetivar uma prática de análise, Fairclough (2001) apresenta diretrizes gerais – por nós tomadas como método – que irão sustentar a realização de uma pesquisa desta abordagem. Assim, ao discorrer sobre o que chama de **os três principais itens**: os dados, a

análise e os resultados, Fairclough indica o valor de cada um deles a partir das suas subcategorias. Estas, referentes aos dados, se dispõem da seguinte maneira: definição do projeto; o corpus; a aplicação do corpus; um exemplo; a transcrição; e a codificação e seleção de amostras no corpus. O linguista holandês diz que, no que concerne à primeira subcategoria, devemos definir o projeto “[...] em termos de questões sobre formas particulares de prática social e suas relações com a estrutura social [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 276). Ele nos explica que “[...] as disciplinas que se ocupam com essas questões – a sociologia, a ciência política, a história – deveriam ser consideradas em primeiro lugar na definição dos projetos de pesquisa.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 276). Isso significa dizer que a Análise do Discurso (AD) é apropriada para ser utilizada em prol de questões que são definidas fora dela, o que reforça o seu caráter interdisciplinar.

A segunda subcategoria fala da importância da seleção de dados para se construir um *corpus* de amostras do discurso. Esses variam de acordo com a proposta de pesquisa. E, para que se alcance o objetivo do trabalho, é essencial que se saiba detectar o que é útil, traçando uma boa estratégia. Tudo isso requer um domínio sobre a coisa pesquisada. É interessante que o *corpus* reflita a diversidade da prática, bem como as mudanças na mesma.

É bom ressaltar que nos ateremos aqui a falar somente das subcategorias que serão úteis para a presente pesquisa. Portanto, passemos para a sexta subcategoria, intitulada de “codificação e seleção de amostras no corpus”. Ela possibilita o resumo do discurso em tópicos ou permite que o *corpus* seja decomposto em particularidades. Para que haja uma seleção detalhada das amostras é preciso que ocorra “[...] um levantamento preliminar do *corpus* [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 281, grifo do autor). Nesse quesito, Fairclough (2001) também chama atenção para os momentos de crise, estes, segundo ele:

[...] tornam visíveis aspectos de práticas que devem ser normalmente naturalizados e, portanto, dificultar a percepção; mas também mostram mudança no processo, formas reais pelas quais as pessoas lidam com a problematização das práticas (FAIRCLOUGH, 2001, p. 281).

A partir do item **análise**, Fairclough (2001) nos apresenta categorias da ACD, que irão nos servir para uma investigação mais criteriosa a respeito do discurso da personagem Riobaldo. Mas, antes de visitar cada uma delas, é interessante notar como o linguista classifica os tipos da análise em si: “[...] (1) análise das práticas discursivas [...], focalizando a intertextualidade e a interdiscursividade das amostras do discurso; (2) análise dos textos [...]; (3) análise da prática social da qual o discurso é uma parte.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 282).

Diante disso, prestemos atenção ainda para o fato de que o foco da particularidade da amostra discursiva pode sofrer alternâncias de acordo com os tipos de discurso exercidos. Isso fará com que o analista escolha as categorias mais relevantes para o seu objeto.

Dentre as categorias de análise apresentadas pelo autor, utilizaremos as seguintes:

1. **Interdiscursividade:** a qual nos permite identificar os tipos de discurso presentes na amostra discursiva, que remetem a outros discursos fora dele, em especial, no nosso trabalho, o discurso patriarcal;
2. **Significado das Palavras:** observa-se a ênfase contida nas palavras-chave, seu significado cultural (geral ou local), suas variações e mutabilidades, denotação e conotação na análise das palavras.

Inspirado por Bakhtin, Fairclough (2001) defende que todos os enunciados – entendidos por ele como “textos” orais ou escritos – são formados por elementos de outros. Para mostrar como a intertextualidade atua na transformação social, ele destaca algumas observações de Kristeva e as interpreta. Desse modo, chega à conclusão que textos do passado se inserem nos textos atuais, colaborando para a construção dos mesmos. Em resposta a isso, os “novos” textos ressignificam os do passado, contribuindo assim para os processos maiores de mudança “[...] antecipando e tentando moldar textos subsequentes.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 135). Isso significa dizer que os textos fazem história.

As transformações ocasionadas pela intertextualidade ajudam a reestruturar as convenções de gênero e discurso, gerando novos textos. Fairclough (2001) acentua que, nesse caso, percebe-se que existe uma relação entre intertextualidade e hegemonia, pois, o espaço das produções é limitado, no que se refere às inovações textuais, as quais ocorrem de acordo com as relações de poder. Para que se percebam claramente essas limitações, mapeando-as e entendendo-as, o linguista sugere que haja uma combinação entre as duas teorias – a da intertextualidade e da hegemonia. Ele entende que os processos de transformações das ordens de discurso devem ser estudados como processos de luta hegemônica.

Fairclough (2001) nos esclarece ainda que as relações intertextuais podem acontecer entre um texto e outro específico ou entre textos e convenções. Nesse instante, ele recorre aos estudos dos analistas franceses que irão diferenciar a intertextualidade manifesta da intertextualidade constitutiva. Na primeira, outros textos aparecem evidentes no texto estudado, geralmente destacado de alguma forma, mas, nem sempre. Às vezes, um texto incorpora o outro e percebemos a intertextualidade pela maneira como ele se expressa. No segundo caso – preferencialmente chamado por Fairclough (2001) de interdiscursividade –, o

texto se relaciona com convenções discursivas, sendo esse o seu foco. Entendemos como convenções discursivas todo discurso constituinte, fundador, institucional que já goza de uma autoridade social e histórica. Tomando como um exemplo, a obra analisada recorre à convenção discursiva patriarcal como matriz para problematizar as identidades de gênero.

Na intertextualidade, enfatiza-se a heterogeneidade – cujos níveis variam, a depender se a relação intertextual é complexa ou simples – dos textos e analisa-se a diversidade dos elementos que compõem um texto, bem como as suas contrariedades. A heterogeneidade pode vir integrada ou destacada no texto (um texto nitidamente separado do outro).

O pai da ACD admite que a intertextualidade é responsável por grande parte da ambivalência dos textos. As superfícies deles podem apresentar a multiplicidade de outros textos, que os ajudam a compor, gerando diferentes sentidos que impedem a extração de um sentido único. Fairclough (2001) diz que, através do discurso indireto, se pode representar a fala do outro, ou seja, um autor pode escrever um texto que, supostamente, representa o discurso de outra pessoa. Porém, esse texto gera um sentido dúbio: se a fala é mesmo da pessoa representada ou do referido escritor. Essa ambivalência pode ser construída, inclusive, propositalmente.

Buscando obter uma distinção ainda mais evidente entre intertextualidade manifesta e intertextualidade constitutiva (interdiscursividade), Fairclough (2001) nos convence de que aquela “[...] é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 152) e essa, “[...] é uma questão de como um tipo de discurso é constituído por meio de uma combinação de elementos de ordens de discurso.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 152). Interessa mais a esta pesquisa o último caso posto que o discurso de Riobaldo, ao que tudo indica, se sustenta pela combinação de outro(s) discurso(s), não destacados claramente dentro do texto literário, mas que conferem à sua fala (do jagunço) uma confraternização ideológica com o discurso masculino hegemônico.

Ao aprofundar as discussões sobre a interdiscursividade, Fairclough (2001) vê o discurso como o tipo de elemento mais autônomo e o define como “[...] um modo particular de construir um assunto [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 164). O linguista reconhece a utilidade de usarmos certos termos para nomear discursos específicos, como, por exemplo, discurso médico técnico-científico, discursos feministas, dentre outros. Gozando de uma maior autonomia, esses discursos podem vir associados a vários gêneros, como artigos científicos, conferências, entrevistas, poemas etc.

Passemos agora à categoria significado das palavras. De início, é necessário saber que as palavras têm vários significados e, como nos explica Fairclough (2001), “[...] estes são

‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230). Ao contrário do que possam parecer, as escolhas de como usar uma palavra (caso do produtor) e de como interpretar a opção dada por esse produtor (papel do intérprete) não são decisões tomadas individualmente. Atento a isso, o linguista holandês alerta que: “[...] os significados das palavras e a lexicalização de significados são questões que são variáveis socialmente e socialmente contestadas, e facetas de processos sociais e culturais mais amplos.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230).

Fairclough (2001) acredita haver palavras-chave destacadas culturalmente e que, sendo assim, merecem muita atenção na pesquisa social. Para tratar dos significados que são ligados à palavra pelo sentido convencional, utiliza o termo “significado- potencial”. Baseado nos verbetes criados pelos dicionários para as palavras, o linguista chega à concepção de significado, descrita assim:

- (i) O significado potencial é estável; (ii) o significado potencial é universal, no sentido de ser comum a todos os membros de uma comunidade de fala; (iii) os significados no interior do significado potencial de uma palavra são descontínuos, isto é, claramente demarcados entre si; e (iv) os significados no interior do significado potencial de uma palavra estão numa relação de complementariedade (ou, ou um com o outro), e são mutuamente exclusivos (FAIRCLOUGH, 2001, p. 230-231).

Sobre os pontos (i) e (iv) o linguista alerta para o fato de eles poderem, em alguns casos, não corresponder à descrição acima, sobretudo quando “[...] palavras e significados estão envolvidos em processos de contestação e mudança social e cultural.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 231). Nesses casos, a relação palavra-significado sofre mudanças e alguns significados potenciais passam por uma instabilidade. Para o pai da ACD, esse processo poderá acarretar disputa entre significados conflitantes e significados potenciais das palavras. Fairclough (2001) acrescenta, ao citar Pêcheux, que “[...] a variação semântica é uma faceta e um fator de conflito ideológico.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 231). Fora isso, os significados que sofrem mudanças ou contestações provocam a mudança na força e na clareza dos limites entre significados, dentro do significado potencial da palavra. A contestação pode, inclusive, ocorrer nas relações específicas (de dominação e subordinação, por exemplo) entre significados.

Determinados textos apresentam “[...] modelos alternativos de significado potencial [...]” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 231). Em nível de comparação, só para citarmos dois exemplos, temos, de um lado, o dicionário, harmonizado com outros textos de orientação

normativa; de outro – o caso do material analisado por esta pesquisa – os textos criativos, ambíguos e ambivalentes quanto ao seu significado e que possibilitam o que o linguista holandês chama de o “[...] jogo retórico com os significados potenciais das palavras” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 231). Neste caso, a criatividade desestrutura e reestrutura os significados potenciais, alterando os limites e as relações entre eles.

É possível perceber o fortalecimento de uma dada ideologia por meio de estruturas discursivas, as quais possuem muitas propriedades, dentre elas, o léxico, chamado pela professora Beatriz Daruj Gil (2012) de **sistema classificatório**, que surge de acordo com as necessidades do ser humano de categorizar e nomear uma realidade por ele apropriada (GIL, 2012). Trata-se de um sistema flexível, cujas unidades refletem “[...] a experiência humana acumulada e, particularmente, traços das práticas culturais e sociais dos grupos.” (GIL, 2012, p.193). Essas unidades são identificadas pela mesma autora e traduzidas da seguinte forma:

[...] os *lexemas* são unidades virtuais do léxico porque ainda não se atualizaram discursivamente. O *vocabulo*, unidade léxica atualizada repetidamente em um vocabulário de um grupo, pertence ao nível da norma – conjunto de realizações tradicionais e de uso comum do grupo linguístico. A *lexia*, também denominada palavra-ocorrência, é uma unidade lexical atualizada em um discurso particular, como resultado de uma escolha feita pelo enunciador de acordo com as necessidades da situação de enunciação, que é singular e única (GIL, 2012, p. 193, grifos da autora).

A presente pesquisa, então, se propõe utilizar a categoria significado das palavras com o objetivo de identificar a seleção lexical presente no discurso da personagem Riobaldo, atentando para as suas características, especialmente às que remetem aos valores ideológicos de um grupo (os jagunços), pertencentes a uma sociedade patriarcal e rural. Portanto, ao avaliarmos os elementos lexicais nas manifestações discursivas (lexias) do jagunço em estudo, estaremos adotando uma perspectiva de análise, que abarcará tanto as estruturas do discurso como as sociais.

Com o intuito de que nossa análise se realize da maneira mais clara e objetiva possível, destacaremos, no nível de organização, alguns temas recorrentes na fala de Riobaldo, aos quais chamaremos tecnicamente de **campos semânticos**, seguindo a sugestão de Beatriz Daruj (2012), no texto *A mulher no léxico da canção de consumo: um discurso polarizado*. Para tanto, utilizaremos o que ela chama de **metodologia onomasiológica**, modo de análise que parte de um conceito para buscar os lexemas que correspondam a ele. No nosso caso, chamaremos esse conceito de **flexibilização de um modelo de masculinidade**. Vamos aos campos semânticos:

- 1-) Onipotência como essência do masculino
- 2-) O jagunço como um anti-híbrido
- 3-) Fissuras no modelo rígido de masculinidade
- 4-) A homossexualidade como pulsão física
- 5-) O amor entre homens como uma ameaça à hegemonia masculina
- 6-) A negatização da homossexualidade
- 7-) A valentia e a coragem como uma característica intrínseca do jagunço
- 8-) A masculinidade como representação de força, dureza, aspereza, grandeza ou poder

### 3.3. GRANDE SERTÃO: VEREDAS COMO *CORPUS*

O romance *Grande Sertão: Veredas*, do artista mineiro João Guimarães Rosa (2001) é sucesso de críticas nacionais e internacionais desde a época do seu lançamento, em 1956, até hoje. O livro figura no cenário artístico brasileiro como uma das narrativas de ficção mais inovadoras de todos os tempos, tanto do ponto de vista estrutural quanto da linguagem. O texto, que possui em torno de seiscentas páginas, não apresenta divisões de capítulos e é todo trabalhado sob uma Língua Portuguesa cheia de neologismos, arcaísmos linguísticos, expressões populares e inovações quanto à sintaxe e à pontuação. A narração é feita em primeira pessoa pela personagem protagonista – um ex-jagunço de nome Riobaldo, que, durante o seu narrar, imerge em uma série de digressões, alternando o tempo dos fatos narrados.

O enredo do citado livro é original e instigante: apresenta como cenário dos acontecimentos um sertão místico, composto por personagens, em sua maioria jagunços, que, apesar de serem tipos regionais, fomentam discussões sobre algumas das mais complexas questões universais.

Toda a estória do romance surge de uma conversa que Riobaldo está tendo com outra personagem identificada como um senhor doutor. A este, ele conta sobre as suas maiores aventuras no sertão, relembando episódios e sentimentos. Entre essas histórias vividas, a tentativa de formar um pacto com o diabo, o seu envolvimento afetivo por Reinaldo, a sua lealdade e admiração pelos chefes de jagunçagem, em especial Medeiro Vaz e Zé Bebelo, e todo o seu ódio pelos “judas”, assim chamado por ele o grupo de traidores liderado por outras duas personagens de nomes Hermógenes e Ricardão.

A amizade e o amor entre Riobaldo e Reinaldo (Diadorim) possui na obra um destaque especial. E é, justamente, esse ponto, que nos serviu de partida, para uma análise sobre a

masculinidade de Tatarana. Com esse enredo, Guimarães (2001) conseguiu alcançar o maior objetivo da literatura, provocar no leitor profundas reflexões que o leve a diferentes caminhos do pensar e o torne mais crítico diante dos seus próprios conflitos, revelados a partir de complexas sensações geradas no ato da leitura.

*Grande Sertão: Veredas* (2001) é uma narrativa em formato de prosa-poética que nos permite entender mais sobre um certo tipo de cultura sertaneja, composta por jagunços, vaqueiros, fazendeiros, coronéis, chefes políticos, dentre outros. Personagens que nos apresentam características de uma sociedade patriarcal e rural, cuja polarização de gênero se revela em discursos e práticas sociais, no geral, ainda mais inflexíveis que os produzidos nas cidades, devido a pouca influência das novas formas de entender as masculinidades e feminilidades. Sertão de leis próprias e acordo tácito, que zela, acima de tudo, pela honra do indivíduo macho, apostando em poderes e papéis muito singulares.

Por apresentar uma “realidade” social patriarcal e o desenho de um modelo particular de masculinidade, *Grande Sertão: Veredas* (2001) surge como um riquíssimo *corpus* que nos permite empregar metodologicamente sobre ele a Análise Crítica de Discurso (ACD), para a qual as estruturas discursivas envolvem estruturas de poder e o discurso é entendido como uma prática social.

Após a leitura do romance, usamos a ACD em alguns fragmentos da obra, que possuem fortes indicativos de uma crise de identidade masculina na personagem Riobaldo, aplicando sobre eles algumas categorias de análise seguidas de campos semânticos, que nos ajudarão a entender melhor o perfil do homem Tatarana.

As discussões aqui engendradas são mediatizadas por uma perspectiva étnico-gendrada, que busca, nas categorias gênero e etnicidade, explicações que nos ajudam a entender mais profundamente a macheza da personagem Riobaldo. A estória desse livro nos permite visualizar uma forma de interação entre as duas citadas categorias, na construção da identidade masculina da protagonista. E, para que alcancemos resultados satisfatórios, a ACD nos garante uma cobertura técnica bastante eficaz, pois, considera todo tipo de recurso linguístico como algo a contribuir para o entendimento de um discurso e das suas características.

## Capítulo 4

## O DISCURSO DE RIOBALDO: uma masculinidade em crise?

*Um dia  
vivi a ilusão de que ser homem bastaria  
Que o mundo masculino tudo me daria  
Do que eu quisesse ter [...] (GIL, 1979, faixa 3)*

Gilberto Gil

*[...] tive a minha decepção quando se descobriu que Diadorim era mulher. Honni soit qui mal y pense<sup>17</sup>, eu preferia Diadorim homem até o fim. Como você disfarçou bem! Nunca que maldei nada. (BANDEIRA, 1996, p. 512)*

Manuel Bandeira em carta à Guimarães Rosa

A proposta deste capítulo é analisar diversos trechos do romance *Grande Sertão: Veredas* (2001) empregando duas categorias de análise da ACD – Interdiscursividade e *Significado das palavras* – conceituadas por Fairclough (2001) no seu livro *Discurso e mudança social*. Para uma melhor abordagem e clareza das nossas observações, foram criados oito campos semânticos, chamados respectivamente de *Onipotência como essência do masculino*; *O jagunço como um anti-híbrido*; *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*; *A homossexualidade como pulsão física*; *O amor entre homens como uma ameaça à hegemonia masculina*; *A negatização da homossexualidade*; *A valentia e a coragem como uma característica intrínseca do jagunço*; *A masculinidade como representação de força, dureza, aspereza, grandeza ou poder*. Esses campos semânticos – doravante CSs – servirão para mostrar detalhadamente a presença de alguns aspectos relacionados à masculinidade da personagem Riobaldo.

<sup>17</sup> Segundo o site Ciberdúvidas, trata-se de uma expressão em francês que significa “Envergonhe-se quem pensa mal disto!”. Endereço eletrônico: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-traducao-e-a-origem-da-expressao-francesa-maudit-soit-qui-mal-y-pense/19328>. Acesso em 10/06/2016.

Embora cada CS contribua para o destaque de características vinculadas à macheza de Tatarana, a ideia desta pesquisa é mostrar como, juntas, elas formam o perfil de um jagunço, que se percebe, em muitos momentos, em desacordo com os padrões estabelecidos por uma ideologia patriarcal rural, tão cultuada por um grupo.

Com o intuito de orientar melhor o olhar do leitor durante os nossos comentários, optamos por destacar os fragmentos de maior relevância contidos nos trechos selecionados, fazendo uso do grifo *itálico*; ou, quando se tratando da particularidade de alguma palavra ou expressão, das aspas.

#### PRIMEIRO FRAGMENTO DA OBRA:

Vai e acontece, que, perto mesmo de mim, defronte, tomou assento, voltando deste brabo Norte, um moço Jazevedão, delegado profissional. Vinha com um capanga dele, um secreta, e eu bem sabia os dois, de que tanto um era ruim, como o outro ruim era. [...] nunca vi cara de homem fornecida de bruteza e maldade mais, do que nesse. Como que era urco, trouxe de atarracado, reluzia um crú nos olhos pequenos, e armava um queixo de pedra, sobrancehonas; não demedia nem testa. Não ria, não se riu nem uma vez; mas, falando ou calado, a gente via sempre dele algum dente, presa pontuda de guará. Arre, e bufava, um poucadinho. Só rosneava curto, baixo, as meias-palavras encrespadas. Vinha reolhando, historiando a papelada – uma a uma as folhas com retratos e com os pretos dos dedos de jagunços, ladrões de cavalos e criminosos de morte. Aquela aplicação de trabalho, numa coisa dessas, gerava a ira na gente. O secreta, xereta, todo perto, sentado junto, atendendo, caprichando de ser cão. Me fez um receio, mas só no bobo do corpo, não no interno das coragens. Uma hora, uma daquelas laudas caiu – e eu me abaixei depressa, sei lá mesmo por quê, não quis, não pensei – até hoje crio vergonha disso – apanhei o papel do chão, e entreguei a ele. Daí, digo: eu tive mais raiva, porque fiz aquilo; mas aí já estava feito. O homem nem me olhou, nem disse nenhum agradecimento. Até as solas dos sapatos dele – só vendo – que solas duras grossas, dobradas de enormes, parecendo ferro bronze. Porque eu sabia: esse Jazevedão, quando prendia alguém, a primeira quieta coisa que procedia era que vinha entrando, sem ter que dizer, fingia umas pressas, e ia pisando em cima dos pés descalços dos coitados. E que nessas ocasiões dava gargalhadas, dava... Pois, osga! Entreguei a ele a folha de papel, e fui saindo de lá, por ter mão em mim de não destruir a tiros aquele sujeito. [...] Mas, as barbaridades que esse delegado fez e aconteceu, o senhor nem tem calo

no coração para poder me escutar. Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui. (ROSA, 2001, p. 33-35).

#### ANÁLISE:

Sustentado pela categoria de análise *Significado das palavras*, observamos que, nesse primeiro trecho, encontra-se uma série de termos e expressões que Riobaldo utiliza para qualificar a aparência física do delegado Jazevedão. São vocábulos que evocam, quase sempre, sentidos rústicos ou animais, como se vê em: “era *urco*, *trouxo* de atarracado, *reluzia um crú nos olhos pequenos*, e armava um *queixo de pedra*, *sobrancelhonas*; não demedia nem testa. Não ria, não se riu nem uma vez; mas, falando ou calado, a gente via sempre dele algum dente, *presa pontuda de guará*. Arre, e *bufava*, um poucadinho. Só *rosneava* curto, baixo, as meias-palavras *encrespadas*.” Esta parte, mais voltada para uma comparação do homem a animais, se assemelha muito às descrições de personagens feitas nas obras naturalistas, na época do Realismo brasileiro, só que no Grande sertão: Veredas (2001) é bastante usada para realçar a ideia do homem-macho, ou seja, um ser masculino mais animal, feroz. Além disso, a palavra “sobrancelhonas”, empregada no aumentativo – recurso linguístico muito usado por Guimarães Rosa (2001) – acentua um detalhe de rusticidade na face do delegado. Tudo isso é contemplado pelo CS *A masculinidade como representação de força, dureza, aspereza, grandeza ou poder*, que também dá conta das descrições que Tatarana faz da roupa do oficial, ressaltando os elementos duros e impositivos, criando assim um desenho de um homem grosseiro, ríspido: “Até as solas dos sapatos dele – só vendo – que *solas duras grossas, dobradas de enormes, parecendo ferro bronze*.” O conjunto dessas imagens revela uma personagem machão de coração duro que representa uma masculinidade que começa nos traços físicos e desemboca em atitudes grotescas que exigem de um ouvinte “calo no coração” para escutar. Vejamos o que diz Riobaldo: “Mas, *as barbaridades* que esse delegado fez e aconteceu, o senhor nem tem *calo no coração para poder me escutar. Conseguiu de muito homem e mulher chorar sangue*, por este simples universozinho nosso aqui.”; ou: “esse Jazevedão, quando prendia alguém, a primeira quieta coisa que procedia era que vinha entrando, sem ter que dizer, fingia umas pressas, e *ia pisando em cima dos pés descalços dos coitados. E que nessas ocasiões dava gargalhadas, dava...*”. Essa masculinidade não é de Riobaldo, mas é descrita pela sua percepção. Ele observa, no outro, características e um tipo de comportamento que lhe leva a empregar termos descritivos que, segundo a sua ideologia, pertencem apenas ao universo masculino.

Em outro momento do mesmo trecho do romance, ainda amparados pela categoria de análise *Significado das palavras*, encontramos uma passagem muito representativa para se discutir a masculinidade de Tatarana. Riobaldo toma conhecimento de que aquele homem diante dele é um delegado que já prendeu e fez muitas perversidades com jagunços e com outros tipos de pessoas, como vemos em: “Vinha reolhando, historiando a papelada – uma a uma *as folhas com retratos e com os pretos dos dedos de jagunços, ladrões de cavalos e criminosos de morte.*” Em seguida, com um gesto inesperado e incomum para um jagunço, Tatarana, por alguns instantes, sente medo do oficial, e, para evitar qualquer tipo de atrito com este, procura ser gentil, ajudando-o a recolher uns papéis que caíram no chão. Atitude, que, imediatamente, lhe causou raiva e vergonha de si mesmo. Vejamos: “Uma hora, uma daquelas laudas caiu – e *eu me abaixei depressa, sei lá mesmo por quê*, não quis, não pensei – *até hoje crio vergonha disso – apanhei o papel do chão, e entreguei a ele.* Daí, digo: *eu tive mais raiva, porque fiz aquilo*; mas aí já estava feito. O homem nem me olhou, nem disse nenhum agradecimento.” Percebemos, portanto que, nesse instante, o modelo de masculinidade de Riobaldo sofre algumas fissuras, levando-nos a colocar essas lexias no CS intitulado por nós de *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*. O jagunço se sente incomodado em ter se curvado diante de outro homem, certamente pela carga simbólica que esse gesto possui. Para Tatarana, foi uma demonstração de fraqueza pessoal, pois, no seu contexto social, curvar-se é, de fato, um ato servil, algo que não condiz com a ideologia que atmosfera a etnia jagunça. No geral, não é comum um jagunço ser subserviente a outro homem pelo qual tem alguma antipatia ou inimizade, e menos ainda, se essa submissão se dá a partir do medo. A vergonha e a raiva de Riobaldo para consigo mesmo ocorrem por ele se perceber, naquele instante, fora do lugar convencional de um “verdadeiro jagunço”.

É necessário fazermos uma pequena observação: vimos no capítulo I desta dissertação que a obra depende do leitor para se realizar completamente. Sendo assim, exige dele uma interpretação, a qual não surge de maneira livre, mas a partir dos indícios promovidos pelos recursos literários usados na confecção do texto. Por conta disso, é que chegamos à conclusão de que o ato de Riobaldo em se curvar diante de Jazevedão foi motivado por um acesso de medo, que gerou, automaticamente, um gesto gentil, afinal, momentos antes, o texto nos informa que Tatarana viu, entre as papeladas analisadas pelo delegado, as fotos e as marcas digitais de outros jagunços que foram presos e sofreram torturas na mão do oficial. Isso justifica a gentileza de Riobaldo ao recolher as laudas caídas como uma tentativa inconsciente de disfarçar o medo que teve em quase ser descoberto jagunço.

Esse fato, como toda a história do Grande Sertão: Veredas (2001), está sendo relatado por Riobaldo a uma outra personagem, chamada por ele de senhor doutor. Após a narrativa desse acontecimento específico, Tatarana sente a necessidade de realçar a sua masculinidade, retornando ao lugar de corajoso e destemido, que o seu grupo da jagunçagem tanto venera. Temendo ser mal visto pelo seu interlocutor, diz: “Entreguei a ele a folha de papel, e *fui saindo de lá, por ter mão em mim de não destruir a tiros aquele sujeito*.”. O zelo de Riobaldo por esse modelo de masculino nos remete à outra categoria de análise, a *Interdiscursividade*, ou seja, por mais que ele saia dos moldes do “legítimo homem jagunço”, o seu discurso o traz de volta a uma ideologia patriarcal rural, que celebra um tipo de macheza inflexível. Essa pequena passagem é acolhida pelo CS *O jagunço como um anti-híbrido*.

#### SEGUNDO FRAGMENTO DA OBRA:

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que nem mais maldavam. E estávamos conversando, perto do rego – bicame de velha fazenda, onde o agrião dá flor. Desse lusfús, ia escurecendo. Diadorim acendeu um fogueiro, eu fui buscar sabugos. Mariposas passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma brisbrisa. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto. E o chiim dos grilos ajuntava o campo, aos quadrados. Por mim, só, de tantas minúcias, não era o capaz de me alembrear, não sou de à parada pouca coisa; mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei. Som como os sapos sorumbavam. Diadorim, duro sério, tão bonito, no relume das brasas. Quase que a gente não abria boca; mas era um delém que me tirava para ele – o irremediável extenso da vida. Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele calado eu a ele estava obedecendo quieto. Quase que sem menos era assim: a gente chegava num lugar, ele falava para eu sentar; eu sentava. Não gosto de ficar em pé. Então, depois, ele vinha sentava, sua vez. Sempre mediante mais longe. Eu não tinha coragem de mudar para mais perto. Só de mim era que Diadorim às vezes parecia ter um espevito de desconfiança; de mim, que era o amigo! Mas, essa ocasião, ele estava ali, mais vindo, a meia-mão de mim. E eu – mal de não me consentir em nenhum afirmar das docemente coisas que são feias – eu me

esquecia de tudo, num espaiar de contentamento, deixava de pensar. Mas sucedia uma duvidação, ranço de desgosto: eu versava aquilo em redondos e quadrados. Só que coração meu podia mais. O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende. Perto de muita água, tudo é feliz. Se escutou, banda do rio, uma lontra por outra: o issilvo de plim, chupante. – ‘Tá que, mas eu quero que esse dia chegue!’ – Diadorim dizia. – ‘Não posso ter alegria nenhuma, nem minha mera vida mesma, enquanto aqueles dois monstros não forem bem acabados...’ E ele suspirava de ódio, como se fosse por amor; mas, no mais, não se alterava. De tão grande, o dele não podia mais ter aumento: parava sendo um ódio sossegado. Ódio com paciência; o senhor sabe? (ROSA, 2001, p.44-46).

#### ANÁLISE:

Considerando as categorias de análise *Interdiscursividade* e *Significado das palavras*, aplicadas ao CS *O jagunço como um anti-híbrido*, percebemos que o segundo trecho destacado do discurso de Riobaldo contém alguns elementos lexicais, que evocam uma convenção discursiva patriarcal, que funciona como matriz e é sustentada por uma ideologia machista. A ideia do que é ser jagunço é de um homem que não pode viver muito perto de outro para que não gere dúvidas, nem cobranças sociais, sobretudo do grupo da jagunçagem, sobre a sua sexualidade. Desta forma, partes como: “*jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas*” ou “*cada um é feito um por si*”, demonstram uma rigidez quanto a esse tipo específico de homem, fruto de uma sociedade ainda influenciada pela ideologia patriarcal rural. Esse modelo sugere um ideal de masculinidade a ser seguido por todos os jagunços. Porém, no mesmo trecho do discurso da personagem, veem-se algumas fissuras nesse padrão masculino, ocorridas graças ao contato próximo entre Riobaldo e Diadorim (até então vista como um homem): “Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Com assim, *a gente se diferenciava dos outros*”. Por mais que haja uma forte cobrança do grupo e da sociedade aos quais Riobaldo pertence, ele não consegue se manter fixo ao modelo estabelecido. Esta última parte se insere no CS denominado de *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*.

O mesmo trecho ainda contempla outro CS: *a negatização da homossexualidade*. Lexias como “De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer. Se acostumavam de ver a gente parmente. Que *nem mais maldavam*”, sugerem que havia no grupo da jagunçagem um possível sentimento de estranheza no ar, uma sugestão de um caso homossexual entre dois jagunços e que, assim

sendo, os dois “suspeitos” (Riobaldo e Diadorim) deveriam negar e repudiar qualquer acusação nesse sentido, se preciso, pelas vias da violência física, pois a homossexualidade é vista, nesse contexto, como uma coisa ruim, uma encarnação do mal. Tanto Tatarana quanto Diadorim sofrem, portanto, uma vigilância por parte do grupo de jagunços e da sociedade em que vivem, ao mesmo tempo em que o primeiro se autovigia na tentativa de não sair do lugar de centro que a sua macheza sugere. Esse significado negativo emite a Riobaldo uma força que o leva – veremos isso em muitos outros trechos – a negar fortemente a possibilidade de ser homossexual: “*E eu – mal de não me consentir em nenhum afirmar das docemente coisas que são feias* – eu me esquecia de tudo, num esparecer de contentamento, deixava de pensar”. No entanto, quase sempre, a sua negação era em vão, por conta da força daquele sentimento e desejo por Diadorim. O que nos obriga a pensar em mais um CS de nome *A homossexualidade como pulsão física*. Vejamos: “Mas sucedia uma duvidação, ranço de desgosto: eu versava aquilo em redondos e quadrados. Só que coração meu podia mais. *O corpo não traslada, mas muito sabe, adivinha se não entende*”.

Voltando ao CS batizado de *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*, amparado pela categoria de análise *Significado das palavras*, compreendemos que, nesse trecho da obra, o discurso de Riobaldo revela descrições minuciosas de belezas naturais, ditas num tom poético e, portanto, bastante sensível, que irão compor um quadro romântico entre ele e Diadorim. Esse tipo de descrição muito ligado, na historiografia literária, à escrita feminina, por se considerar a sensibilidade um atributo imanente à mulher, coloca Riobaldo – um tipo regional teoricamente fixado a um padrão inflexível de masculinidade – em um lugar transitório, ou seja, o jagunço durão “amolece” diante dos próprios sentimentos: “E estávamos conversando, perto do rego – bicamente de velha fazenda, *onde o agrião dá flor. Desse lufús, ia escurecendo*. Diadorim acendeu um *foguinho*, eu fui buscar sabugos. *Mariposas passavam muitas, por entre as nossas caras, e besouros graúdos esbarravam. Puxava uma brisbrisa. O ianso do vento revinha com o cheiro de alguma chuva perto. E o chiim dos grilos ajuntava o campo, aos quadrados*”. A palavra “foguinho” merece destaque pela sua formação sufixal com sentido diminutivo, pois Guimarães (2001) atribui a Riobaldo essa característica de delicadeza na linguagem, algo que reforça ainda mais os nossos argumentos. Ao escrever sobre os dialetos de gênero<sup>18</sup>, a professora Adriana Abreu (2010) explica que: “[...] o uso

<sup>18</sup> Dialetos de gênero remetem ao fato de homens e mulheres se expressarem através de diferentes estilos de linguagem consagrados socialmente como formas de distinguir o que pertence ao falar masculino do que é próprio da oralidade feminina. CF: Adriana Maria de Abreu Barbosa, *Dialetos de gênero sociedade e mídia*, Rio de Janeiro, 2010. Ver referências.

excessivo de diminutivos não marca apenas a linguagem afetiva atribuída às mulheres, como pode também marcar o estereótipo da linguagem infantilizada.” (BARBOSA, 2010, p. 11). Percebam como as palavras grifadas acima demonstram um olhar altamente comovido de Riobaldo diante daquele cenário e daquela atmosfera amorosa. Essa sua característica nos revela uma forma de fissura na masculinidade jagunça. Descrições paisagísticas como essa e uso de diminutivos são recorrentes no *Grande Sertão: Veredas* (2001).

Devemos observar um detalhe importante: ao minudenciar o cenário natural em que está inserido, nesse momento, junto com Diadorim, “vitimado” pelos seus próprios sentimentos, Riobaldo percebe o quanto está sendo preciso e delicado nas descrições, e estranha o fato de estar agindo assim: “Por mim, só, de *tantas minúcias*, não era o capaz de me alembrear, *não sou de à parada pouca coisa*”. A conduta da personagem protagonista sinaliza que, como defende a Análise Crítica de Discurso, as estruturas discursivas revelam estruturas de poder. Nesse caso, um discurso masculinizado reclama a sua perda de espaço para um discurso feminizado. Em seguida, Riobaldo confessa que a motivação dessa lembrança detalhada está na saudade e no sentimento que tem por Diadorim: “*mas a saudade me alembra. Que se hoje fosse. Diadorim me pôs o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza. Sei como sei. Som como os sapos sorumbavam*”. A atitude de Tatarana em justificar a sua delicadeza nos faz acreditar que ele se preocupa em estar no padrão de macho sertanejo, o que inclui falar como um. Essas lexias usadas como justificativas se inserem, pois, no CS *O jagunço como um anti-híbrido*.

### TERCEIRO FRAGMENTO DA OBRA:

Chefe nosso, Medeiro Vaz, nunca perdia guerreiro. Medeiro Vaz era homem sobre o sisudo, nos usos formado, não gastava as palavras. Nunca relatava antes o projeto que tivesse, que marchas se ia amanhecer para dar. Também, tudo nele decidia a confiança de obediência. Ossoso, com a nuca enorme, cabeça meia baixa, ele era dono do dia e da noite – que quase não dormia mais: sempre se levantava no meio das estrelas, percorria o arredor, vagaroso, em passos, calçado com suas boas botas de caititú, tão antigas. Se ele em honrado juízo achasse que estava certo, Medeiro Vaz era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas. Desde o começo, eu apreciei aquela fortaleza de outro homem. O segredo dele era de pedra (ROSA, 2001, p.46-47).

## ANÁLISE:

Nesse terceiro trecho, nos deparamos com a descrição de Medeiro Vaz (jagunço-chefe) feita por Riobaldo. Levando em conta a categoria *Significado das palavras*, aplicada ao CS *A masculinidade como representação de força, dureza, aspereza, grandeza ou poder*, percebemos como Tatarana utiliza alguns substantivos no grau aumentativo, adjetivos com função aumentativa e palavras que remetem a uma imagem de dureza, força ou grandeza para caracterizar um modelo admirável de masculinidade: “*Ossoso, com a nuca enorme, cabeçona meia baixa*”.

Também identificamos o uso de figuras de linguagem empregadas com o mesmo fim, a primeira, a metáfora: “*Aquela fortaleza de outro homem*”, ou, “*O segredo dele era de pedra*”. Outra figura de linguagem, a hipérbole, é utilizada para descrever Medeiro Vaz como um ser onipotente: “*ele era dono do dia e da noite – que quase não dormia mais*”, lexias que pertencem ao CS, denominado: *Onipotência como essência do masculino*. Neste CS, também se inserem passagens como: “*Se ele em honrado juízo achasse que estava certo, Medeiro Vaz era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas*”, que, mesmo não sendo hiperbólicas, representam um exemplo de onipotência, aquele que decide e manda executar uma sentença, independente do “*achar alheio*”. Assim, devido a essa segurança de poder, os outros a ele obedecia cegamente: “*tudo nele decidia a confiança de obediência*”.

Medeiro representa um modelo ideal de macho a ser admirado e seguido, cuja firmeza de tomar as decisões mais sanguinárias supera os limites das sentimentalidades. Um homem teoricamente seguro da sua masculinidade. É bom lembrar que essas mortais ações de guerra tentavam respeitar, de algum modo, uma espécie de justiça própria do grupo da jagunçagem, amparada por um código de honra tácito: “*Se ele em honrado juízo achasse que estava certo...*”. Uma personagem tão admirada por Riobaldo (“*Desde o começo, eu apreciei aquela fortaleza de outro homem*”), e que preenche bem o sentido do nosso CS *A masculinidade como representação de força, dureza, aspereza, grandeza ou poder*.

Frisemos que a nossa análise, nesta pesquisa, se limita ao jagunço Riobaldo, entretanto, às vezes, é preciso olhar para outra personagem, na intenção de entender melhor o modelo de masculinidade cultuado por Tatarana. No caso acima, Medeiro Vaz significa um exemplo de pura macheza que a protagonista do Grande Sertão: Veredas (2001) tanto venera. Trata-se de uma masculinidade típica da jagunçagem, por isso Riobaldo, para se sentir

pertencido ao grupo de jagunços, deseja ser um homem como Medeiro. Entretanto, a sua angústia é saber que não corresponde à altura de tal padrão.

#### QUARTO FRAGMENTO DA OBRA:

Redisse a Diadorim o que eu tinha surripiado: que o projeto de Medeiro Vaz só era o de conduzir a gente para o Liso do Sussuarão – a dentro, adiante, até ao fim. – "E certo é. É certo" – Diadorim respondeu, me afrontando com a surpresa de que ele já sabia daquilo e a mim não tinha antecipado nem miúda palavra. E veja: eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar; e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender um ciúme amargoso. Sendo sabendo que Medeiro Vaz depunha em Diadorim uma confiança muito maior do que em nós outros todos, de formas que com ele externava os assuntos. Essa diferença de regra agora me turvava? Mas Medeiro Vaz era homem de outras idades, andava por este mundo com mão leal, não variava nunca, não fraquejava. Eu sabia que ele, a bem dizer, só guardava memória de um amigo: Joca Ramiro. Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele: Deus no Céu e Joca Ramiro na outra banda do Rio. Tudo o justo. Mas ciúme é mais custoso de se sopitar do que o amor. Coração da gente – o escuro, escuros (ROSA, 2001, p. 51-52).

#### ANÁLISE:

A categoria de análise *Interdiscursividade* está muito presente nesse trecho. Vê-se que o discurso de Riobaldo é modulado pelo discurso patriarcal, que o leva a negar o que sente, na tentativa de mantê-lo dentro de um padrão de masculinidade específico. Os valores hegemônicos da masculinidade acionada exigem do discurso de Riobaldo um zelo para com a inflexibilidade. O jagunço resiste para não fraquejar. Ele confessa que o que sentia por Diadorim era algo forte, além de uma amizade, e que necessitava de muito esforço para suportar: “E veja: *eu vinha tanto tempo me relutando, contra o querer gostar de Diadorim mais do que, a claro, de um amigo se pertence gostar*”. Porém, admite estar sentindo ciúmes por Diadorim, pelo simples fato dele ter adquirido mais confiança do chefe Medeiro Vaz do que todos os outros jagunços do bando. O ciúme por outro “homem” é visto então como uma ameaça à força incessante que, teoricamente, deve haver nesse tipo de homem do sertão. Compreende-se, portanto, que esse trecho se insere em pelo menos três CSs: *O jagunço como um anti-híbrido*, através dos fragmentos que representam a resistência ao diferente (à

fraqueza), caso das lexias já destacadas acima; *O amor entre homens como uma ameaça à hegemonia masculina*, quando Riobaldo compara a sua “amizade” com Diadorim à amizade de Medeiro Vaz e Joca Ramiro e percebe que está fraquejando, pois, diferentemente desses dois últimos, ele vai além da relação de amizade e sente ciúmes: “e, agora aquela hora, eu não apurava vergonha de se me entender *um ciúme amargoso*” e “Medeiro Vaz era homem de outras idades, andava por este mundo com mão leal, não *variava nunca, não fraquejava*. Eu sabia que ele, a bem dizer, só guardava memória de um amigo: Joca Ramiro. Joca Ramiro tinha sido a admiração grave da vida dele: Deus no Céu e Joca Ramiro na outra banda do Rio. Tudo o justo. *Mas ciúme é mais custoso de se sopitar do que o amor. Coração da gente – o escuro, escuros*”; *A negatização da homossexualidade*, através da palavra “vergonha”, ou seja, Riobaldo diz que agora “não apurava vergonha” de sentir ciúmes de Diadorim, mas que o certo seria se envergonhar, afinal, tratavam-se de “dois jagunços”. Palavras ou expressões como “me relutando”, “vergonha”, “ciúme amargoso”, “não fraquejava” imprimem ao perfil discursivo da personagem protagonista uma característica de contradição frente a dois sentimentos diferentes: uma visão polarizada do sexo e uma força que lhe atrai para as zonas periféricas da sexualidade. Percepção a que chegamos ao utilizar a categoria de análise *Significado das palavras*.

Ao confessar ser refém de dois sentimentos ciúme e amor, Riobaldo demonstra que o seu coração é “mole”, diferentemente do de Medeiro Vaz. Desta forma, fica ainda mais claro que Tatarana foge às características (coração duro e frio) do machão jagunço. Portanto, as citações do trecho selecionado feitas dentro do segundo CS discutido acima, também justificam a aparição de um quarto CS *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*.

#### QUINTO FRAGMENTO DA OBRA:

Tudo turbulindo. Esperei o que vinha dele. De um acêso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar rodas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre. E tinha nêjo maior daquela Ana Duzuza, que vinha talvez separar a amizade da gente. Em mesmo eu quase reconheci um surdo prestígio de, sendo preciso, ir lá, por mim, reduzir a velha – só não podia maltratar era Nhorinhá, que, ao tanto afeto, eu, eu benqueria. Há-de que eu certo não

regulasse, ôxe? Não sei, não sei. Não devia de estar relembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala? (ROSA, 2001, p. 55).

#### ANÁLISE:

Mais uma vez recorreremos às categorias de análise *Interdiscursividade e Significado das palavras*, aplicando-as a alguns CSs. Nota-se nesse fragmento que Riobaldo, mais uma vez, encara o seu sentimento por Diadorim como algo fora do “normal”. O seu discurso, quase sempre, toma como medida o discurso patriarcalista, que o leva a lutar contra outras formas mais flexíveis de masculinidade. Expressões ou passagens como “às loucas” ou “*não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final*” caracterizam a possível relação homossexual como um desvio, um acesso de loucura, uma proibição, um ato de desonra. Características que enquadram essa parte do discurso dentro dos CSs *O jagunço como um anti-híbrido* e *A negação da homossexualidade*.

Contraditoriamente, vemos que Riobaldo é tomado pela força do seu desejo por Diadorim e se utiliza de uma imagem poética para dizer ao senhor doutor – personagem com quem conversa durante toda a estória – o indizível naquele contexto patriarcal rural: o seu desejo sexual por outro jagunço: “*meu amor inchou, de empapar rodas as folhagens*”, o que se completa com as afirmações: “*e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre*”. Momento que pertence ao CS *A homossexualidade como pulsão física*.

Os relatos de Riobaldo feitos ao senhor doutor é que compõem todo o enredo do *Grande Sertão: Veredas*. A essa altura, o protagonista já se encontra em idade avançada e toda a história dele com Diadorim e com o grupo de jagunços já havia acabado. Entretanto, a homossexualidade é tão negativada naquele contexto que, ainda assim, tempos depois, a preocupação de Riobaldo com as cobranças da sociedade ao qual pertence ainda é notória: “Há-de que eu certo não regulasse, ôxe? Não sei, não sei. Não devia de estar relembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais

*mesmo comigo*”. Nesse ponto, fica claro que Riobaldo se sente protegido contra os possíveis constrangimentos a que poderia ser submetido por outros jagunços (lembramos aqui o sentimento de grupo) ou pela sociedade a qual pertence, devido à confissão das suas sensações, pois, o senhor doutor é “de fora”, “um “estranho” e, assim sendo, “bem ouve e logo longe se vai embora”, ou seja, não passará adiante essa informação naquele espaço do sertão.

Ressaltemos que, assim como esse fragmento, toda a estória do Grande Sertão: Veredas (2001) é perpassada por confissões, sobretudo sentimentais, de Riobaldo. E, essa modalidade também é mais ligada ao mundo feminino: confissão é coisa de mulher; homem não costuma falar dos seus sentimentos para outro homem, pois isso seria uma demonstração de fraqueza. Sobre o assunto, diz Sócrates Nolasco (1993): “Para um homem, falar de seus medos e inseguranças para um outro homem é como ‘entregar de bandeja a própria cabeça para o inimigo’.” (NOLASCO, 1993, p. 25-26).

#### SEXTO FRAGMENTO DA OBRA:

Jagunço é isso. Jagunço não se escabrêia com perda nem derrota – quase que tudo para ele é o igual. Nunca vi. Pra ele a vida já está assentada: comer, beber, apreciar mulher, brigar, e o fim final (ROSA, 2001, p. 72).

#### ANÁLISE:

Esse trecho revela o que é ser jagunço para Riobaldo: viver de forma básica, como cabe a um “homem de verdade”, sem abaixar a cabeça diante de uma perda ou uma derrota, e sem deixar de cumprir duas obrigações fundamentais: reforçar a virilidade e brigar. Utilizando-se da categoria de análise *Interdiscursividade* vê-se que esse discurso de Riobaldo dialoga com um discurso do senso comum do que é ser homem no sertão. Guimarães Rosa (2001) evoca, através da personagem, o imaginário do que é ser sertanejo na vida real. A ficção revela uma interdiscursividade com um tipo de cultura local e secular. A obra repete, literariamente, um discurso de uma determinada sociedade acerca de um modelo específico de masculino, para questionar esse discurso, para causar um desconforto conceitual no leitor, ampliando o seu campo de visão a respeito das masculinidades e das feminilidades.

O reconhecimento à necessidade da briga dos jagunços com outros bandos, adeptos do jaguncismo ou não, faz com que pensemos no CS *A valentia e a coragem como uma característica intrínseca do jagunço*.

Esse perfil dos jagunços apresentado por Riobaldo Tatarana traz à luz práticas e rituais próprios de um grupo. Características étnicas que integram essas personagens à cultura da jagunçagem, reforçando entre eles o sentimento de pertença. Nesse fragmento vemos que é indispensável “*apreciar mulher*” e “*brigar*”.

#### SÉTIMO FRAGMENTO DA OBRA:

Teve um instante, bambeei bem. Foi mesmo aquela vez? Foi outra? Alguma, foi; me alembro. Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. Maiormente. As tristezas ao redor de nós, como quando carrega para toda chuva. Eu podia pôr os braços na testa, ficar assim, lôrpa, sem encaminhamento nenhum. Que é que queria? Não quis o que estava no ar; para isso, mandei vir uma ideia de mais longe. Falei sonhando: – “Diadorim, você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?” – voz minha, eu perguntei. (ROSA, 2001, p. 198).

#### ANÁLISE:

Esse trecho nos revela de imediato a confissão de Riobaldo de ter perdido, por instantes, a sua firmeza de macho diante de Diadorim: “Teve um instante, *bambeei* bem”. O que se confirma logo em seguida com a utilização da palavra “bobamente” para adjetivar a sua ação de tentar apalpar o corpo do “companheiro”. Mais uma vez Tatarana se vê fora do lugar de um verdadeiro jagunço. O seu imenso desejo por Diadorim, em diversos momentos como este, se impõe de um jeito muito determinado. Vemos que, nesse caso, não se trata de uma reflexão, como muitas feitas por Riobaldo, sobre se é certo ou errado gostar de “outro homem”; aqui ocorre apenas um impulso físico muito forte, nascido por uma atração sexual. Vejamos: “*Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas [...]. Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. Maiormente.*” Inevitavelmente, acionamos a categoria *Significado das palavras*, que acolhe essas lexias em destaque como pontos

reveladores dos nossos argumentos. Além delas, visualizamos outras que nos indicam o quanto o protagonista do Grande Sertão: Veredas (2001) ficou atordoado com tal ímpeto sexual, a ponto de declarar que o seu gesto em querer tocar Diadorim foi feito sem pensar, como se não soubesse direito o que ele mesmo estava fazendo. Nas suas próprias palavras: “Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, *nem eu; eu tinha percebido? Eu estava me sabendo?*”. Fica sugerido pelo texto que o seu gesto só não se completou, porque o seu “amigo”, no exato momento, olhou-o de frente, o que o intimidou: “*ele me olhou – os olhos dele não me deixaram*. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. *Só os olhos negavam*”. Todas essas lexias que imprimem essa ideia de uma força maior que conduz Riobaldo a atitudes “involuntárias” se encaixam perfeitamente nos CSs denominados *A homossexualidade como pulsão física e Fissuras no modelo rígido de masculinidade*.

O impedimento da realização do ato deixa Riobaldo entristecido: “*As tristezas ao redor de nós*, como quando carrega para toda chuva. Eu podia pôr os braços na testa, ficar assim, lôrpa, sem encaminhamento nenhum”. E a consequência do impedimento gera uma espécie de “cair em si”, levando Tatarana a refletir sobre o que ocorreu minutos antes, passando então a negar o próprio gesto: “Que é que queria? *Não quis o que estava no ar*” e, buscando uma solução forçada e condizente com o modelo masculino defendido pelo grupo dos jagunços: “mandei vir uma ideia de mais longe. Falei sonhando: – “*Diadorim, você não tem, não terá alguma irmã, Diadorim?*” – voz minha, eu perguntei.” Neste instante, o Riobaldo macho volta a si, reivindicando a sua honradez de homem heterossexual, o que nos remete à categoria de análise *Interdiscursividade*, pois o seu discurso aciona o discurso patriarcal. Esse retorno ao padrão se identifica com o CS *O jagunço como um anti-híbrido*.

#### OITAVO FRAGMENTO DA OBRA:

E Joca Ramiro. A figura dele. Era ele, num cavalo branco – cavalo que me olha de todos os altos. Numa sela bordada, de Jequié, em labores de preto e branco. As rédeas bonitas, grossas, não sei de que trançado. E ele era um homem de largos ombros, a cara grande, corada muito, aqueles olhos. Como é que vou dizer ao senhor? Os cabelos pretos, anelados? O chapéu bonito? Ele era um homem. Liso bonito. Nem tinha mais outra coisa em que se reparar. A gente olhava, sem pousar os olhos. A gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem maior, ferisse, cortasse. E, quando ele saía, o que ficava mais, na gente, como agrado em lembrança, era a voz. Uma voz sem pingão de dúvida, nem tristeza. Uma voz que continuava (ROSA, 2001, p. 264).

## ANÁLISE:

Durante a leitura do Grande Sertão: Veredas (2001) nos deparamos com alguns relatos de admiração de Riobaldo por alguma outra figura sertaneja, geralmente um amigo chefe jagunço. No caso desse trecho, o protagonista do romance nos surpreende com a sensibilidade e delicadeza das palavras ao descrever a figura de Joca Ramiro. De início, Tatarana nos apresenta alguns dos detalhes mais masculinos das características físicas de Joca: “E ele era um *homem de largos ombros, a cara grande, corada muito, aqueles olhos*”. Algo semelhante, mas com mais vigor, ele fez, como vimos no terceiro fragmento que analisamos, em relação a Medeiro Vaz. Só que dessa vez, após realçar que estava diante de um ser masculino, percebemos que Riobaldo se atém a um tipo de descrição que supervaloriza esse indivíduo ao mesmo tempo em que admira delicadamente as suas características físicas, a ponto de afirmar que: “*Ele era um homem. Liso bonito. Nem tinha mais outra coisa em que se reparar. A gente olhava, sem pousar os olhos*”. Fazendo uso da categoria de análise *Significado das palavras*, entendemos que tais lexias nos remetem a um tipo de discurso incomum entre jagunços, o de achar e confessar que achou fisicamente bonito – não esqueçamos que Riobaldo está narrando a sua história a um tal senhor doutor – outro homem. Essa atitude da protagonista nos leva a pensar, mais uma vez, no CS *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*.

O que vem em seguida, contemplado pela mesma categoria de análise e CS anteriormente aplicados, reafirma as nossas suspeitas, pois, além de continuar elogiando a pessoa de Joca Ramiro, Riobaldo assume sobre ele um tipo de preocupação que não é muito comum entre os homens, um medo de que o ambiente geográfico desforme ou estrague a sua beleza: “*A gente tinha até medo de que, com tanta aspereza da vida, do sertão, machucasse aquele homem maior, ferisse, cortasse*”. Sobre isso, há o que se considerar: sabemos que o discurso secular patriarcal sempre promoveu um resguardo exacerbado com relação a um homem achar outro homem bonito e assumir isso socialmente, ainda que não haja nisso nenhum gesto homossexual; e também consagrou certas expressões e ações mais sensíveis como algo típico das mulheres. Contrariando esses dois pontos do discurso histórico machista, Tatarana provoca uma verdadeira rachadura no seu próprio modelo de masculinidade, previamente arquitetado por uma sociedade ainda sob as rédeas do patriarcado e reafirmado dentro do grupo da jagunçagem.

Entendemos que no romance analisado há outras personagens homens que, durante as relações, ajudam a construir a identidade masculina de Riobaldo, exigindo deste um “comportamento legítimo de macho”. Entre esses nomes, podemos citar três: Medeiro Vaz,

Zé Bebelo e Joca Ramiro. Sobre este último diz Tatarana: “*E, quando ele saía, o que ficava mais, na gente, como agrado em lembrança, era a voz. Uma voz sem pingo de dúvida, nem tristeza. Uma voz que continuava*”. Essa voz que ficava na cabeça dos outros jagunços mesmo quando Joca não estava mais presente num ambiente e a afirmação de que ela era “sem pingo de dúvida, nem tristeza”, atribui a Ramiro características de um homem empoderado, que não titubeia nunca, sempre certo de si e livre de qualquer tristeza; um ser onipotente. Essa compreensão feita com a aplicação da categoria de análise *Significado das palavras* nos induz classificar as lexias em destaque como pertencentes ao CS *Onipotência como essência do masculino*. Esse poder que emana de uma ideia essencialista de masculino é construído na relação com outros grupos, sejam estes tão masculinizados quanto, o que auxiliaria em um reforço dessa ideologia; ou femininos ou efeminados, que serviriam de contraposição para a reafirmação de um tipo de “superioridade de gênero”.

#### NONO FRAGMENTO DA OBRA:

O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele. Mel se sente é todo lambente – “Diadorim, meu amor...” Como era que eu podia dizer aquilo? Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas. Eu devia de ter principiado a pensar nele do jeito de que decerto cobra pensa: quando mais-olha para um passarinho pegar. Mas – de dentro de mim: uma serepente. Aquilo me transformava, me fazia crescer dum modo, que doía e prazia. Aquela hora, eu pudesse morrer, não me importava.

[...]

Aí fui até lá, na beira dum fogo, onde Diadorim estava, com o Drumão, o Paspe e Jesualdo. Olhei bem para ele, de carne e ôsso; eu carecia de olhar, até gastar a imagem falsa do outro Diadorim, que eu tinha inventado. [...]. ‘Se é o que é’ – eu pensei – ‘eu estou meio perdido...’ Acertei minha ideia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim. Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! – com uma bala no lado de minha cabeça, eu num

átimo punha barra em tudo. Ou eu fugia – virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia todas as estradas (ROSA, 2001, p. 307-308).

#### ANÁLISE:

Esse trecho é muito significativo. Nele é possível visualizar o resumo da angústia de Riobaldo frente ao seu próprio sentimento por Diadorim. Para uma investigação criteriosa, faz-se necessário aqui utilizarmos a categoria de análise *Significado das palavras*, com o intuito de resgatarmos algumas lexias indicativas de uma possível crise de identidade masculina na personagem protagonista.

Já no início, Riobaldo assume estar tomado pela presença de Diadorim: “*O nome de Diadorim, que eu tinha falado, permaneceu em mim. Me abracei com ele.*”. Isso o leva a, imediatamente, ter uma vontade de poder declarar o seu amor pelo “companheiro”, desejo esse logo liquidado pela força historicamente simbólica da representação da sua masculinidade no contexto em que se encontra: “*“Diadorim, meu amor...’ Como era que eu podia dizer aquilo?”*. Essa pergunta que Riobaldo fez a si mesmo é uma busca de escapatória para o impasse. E a solução que ele encontra é o sonho, uma realidade criada, pois, somente em outra realidade, ou seja, em outro contexto social que não o patriarcal e fora do seu grupo de jagunços, ele poderia encontrar paz e coragem para assumir esse amor. Tatarana invoca na imaginação a imagem de uma situação em que ele e Diadorim estivessem longe de todos, ou seja, distante desse universo polarizado em que eles se encontravam. Só assim eles não seriam julgados pelo “crime” de “sem-vergonhice” ou “perversão”. Vejamos as passagens onde isso ocorre claramente: “*Explico ao senhor: como se drede fosse para eu não ter vergonha maior, o pensamento dele que em mim escorreu figurava diferente, um Diadorim assim meio singular, por fantasma, apartado completo do viver comum, desmisturado de todos, de todas as outras pessoas – como quando a chuva entre-onde-os-campos. Um Diadorim só para mim. Tudo tem seus mistérios. Eu não sabia. Mas, com minha mente, eu abraçava com meu corpo aquele Diadorim – que não era de verdade. Não era? A ver que a gente não pode explicar essas coisas*”. Lexias que preenchem o CS *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*. Vivendo a sós com Diadorim, Riobaldo não precisaria, como ele mesmo diz, “ter vergonha maior”, pois estariam, ambos, livres de toda carga simbólica que a representação do “macho ideal” possui no ambiente altamente patriarcal da jagunçagem. Essa “vergonha” aqui encontrada e que volta e meia visita a protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001) é abarcada pelo CS *A negatização da homossexualidade*.

A sequência da fala de Riobaldo narra a sua volta à realidade. Ele sente a necessidade de se dirigir até a Diadorim real e contemplá-la para poder se desfazer daquele sonho ao mesmo tempo bonito e angustiante. Baseados na categoria de análise *Significado das palavras*, vemos: “*Aí fui até lá, na beira dum fogo, onde Diadorim estava, com o Drumão, o Paspe e Jesualdo. Olhei bem para ele, de carne e ôsso; eu carecia de olhar, até gastar a imagem falsa do outro Diadorim, que eu tinha inventado*”. Mas se depara com uma realidade ainda mais dura, a mesma personagem do sonho, só que dentro de um contexto social patriarcal e pertencente a um bando de jagunços: “*‘Se é o que é’ – eu pensei – ‘eu estou meio perdido...’*”.

A partir desse momento, recorreremos não somente à categoria de análise *Significado das palavras*, como também à categoria *Interdiscursividade* para mostrarmos como o discurso de Riobaldo aciona o discurso do patriarcado, que por sua vez é inspirado em um modelo de masculinidade hegemônica e conduzido por uma incessante defesa da honra. A tentativa de Tatarana agora é de, forçosamente, retornar aos enquadramentos que o contexto histórico-social ao qual pertence lhe impõe, garantindo assim o seu pertencimento e a sua aceitação no grupo de jagunços: “*Acertei minha ideia: eu não podia, por lei de rei, admitir o extrato daquilo. Ia, por paz de honra e tenência, sacar esquecimento daquilo de mim*”. Lexias que se inserem em dois CSs, a bem saber: *O jagunço como um anti-híbrido* e *A negatização da homossexualidade*. A confissão da personagem se inicia com a oração “acertei minha ideia”, como se tudo o que ela houvesse pensado antes fosse errado, impróprio. Riobaldo, então, conclui a sua fala com soluções trágicas para o caso de não conseguir se livrar de tamanha “indecência” – ou fugir, ou se matar. Lê-se: “*Se não, pudesse não, ah, mas então eu devia de quebrar o morro: acabar comigo! – com uma bala no lado de minha cabeça, eu num átimo punha barra em tudo. Ou eu fugia – virava longe no mundo, pisava nos espaços, fazia todas as estradas*”. Passagens que também se inserem nos mesmos dois CSs referidos imediatamente acima.

#### DÉCIMO FRAGMENTO DA OBRA:

Vai, vai, uma hora eu perguntei a Diadorim: – ‘*A Mulher dissesse alguma coisa?*’ Isto eu não sabia por que era que estava indagando. Aí eu não queria ciência de se a Mulher tivesse falado alguma coisa trivial. Eu quisesse achar de saber – era se ela alguma doidice de profecias havia de ter pronunciado? Diadorim disse: – ‘*Não.*’ Mas ele devia de estar curtindo outro instar de outro assunto. Sustido eu sabia: o que era dele sempre pensar – o imaginável

de Otacília... Depois de remedir o tamanho de um silêncio, ele mesmo veio: – *E o Alaripe, mais o Quipes; aonde foi que ficaram?* Esse ciúme de Diadorim, não sei porque, daquela vez não me deu prazer de vantagem. E eu desdenhei, na meia-resposta: – *Por aí...* – que eu disse. Aí era o cão da noite, que meu beijo indicava. Vagalumes, mais de milhar. Mas o céu estava encoberto, ensombrado. Sofisimei. Meio arrependido do dito, puxei outra conversa com Diadorim; e ele me contrariou com derresposta, com o pique de muita solércia. Me lembro de tudo. O que me deu raiva. Mas, aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pêjo nenhum, era por causa da hora – a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? Eu tinha recordação do cheiro dele. Mesmo no escuro, assim, eu tinha aquele fino das feições, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia. Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar... E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra. Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas? Mais em antes se matar, em luta, um o outro. E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei. –... *Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos...* –; o disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz um verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado. – *O senhor não fala sério!* – ele rompeu e disse, se desprazendo. ‘O senhor’ – que ele disse. Riu mamente. Arrepio como recaí em mim, furioso com meu patetear. – *Não te ofendo, Mano. Sei que tu é corajoso...* – eu disfarcei, afetando que tinha sido brinca de zombarias, recompondo o significado. Aí, e levantei, convidei para se andar. Eu queria airar um tanto. Diadorim me acompanhou. (ROSA, 2001, p. 592-593, grifos do autor).

#### ANÁLISE:

Finalizando as nossas análises, escolhemos um fragmento bastante representativo da flexibilização do modelo masculino de Riobaldo. Ciente dos ciúmes de Diadorim em relação a ele e Otacília, Tatarana responde meio indiferente a uma pergunta do seu “parceiro” de guerra, mas, tomado por seu sentimento afetivo por “ele”, logo se arrepende. E o que se vê

depois disso é um dos momentos mais ilustrativos da forte atração existente entre essas duas personagens.

Aplicando a categoria de análise *Significado das palavras*, conseguimos visualizar em muitas lexias a confissão que Riobaldo faz ao senhor doutor, detalhando a este o quanto ele gostava de Diadorim com o corpo e com a alma. Inicialmente, vê-se a raiva momentânea de Riobaldo pelos ciúmes de Diadorim se desmanchar em puro desejo: “Mas, *aos poucos, essa raiva minou num gosto concedido*. Deixei em mim. Digo ao senhor: se deixei, sem pêjo nenhum, era por causa da hora – a menos sobra de tempo, sem possibilidades, a espera de guerra. Ao que, alforriado me achei. *Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma?*”. Observa-se que Riobaldo resolve mais do que nunca se entregar a esse sentimento, temendo não ter mais tempo de vivê-lo com o seu “amado”, é o que destacamos da pequena parte de “*Deixei em mim*”, até “*...a espera de guerra*”. Riobaldo, naquele instante, em plena batalha contra o bando de Hermógenes e Ricardão, é tomado por uma ligeira impressão de que poderá não ter outra chance para amar Diadorim. Diante de uma possibilidade de morte, resolve se jogar nos braços das suas sensações, pois, como ele mesmo afirma: “Ao que, alforriado me achei”. Tatarana vê na possibilidade do fim, uma libertação, uma coragem maior para deixar tomar-se de amor pelo “outro jagunço”. Essas lexias compõem o CS *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*.

Ao passo que a cena segue Riobaldo intensifica a descrição do seu desejo por Diadorim e de como os detalhes do corpo do seu “amigo” lhe chamavam a atenção: “*Eu tinha recordação do cheiro dele*. Mesmo no escuro, assim, *eu tinha aquele fino das feições*, que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da ideia”. Parte que reforça a hibridez de Tatarana e se insere também no mesmo CS imediatamente citado acima.

A sequência da cena revela fortemente o dilema em que Riobaldo se encontra. Para visualizarmos melhor esse fato, recorreremos às categorias de análise *Significado das palavras*, que nos garante uma abordagem específica em relação aos léxicos apresentados nos fragmentos do romance, e *Interdiscursividade*, pela qual é possível compreender que Tatarana rompe a lógica do modelo rígido de uma masculinidade hegemônica cultivada no seio de uma sociedade patriarcal rural e, muito particularmente, entre soldados da jagunçagem, para confessar a sua fortíssima atração por “outro homem”, como vemos em trechos como: “*Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume no pescoço*: a lá, aonde se acabava e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza – o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é, para destino destinar...”. Aqui empregamos o CS A

*homossexualidade como pulsão física*, além de, mais uma vez, utilizarmos o CS *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*, no qual também se inclui o pequeno fragmento em que o protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001) amarga a força que a influência de seu contexto social deposita sobre ele e se percebe, mais uma vez, aprisionado nos próprios sentimentos: “E eu tinha de gostar tramadamente assim, de Diadorim, e calar qualquer palavra”.

A necessidade de se guardar esse segredo é estimulada em Riobaldo pela reflexão sobre “o proibido”, que por sua vez é construído pelo velho discurso patriarcal e pelas inflexíveis normas da masculinidade hegemônica: “*Ele fosse uma mulher, e à-alta e desprezadora que sendo, eu me encorajava: no dizer paixão e no fazer – pegava, diminuía: ela no meio de meus braços! Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação – por detrás de tantos brios e armas?*”. A inaceitabilidade de dois homens se amarem nesse ambiente da jagunçagem conduz Tatarana a pensar numa solução trágica: “*Mais em antes se matar, em luta, um o outro*”. Lexias que se inserem em pelo menos três CSs – *O jagunço como um anti-híbrido*, *A negatização da homossexualidade* e *O amor entre homens como uma ameaça à hegemonia masculina*. Este último CS, com base nas lexias apresentadas, nos faz pensar como dois guerreiros jagunços nunca podem se amar e se envolver fisicamente, pois isso destruiria os seus poderes no tipo de sociedade que integram e no grupo da jagunçagem. Ser homossexual significaria ser efeminado, e sabemos que toda feminilidade nesse contexto representa fraqueza. As armas, um dos traços diacríticos que compõe o conteúdo cultural da etnia jagunça, colaborando na criação da sua identidade, é um símbolo de poder que só pode, nesse caso, ser usufruído por um homem heterossexual. A impressão que as palavras de Riobaldo nos causa é que é preferível dois guerreiros mortos, a dois fracassados e desonrados. Relembremos: “*Mais em antes se matar, em luta, um o outro*”. A *interdiscursividade* está muito presente nesse trecho. Como ocorre durante toda a estória do romance selecionado, o discurso oscilante de Riobaldo cede espaço para o discurso hegemônico.

Ainda seguindo com a utilização da categoria de análise *Significado das palavras*, destacamos fragmentos onde a força do desejo e do sentimento de Riobaldo por Diadorim vence, momentaneamente, a profunda influência do discurso secular: “E tudo impossível. Três-tantos impossível, que eu descuidei, e falei. –... Meu bem, estivesse dia claro, e eu pudesse espiar a cor de seus olhos... –; o disse, vagável num esquecimento, assim como estivesse pensando somente, modo se diz um verso. Diadorim se pôs pra trás, só assustado”. Vê-se que Riobaldo “falou como uma mulher”, fazendo uso de expressões consagradas pelo

social como próprio do universo feminino, um tipo de dialeto de gênero sustentado por uma ideologia que diz ser feminino o que se fala em tom poético e sensível. Lexias que se encaixam perfeitamente no CS *Fissuras no modelo rígido de masculinidade*.

Tomado pelos comentários intimidatórios de Diadorim, Riobaldo tenta consertar o significado da sua declaração, mentindo ter sido uma brincadeira e atribuindo ao seu “amigo” uma característica muito comum entre os jagunços, a coragem: “*O senhor não fala sério!* – ele rompeu e disse, se desprazendo. ‘O senhor’ – que ele disse. Riu mamente. *Arrepio como recai em mim, furioso com meu patetear. – Não te ofendo, Mano. Sei que tu é corajoso... – eu disfarcei, afetando que tinha sido brinca de zombarias, recompondo o significado. Aí, e levantei, convidei para se andar. Eu queria airar um tanto. Diadorim me acompanhou*”. Após a interdição feita por Diadorim sobre a fala de Riobaldo, cobrando dele uma postura tida como a “correta” para um jagunço, Tatarana retoma o diálogo apostando num tipo de dialeto de gênero considerado como do mundo dos homens, para poder preencher a lacuna que se abriu entre ele e o discurso masculino hegemônico. A fúria de Tatarana para consigo mesmo se deve, claro, a uma influência de um padrão que insiste em manter fixadas as masculinidades de todos os jagunços. Portanto, as lexias que envolvem o retorno do discurso do protagonista do *Grande Sertão: Veredas* (2001) aos moldes seculares cabem no CS *O jagunço como um anti-híbrido*, amparado pela categoria de análise *Interdiscursividade*.

**Capítulo 5****CONCLUSÕES?**

*Não me venham com conclusões!*  
*A única conclusão é morrer* (PESSOA, 2006, p. 356).

Álvaro de Campos (Heterônimo de Fernando Pessoa)

O senhor mire veja: como concluir algo sobre um livro que termina com o símbolo do infinito? Como encerrar diálogos e visões sobre assuntos tão importantes e em constantes transformações e ampliações? As categorias gênero e etnicidade são terrenos altamente férteis que, ao longo dos anos, vêm fomentando profundos debates e ampliando os seus horizontes com perspectivas e significados cada vez mais complexos.

Esta pesquisa primou pelo estudo dessas categorias de uma maneira que possibilitasse um enriquecedor diálogo entre elas, visando a alcançar um resultado satisfatório sobre o objeto escolhido.

Não soa bem falarmos em conclusões, mas em compreensões mais amplas do que as que outrora foram conquistadas por outros estudos que nos serviram de material de pesquisa. Concluir sugere um testemunho de fechamento daquilo que, ao que tudo indica, ainda será bastante debatido e ampliado até se chegar a um ponto satisfatório em um tempo que a história não pode prever.

Escolhemos a literatura como o ponto de partida para as nossas reflexões, por acreditarmos no seu valor cultural e no seu poder de influência social. Sobre ela recaem algumas considerações importantes, descobertas no desenvolvimento deste trabalho: a literatura se relaciona com a sociedade de uma maneira muito íntima, criando no leitor uma sensação de verdade, que se revela através da verossimilhança e possibilita refletirmos sobre o social, através da ficção e vice-versa; uma obra literária sempre contém aspectos ideológicos e discursivos do seu autor, ou na parte estilística, ou no conteúdo, justamente por ser o artista um ator social dotado de experiências pessoais e coletivas; para que uma produção artística se realize, completamente, ela necessita de uma estrutura formal bem elaborada, caso contrário, a verossimilhança ficará comprometida; a literatura é uma instituição, cujos discursos produzidos colaboram na construção da estrutura social, reproduzindo ou questionando

ideologias, que estão a serviço do poder; o elemento externo (o social) se une à estrutura interna do texto, formando um todo significativo que voltará a dialogar com a sociedade, modificando-lhe as estruturas; a literatura é um *lócus* de tecnologias de gênero, pois contribui para a construção das representações de gênero, atribuindo aos atores sociais valores e hierarquias, que simbolizam os privilégios de uns em detrimento dos direitos de outros.

*Grande Sertão: Veredas* (2001) reúne todas as técnicas literárias necessárias para um diálogo com a sociedade. Ao criar dois personagens híbridos (Riobaldo e Diadorim), o seu autor promove discursos não polarizados de gênero, fazendo com que a sua obra cumpra a função tecnológica de estimular pensamentos e ações mais flexíveis relacionados a essa categoria. O livro reproduz um discurso secular patriarcal e uma visão androcêntrica de mundo, mas, para questioná-los, buscando atingir a complexidade histórica, social e política do problema através de outras maneiras de entender os gêneros e as sexualidades que não apenas pelos caminhos de uma polarização.

O citado romance contribui ainda para novas reflexões sobre a etnicidade, na medida em que trabalha com personagens jagunços, os quais se veem pertencidos a um grupo que reúne o compartilhamento de uma origem, de valores, significados e símbolos em comum, e se identificam, sobretudo, pela supervalorização da honra e da virilidade, o que gera um realce das suas identidades ultra-masculinas.

Após analisarmos dez fragmentos da obra, percebemos que Riobaldo possui uma admiração profunda por modelos masculinos representados em outras personagens que ele considera como sendo “homens de verdade”. Quase sempre jagunços, esses homens sobressaem no discurso de Tatarana como símbolos de coragem, honradez e onipotência, e, geralmente, são descritos pelo protagonista em palavras ou termos que remetem a ideias de dureza, força e poder, ou vêm associados a características animais que os aproximam do significado de “homem-macho”. A principal forma de Riobaldo se sentir desconfortável em relação a si mesmo é justamente por não se ver incluído neste modelo gendrado.

Há, na mentalidade de Riobaldo, uma espécie de idealização da figura do jagunço, uma definição pronta, um modelo do qual ele e Diadorim são levados a fugir. Nessa concepção, o jagunço é entendido como um ser ultra-masculino, despido de identidades femininas, um tipo básico de pouca conversa e intimidade, e que tem na honra o seu principal critério para fazer justiça com as próprias mãos.

O discurso de Tatarana nos apresentou dados de grande relevância. No mesmo instante em que ele admite estar saindo do lugar de macho – o que não ocorre apenas quando se relaciona com Diadorim, mas também no contato com outras pessoas – é logo interrompido

por uma necessidade de reafirmação das suas identidades masculinas. Viu-se, então, que a sua fala, por vezes, flexível, é perpassada por um discurso hegemônico, muito rígido, cultivado por uma sociedade patriarcal rural, que negativa a homossexualidade e, segundo a ACD, possui uma estrutura de poder que o empurra de volta para o seu “lugar de origem”, para o caminho tido como “o certo”.

Alguns dos “desvios” do padrão de macho vividos por Riobaldo apresentaram elementos discursivos que, na historiografia literária, quase sempre foram vistos como sendo próprios do universo feminino, a exemplo da alta sensibilidade poética ao contemplar cenários naturais e do perfil confessional do seu discurso.

O desejo de Riobaldo por Diadorim, por vezes, se torna algo quase incontrollável, o que reflete em falas ainda mais transgressoras, que intensificam a aparição de dialetos de gênero considerados femininos.

Um dos pontos mais importantes revelados pelas nossas análises foi que a identidade étnico-gendrada de Riobaldo reclama um tipo de masculinidade não aceita pelo seu grupo, levando-o a reprimir tal característica sob a pena de ser rejeitado e desmoralizado. Toda vez que Tatarana é levado a sair de um modelo rígido de macheza e valorizar o seu lado híbrido, a jagunçagem o força a voltar para os moldes dicotômicos. Ser jagunço no *Grande Sertão: Veredas* (2001) é ser macho, heterossexual, valente e corajoso, portanto, se a personagem sai desse padrão, ela acaba se tornando, nesse contexto, um ser sem identidade, deslocado de um meio. A construção étnica do jagunço depende dessa masculinidade como requisito principal, pois, na falta deste elemento, não é possível uma aceitação coletiva, o que também gera, pelo menos em Riobaldo, uma rejeição do próprio indivíduo para consigo mesmo. É a força simbólica do macho jagunço que, nas relações com outros grupos, manterá ativadas as fronteiras sociais.

As intensas angústias sentidas por Riobaldo emergem de um discurso acentuadamente instável, que possui um tipo de contradição muito visível: valorizar o padrão de macho dos jagunços, sentindo-se empoderado e aceito no grupo; ou admitir que não se enquadra nesse padrão, entregando-se aos julgamentos sociais esterilizantes. Esse dilema é alimentado por uma preocupação atormentadora para a personagem: ser visto pelo seu grupo como um efeminado, alguém inferior, fraco. O modelo masculino de Tatarana passa por diversas fissuras, no entanto, sempre há como referência de correção um outro tipo de masculinidade – a hegemônica, que o persegue insistentemente. Por essa razão, confirmamos a nossa hipótese de que o protagonista do *Grande Sertão: veredas* (2001) sofre uma crise de identidade masculina. Ele não é um homem feminino que assumiu ser assim, ou seja, não está

meramente transitando dentro do seu gênero, mas, um ser que procura agir como um macho – ainda que nem sempre consiga –, tentando atender às expectativas de todo um contexto histórico-social patriarcal-rural e renegando as sensações que o colocariam publicamente numa posição de “subalternidade”. A recorrente tentativa de atender ao social faz de Riobaldo um oprimido. Ele ainda pensa o masculino como um lugar fixo e de centro, o que gera no seu comportamento uma espécie de autovigilância. Mas, como essa crise é revelada? Certamente, ela nasce da relação de Riobaldo com Diadorim, quando esta desestabiliza os valores hegemônicos presentes naquele, colocando-o em conflito com a própria sexualidade. Embate ideológico que permanece quando ele reflete sobre o assunto, mesmo depois de findada toda a sua história como jagunço no sertão de Minas Gerais e da sua trágica separação de Diadorim. A crise continua durante o seu diálogo-monólogo com o senhor-doutor, personagem que cumpre o papel de interlocutor. Riobaldo, mais uma vez, é forçado a pensar no assunto, porque há alguém que o escuta.

Atentos aos “efeitos de realidade”, criados pela ficção de Guimarães Rosa (2001) somos instigados a imaginar a personagem “senhor doutor” como sendo uma representação do próprio autor no romance, o que cria a ideia de interlocução do ficcionista com ele mesmo – o eu conversando com o outro eu. Basta lembrar que Rosa era médico e, na cultura brasileira, costuma-se chamar esse tipo de profissional de doutor. Fora isso, ele pode ser entendido como **o estrangeiro**, que, de passeio pelo sertão, conviveu com jagunços, escutando deles muitas histórias. Este episódio encontra correspondente na realidade factual, pois, em 1952, João Guimarães Rosa participou de uma expedição, ao lado de vaqueiros e jagunços, pelo sertão de Minas, o que lhe rendeu uma série de anotações sobre a cultura local, a linguagem, a flora e a fauna da região e, claro, as histórias e estórias narradas por esses sertanejos. Uma leitura possível que encontra reforço em outro livro do mesmo escritor, cujo título é *Manuelzão e Miguilim*, uma obra de duas novelas, na qual uma delas (a estória da vida de Miguilim, uma criança) traz como cena final a ida de Miguilim para uma cidade em busca de melhores condições de vida. E quem o leva é justamente um doutor que usava óculos, exatamente, como era Guimarães, um médico de formação que fazia uso desse objeto pessoal. Demonstrações de intertextualidade entre os livros do autor.

Aqui se finda(?) esta pesquisa, fruto de muito estudo e discussões que, ao longo de um percurso de dois anos, nos surpreendeu com desconfianças – “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa” (ROSA, 2001, p.31) – e descobertas preciosas sobre os universos literário, de gênero e de etnicidade. Com sua licença, João Guimarães Rosa: Travessia.



## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *Nordestino: invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940)*. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).
- ALMEIDA, Abilio Mendes de; BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *A honra como reafirmação da identidade masculina no conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa*. **Revista Ártemis**, UFPB, jul.-dez. 2014, vol. XVIII, n. 1, p. 239-250. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/22549/12512>>. Acesso em: 30 dez. 2014.
- ANDRADE, Vera Lúcia. Conceituação de Jagunço e Jagunçagem em Grande Sertão: Veredas. In: COUTINHO, Afrânio. *Coleção Fortuna Crítica 6 Guimarães Rosa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991. p. 491-499.
- BANDEIRA, Manuel. Grande Sertão: Veredas. In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A., 1996. p. 511-513.
- BARBOSA, Adriana Maria de Abreu. *Ficções do feminino*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2011.
- \_\_\_\_\_. Dialeto de gênero, sociedade e mídia. In: FÓRUM DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS. (FELIN), 9., 2010, Rio de Janeiro. Atas... Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/27.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2015.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. Trad. Élcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011. p. 187-227.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). *Psicologia Social do Racismo: Estudos Sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 25-57.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
- CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. *Masculinidade hegemônica: Repensando o Conceito*. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. **Estudos Feministas**, UFSC, Florianópolis, jan.- abr. 2013, v. 21, n. 1. p. 241-282. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014/24650>>.  
Acesso em: 10 jan. 2015.

DIJK, Teun A. van. Estruturas do discurso e estruturas do poder. In: DIJK, Teun A. van; HOFFNAGEL, Judith; FALCONE, Karina (orgs.). *Discurso e Poder*. Trad. Rodrigo Castro. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 39-85.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Coord. de tradução Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

GIL, Beatriz Daruj. A mulher no léxico da canção de consumo: um discurso polarizado. In: MELO, Iran Ferreira de (org.). *Introdução aos estudos críticos do discurso: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. p. 189-202.

GIL, Gilberto. *Realce*. CD faixa 3. Warner Music, 1979.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Trad. Suzana Funck. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-238.

LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa*, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 27-61.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma Perspectiva Pós-Estruturalista*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MARTINS, Anderson Bastos. O suicídio do autor. In: SOUZA, Eneida Maria de; LaGUARDIA, Adelaine; MARTINS, Anderson Bastos (orgs.). *Figurações do íntimo (Ensaio)*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013. p. 45-53.

MATTA, Roberto da. *Tem pente aí?: Reflexões sobre a identidade masculina*. **Enfoques**: Revista semestral eletrônica dos alunos do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ. Rio de Janeiro, vol. 9, n.1, agosto de 2010. p.134-151. Disposto em: <<http://www.enfoques.ifcs.ufrj.br>>. Acesso em: 20 dez. 2015.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. 5. ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOREIRA, Daniel Augusto. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NOLASCO, Sócrates. *O Mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

\_\_\_\_\_. Masculinidade, media e violência. In: *Comunicação e Política*. Rio de Janeiro: Cebela, vol. I, n. 2, dez. 1994-mar.1995, p. 299-311.

PESSOA, Fernando. Lisbon Revisited. In: PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Vol. único. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Aguilar, 2006. p. 356.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Élcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2011.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008. Coleção Preconceitos; v. 5.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 19º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

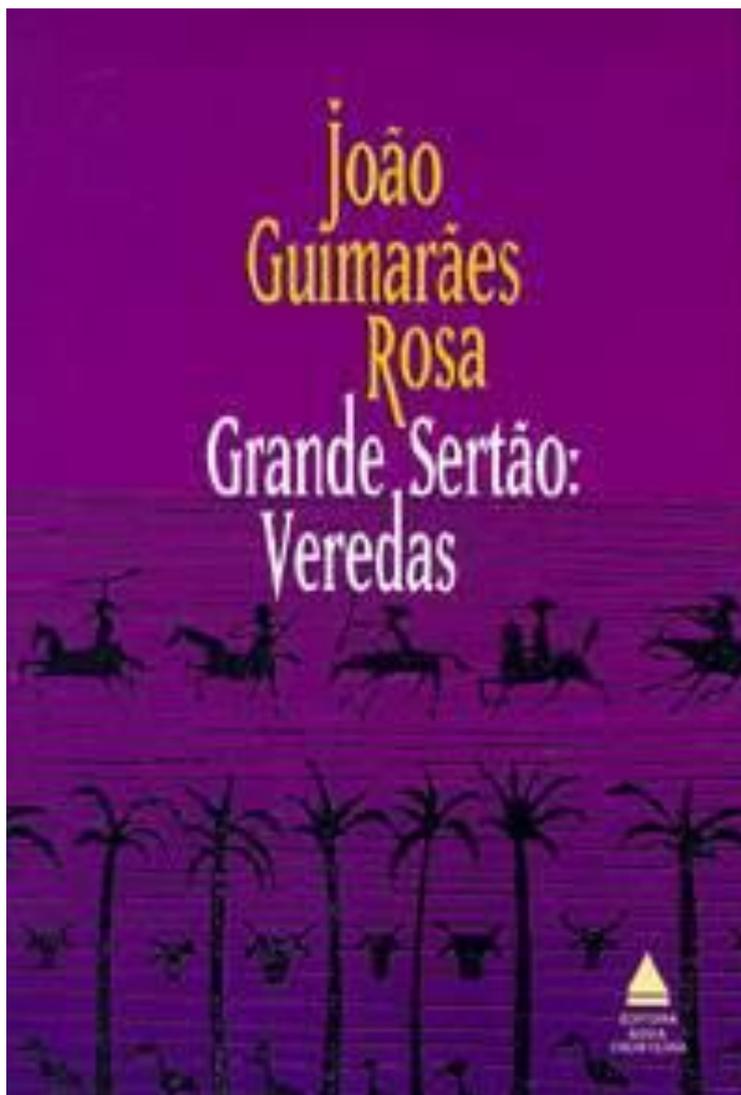
SCHIMIDT, Rita Therezinha. Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber. In: RAMALHO, Christina. (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. p. 38.

SCOTT, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. **Educação e Realidade**. Trad. Guacira Lopes Louro. Porto Alegre, vol. 20, n° 2, jul./dez. 1995, p. 71-99.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, P (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 63-95.

VELOSO, Caetano. *Livro*. CD faixa 2. Universal Music, 1997.

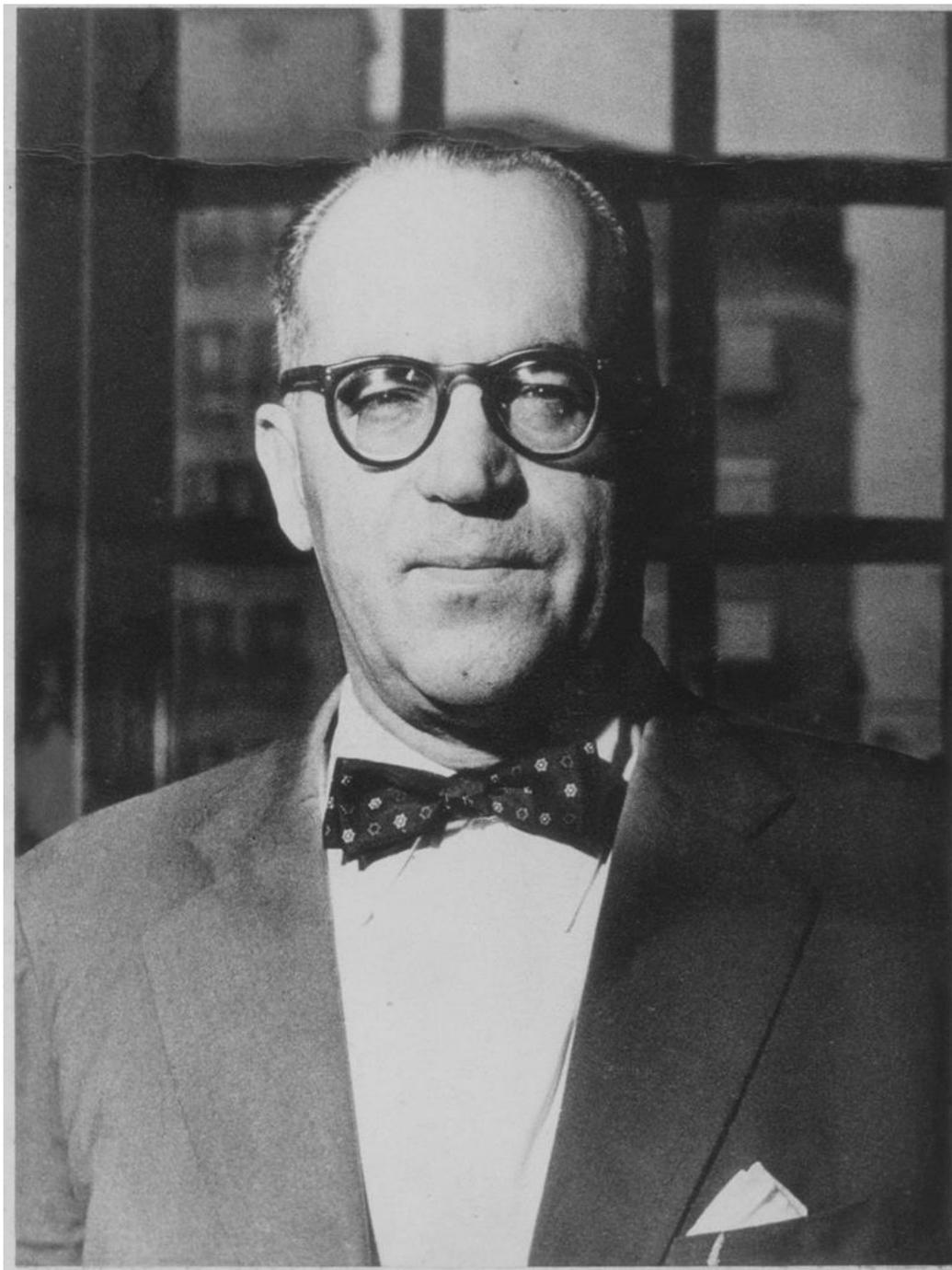
# **ANEXOS**



Capa da 19ª edição do romance *Grande Sertão: Veredas*

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREk1V4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgcr=5octrZBDB1wdM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREk1V4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgcr=5octrZBDB1wdM%3A)



João Guimarães Rosa

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbn=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgdii=FVPgoaVJUoQDPM%3A%3BFVPgoaVJUoQDPM%3A%3BYK3TeFIPT0Sk3M%3A&imgrc=FVPgoaVJUoQDPM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbn=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgdii=FVPgoaVJUoQDPM%3A%3BFVPgoaVJUoQDPM%3A%3BYK3TeFIPT0Sk3M%3A&imgrc=FVPgoaVJUoQDPM%3A)



João Guimarães Rosa (o terceiro da esquerda para a direita), acompanhado de vaqueiros e jagunços durante uma expedição pelo sertão de Minas Gerais, no ano de 1952. Durante esse acontecimento Rosa se preocupou em fazer anotações minuciosas sobre o povo do sertão mineiro, seus costumes, sua linguagem, a flora e fauna locais, bem como registrou uma série de histórias e estórias contadas pelas personagens desse universo.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeImpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=zffQCmx7rwHfhM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeImpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=zffQCmx7rwHfhM%3A)



Expedição de vaqueiros e jagunços realizada pelo sertão mineiro, com a presença de Guimarães Rosa (o quinto da esquerda para a direita) em maio de 1952. Teve a duração de dez dias e foram percorridos cerca de 241 quilômetros. Na ordem: Sebastião Leite, Gregório, Zito, Manuelzão, Guimarães Rosa, Bindoia, Santana, Criolo e Chico Moreira em frente ao curral da Fazenda São Francisco, em Araçá. Foto: Eugênio Silva/O Cruzeiro/Arquivo EM).

**Fonte:**

<http://www.uai.com.br/app/noticia/e-mais/2015/08/04/noticia-e-mais,170268/unico-remanescente-da-expedicao-de-guimaraes-rosa-pelo-sertao-relembra.shtml>



Guimarães Rosa aprumando o cavalo. Expedição de 1952.

**Fonte:**

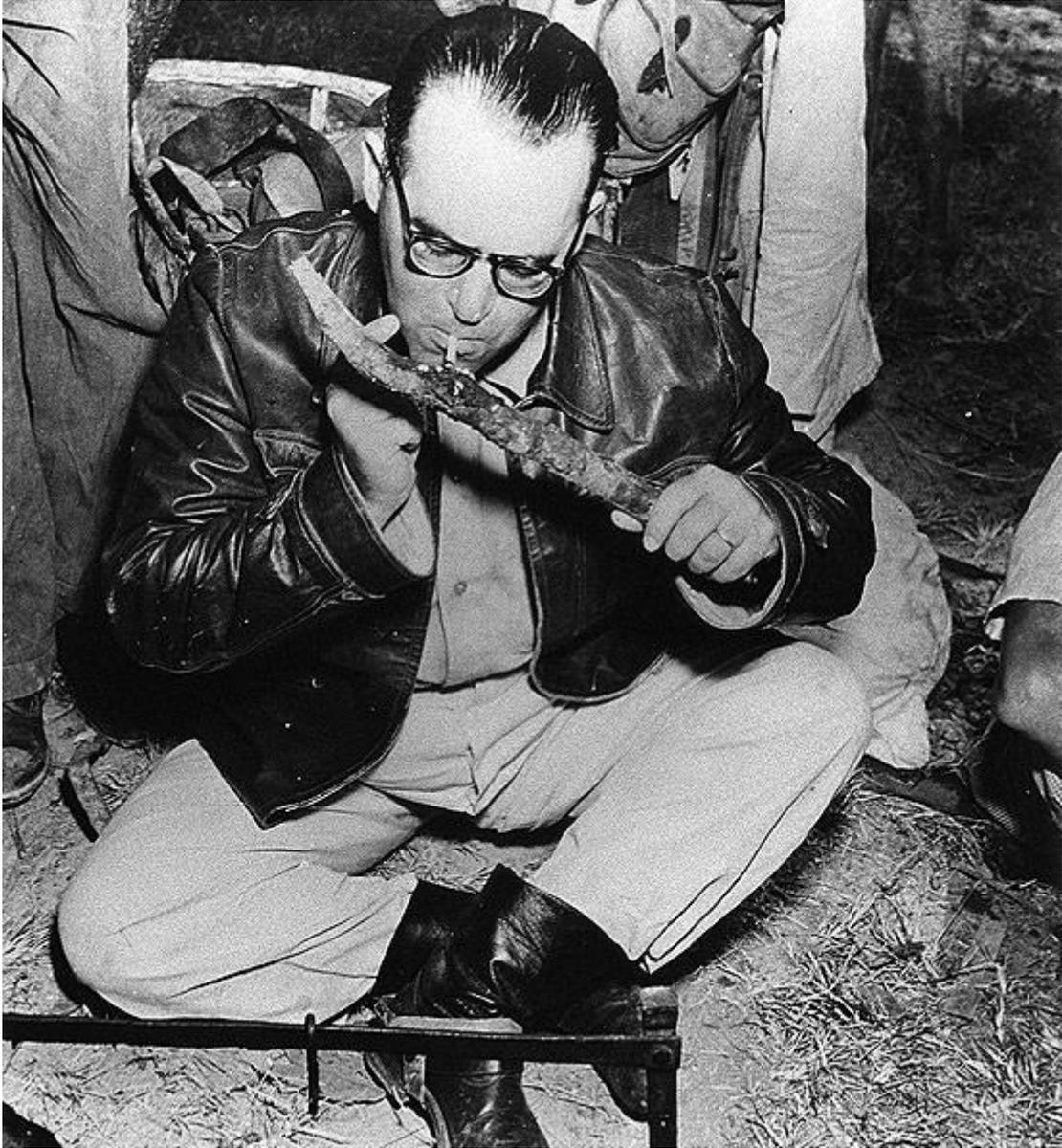
[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=J4p5QomVkIBG3M%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=J4p5QomVkIBG3M%3A)



Guimarães Rosa passeando a cavalo pelo sertão de Minas, durante a expedição de 1952.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=EGO13fD\\_vjHqcM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=EGO13fD_vjHqcM%3A)



Guimarães Rosa durante a expedição de 1952.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgdii=J4p5QomVkIBG3M%3A%3BJ4p5QomVkIBG3M%3A%3B7QHnI8jVzBMP5M%3A&imgcr=J4p5QomVkIBG3M%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgdii=J4p5QomVkIBG3M%3A%3BJ4p5QomVkIBG3M%3A%3B7QHnI8jVzBMP5M%3A&imgcr=J4p5QomVkIBG3M%3A)



Guimarães Rosa sendo servido por um vaqueiro durante a expedição de 1952.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgdii=EGO13fD\\_vjHqcM%3A%3BEGO13fD\\_vjHqcM%3A%3B1pVK07wL4kyDAM%3A&imgcr=EGO13fD\\_vjHqcM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgdii=EGO13fD_vjHqcM%3A%3BEGO13fD_vjHqcM%3A%3B1pVK07wL4kyDAM%3A&imgcr=EGO13fD_vjHqcM%3A)



Guimarães Rosa em seu escritório.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeImpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=LdjF6slQtw2XbM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeImpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#imgrc=LdjF6slQtw2XbM%3A)



Guimarães Rosa

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#tbn=isch&q=guimar%C3%A3es+rosa&imgcr=btFIS3PyI7Hu2M%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#tbn=isch&q=guimar%C3%A3es+rosa&imgcr=btFIS3PyI7Hu2M%3A)



João Guimarães Rosa (discurso de posse na Academia Brasileira de Letras). Em 16 de novembro de 1967.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#tbn=isch&q=guimar%C3%A3es+rosa%2Fescrevendo&imgdii=0TYL64UDWmEEvM%3A%3B0TYL64UDWmEEvM%3A%3BgZr7mK24h0FR-M%3A&imgrc=0TYL64UDWmEEvM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREkIV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#tbn=isch&q=guimar%C3%A3es+rosa%2Fescrevendo&imgdii=0TYL64UDWmEEvM%3A%3B0TYL64UDWmEEvM%3A%3BgZr7mK24h0FR-M%3A&imgrc=0TYL64UDWmEEvM%3A)



Guimaraes Rosa assinando o livro de posse da Academia Brasileira de Letras

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C\\_&usg=\\_\\_8rfze\\_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#tbn=isch&q=guimar%C3%A3es+rosa%2Fabi&imgc=6JUtgJEBfrsrhM%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+e+jagun%C3%A7os/imagens&biw=1366&bih=643&tbm=isch&imgil=LdjF6slQtw2XbM%253A%253BzRkmWomJ3M7fBM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.vermelho.org.br%25252Fnoticia%25252F275656-11&source=iu&pf=m&fir=LdjF6slQtw2XbM%253A%252CzRkmWomJ3M7fBM%252C_&usg=__8rfze_VIZ7QzJKREklV4GfiNqog%3D&ved=0ahUKEwjZ7MeJmpzNAhXJnJAKHUX8Dk8QyjcIJw&ei=4AlaV9n8Dsm5wgTF-Lv4BA#tbn=isch&q=guimar%C3%A3es+rosa%2Fabi&imgc=6JUtgJEBfrsrhM%3A)



Portal Grande Sertão (com oito esculturas em bronze). Localizado em Cordisburgo e inaugurado em 27/06/2010. Uma obra do artista Leo Santana em homenagem ao escritor João Guimarães Rosa.

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+no+escrit%C3%B3rio&biw=1366&bih=599&tbm=isch&imgil=Dbjk5Xx2M0SnbM%253A%253Bli6yqcSTUG8FeM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.elfikurten.com.br%25252F2013%25252F05%25252Fjoao-guimaraes-rosa-o-demiurgo-do-sertao.html&source=iu&pf=m&fir=Dbjk5Xx2M0SnbM%253A%252Cli6yqcSTUG8FeM%252C\\_&u sg=\\_\\_fZg6epTtG0mCxc6mfv4p54qWUHI%3D&ved=0ahUKEwiou6K0vaLNAhWBjJAKHWm8DPkQyjcIKQ&ei=O1RdV-ixHYGRwgTp-LLIDw#tbm=isch&q=portal+cordisburgo&imgdii=--6G8IX7uQiQ7M%3A%3B--6G8IX7uQiQ7M%3A%3BkF\\_P5EfKIgw7fM%3A&imgrc=--6G8IX7uQiQ7M%3A](https://www.google.com.br/search?q=guimar%C3%A3es+rosa+no+escrit%C3%B3rio&biw=1366&bih=599&tbm=isch&imgil=Dbjk5Xx2M0SnbM%253A%253Bli6yqcSTUG8FeM%253Bhttp%25253A%25252F%25252Fwww.elfikurten.com.br%25252F2013%25252F05%25252Fjoao-guimaraes-rosa-o-demiurgo-do-sertao.html&source=iu&pf=m&fir=Dbjk5Xx2M0SnbM%253A%252Cli6yqcSTUG8FeM%252C_&u sg=__fZg6epTtG0mCxc6mfv4p54qWUHI%3D&ved=0ahUKEwiou6K0vaLNAhWBjJAKHWm8DPkQyjcIKQ&ei=O1RdV-ixHYGRwgTp-LLIDw#tbm=isch&q=portal+cordisburgo&imgdii=--6G8IX7uQiQ7M%3A%3B--6G8IX7uQiQ7M%3A%3BkF_P5EfKIgw7fM%3A&imgrc=--6G8IX7uQiQ7M%3A)



Casa Guimarães Rosa (museu situado em Cordisburgo, cidade natal do escritor).

**Fonte:**

[https://www.google.com.br/search?q=museo+guimar%C3%A3es+rosa&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiB0rDox6LNAhVLhZAKHRe5BTUQ\\_AUIBygC#imgrc=JZgod8SwU6-b8M%3A](https://www.google.com.br/search?q=museo+guimar%C3%A3es+rosa&biw=1366&bih=643&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiB0rDox6LNAhVLhZAKHRe5BTUQ_AUIBygC#imgrc=JZgod8SwU6-b8M%3A)